Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 305 Quinta-feira, 5 de Março de 1987 Preço 40$00

Não são Bilhetes do Tesouro mas a corrida não pára

Lotaria Popular esgota a dez dias de andar a roda

Pág. 7

"IRANGATE"

REAGAN DECLARA-SE CULPADO

Ronald Reagan, que neste momento se encontra no ponto mais baixo da sua popularidade, assumiu esta madrugada «a responsabilidade total» no envolvimento da sua Administração no caso da venda de armas ao Irão e prometeu pôr «a casa em ordem». «Foi um erro», confessou ainda o Presidente norte-americano.

"Paguei caro pelo meu silêncio em termos de confiança"

Págs. 12 e 13

Denúncia do acordo de pescas no Guadiana

Lisboa preconiza dureza nas próximas negociações

A reconversação dos barcos é uma solução encarada pelos armadores

Governo português também pescou em águas turvas, acusa a Câmara de Vila Real de St.António

O Governo português continua a prometer dureza para as próximas negociações com Espanha no que se refere ao acordo de pescas do Guadiana. Mas é a própria posição dos nossos responsáveis pelo sector das pescas que já é posta em causa por algumas das partes envolvidas. E que há quem veja «águas turvas» em tudo o que se passou até agora.

Pág. 6

CHECOSLOVÁQUIA
perplexidade e conflitos internos

Pavel Tigrid
(jornalista de origem checa)

O partido comunista checoslovaco não brilha pela originalidade. Não foi por acaso que, no fim da última guerra ele adoptou a divisa: **«Com a União Soviética para a eternidade»,** *que ainda hoje se pode ver em todas as cidades e por todas as estradas do país e à qual o humor popular acrescenta:* **«De acordo, mas nem mais um minuto!»** *Qual foi então a reacção do apelo soviético à* **«reestruturação»** *actualmente defendida por Gorbachev, por parte da direcção de um partido que há dezanove anos solicitou a intervenção militar de cinco países «irmãos» para enterrar um projecto de reforma que lembrava sob muitos aspectos aquilo em que hoje se tornou o programa oficial dos soviéticos?*

A reacção é, numa palavra, ambígua e perplexa. É certo que depois de várias tentativas para amputar as passagens mais radicais dos discursos de Gorbachev, o órgão principal do PC checo reproduziu na íntegra a alocução do número um soviético sobre as modificações da política de enquadramento. Mas esse gsto deve-se, sem dúvida, à desagradável impressão cusada pelos cortes já feitos pela censura. Não só isso foi falado nos «media» ocidentais mas — coisa quase incrível — muitos checos se precipitaram para os quiosques de jornais em busca do **Pravda** moscovita. Pouca sorte. Ninguém encontrava o desejado número. A economia paralela entrou então em acção e, pela primeira vez há muito tempo, um jornal soviético surgiu à venda no mercado negro.

O quotidiano **Rude Pravo** consagrou ao discurso de Gorbachev um breve editorial, mas o essencial fora omitido. Não havia palavra sobre a proposta de instituir o voto por boletim secreto e de suprimir as candidaturas únicas nas eleições no seio dos órgãos do partido, nem sobre o alargamento dos poderes do tribunais e o reforço do controlo exercido sobre a Polícia. O órgão oficial dos comunistas checos resumia tudo isto numa pequena frase: **«O comité central do PCUS evocou a luta contra o formalismo na vida política, sem exceptuar o sistema eleitoral e outros aspectos.»** E para evitar todo o pânico nos camaradas checos, sublinhava-se que o processo de abertura **«se dirigia de cima para baixo»,** que não se tratava pois e uma tendência espontânea nem, sobretudo, da resposta a uma **«pressão das bases»,** mas sim de uma experiência controlada e canalizada pelo partido.

Reestruturação económica

Mais interessante era a exposição feita por Lubomir Strougal, presidente do conselho federal e membro do bureau político, a 27 de Janeiro passado, numa reunião de trabalho do comité central. Strougal também falou de uma **«reestruturação»,** principalmente do **«mecanismo da economia»,** mas num espírito claramente mais próximo do discurso de Gorbachev. Assim, afirmou logo de enrada, sem os habituais circunlóquios, que o desenvolvimento da economia checoslovaca **«não responde à nossa expectativa nem às nossas possibilidades efectivas».** O pouco progresso registado é **«demasiado lento».** Há uns quinze anos a taxa de crescimento do Produto Nacional Bruto caiu de 31,5% para 9,3%. O produto das somas investidas na indústria, cujo montante se manteve constante, diminuiu 25% desde 1975. A produtividade do trabalho também acusa uma curva descendente, só com um crescimento de 7,4% contra 27% em 1975.

Quais as causas dessa estagnação? Neste ponto, o primeiro-ministro checoslovaco fez-se eco do secretário-geral soviético: uma modernização demasiado lenta das empresas, uma má política de investimento, o gasto exagerado de matérias-primas, a má qualidade dos produtos acabados, o insuficiente abastecimento do mercado interno, o marasmo do comércio externo **«em face da concorrência muito forte dos produtos capitalistas»** (120% dos produtos destinados à exportação são recusados por **«não corresponderem às normas de qualidade»).** O índice do plano de Estado para o ano de 1986 **«não pôde ser realizado».** Em suma, o mecanismo económico no seu conjunto revela-se hoje **«pouco vantajoso».**

Uma reabilitação de Dubcek?

Para endireitar a situação, Strougal propôs — e o partido aprovou — mais uma **«reestruturação»** do que uma reforma dessa máquina em «panne». Será a terceira tentativa do género empreendida no espaço de trinta anos, mas até agora **«nunca se passou de tentativas».** Porquê?

A resposta de Strougal faz pensar. A reestruturação económica inaugurada na segunda metade dos anos 60 (isto é, o projecto elaborado pela equipa dos comunistas reformistas e posto em prática a favor da Primavera de Praga) continha, afirmou ele, **«numerosos elementos positivos que seria bom desenvolver para deles tirar partido na prática».** Para mais, essa **«experiência»** era **«o sinal da necessidade objectiva de uma reorientação progressiva da nossa economia nacional no sentido de um desenvolvimento intensivo.»**

O orador cuidou de se abrigar no debuxo ideológico, segundo o qual este bom princípio teria sido, em 1968, **«explorado para fins políticos».** Em todo o caso, a opinião expressa fica longe da tese ortodoxa que diz respeito á reforma tentada por Dubcek e pelos seus amigos, até agora interpretada como uma tentativa de restaurar um regime capitalista, a soldo do imperialismo mundial. Hoje, a acreditar em Strougal, a economia checoslovaca **«não tem escolha».** É necessário passar pelo **«desenvolvimento intensivo»** porque **«as pessoas estão descontentes com o seu mau nível de vida».**

Uma andorinha não faz a Primavera e o próprio Strougal reconhece que a «reestruturação» não só chocará em obstáculos como provocará **«conflitos».** Surgiram, de resto, alguns atritos durante a reunião, no discurso pronunciado por um membro ultraconservador do bureau político, Milos Jakes, que lembrou energicamente as **«lições da experiência». «O partido deve dominar o processo de reestruturação** sempre e em toda a parte. **Só se pode avançar rapidamente, com certeza e sem perigo, por iniciativa do partido e sob a sua direcção.»**

No princípio de Fevereiro, Vasil Bilak, secretário do comité central do PC checoslovaco, era ainda mais explícito num artigo publicado na primeira página do **Rude Pravo,** lembrando que a Primavera de Praga tinha por objectivo **«destruir as bases do socialismo, fazer o país recuar, enfraquecer toda a comunidade socialista...»**

SE OS JOVENS PUDESSEM...

Alfredo,
29 anos,
morador em Setúbal,
técnico assistente de ar condicionado

"Gosto da calma de Setúbal"

- Profissão escolhida, o foi o que se arranjou?
- Foi o que calhou, comecei a trabalhar aos 16 anos.
- Nasceu em Setúbal?
- Não, sou do Norte, mas aos 14 anos vim para cá, para trabalhar. Nessa altura era tudo muito pior.
- O que melhorou, de então para cá?
- Para mim apenas a situação económica.
- E a liberdade nos locais de trabalho, a legalização de sindicatos, por exemplo, não deu por nada?
- Sim, notei que houve na verdade mais liberdade nos locais de trabalho...
- Trabalha em Setúbal?
- Não, em Lisboa.
- Grandes diferenças entre Lisboa e Setúbal, existem?
- Eu não noto. Mas gosto mais disto, pela calma. Não gosto do movimento e da confusão que há em Lisboa.
- É uma pessoa pacata?
- Sou, não gosto de balbúrdias.
- Se pudesse, o que mudava em Setúbal?
- Nada, gosto da cidade assim, por isso moro cá.
- E o problema do desemprego, não o aflige?
- Sim, por isso fui trabalhar para Lisboa.
- Mas o problema mantem-se ainda para muita gente da cidade.
- Pois...

Fichas, ficheiros, etc...

Histórias de fichas e revelações sobre a existência e utilização de ficheiros vieram a lume a propósito da prisão de um «colaborador da DINFO» e dos processos que estão a ser julgados em Monsanto.

Sabemos que a questão das «fichas» de indivíduos militantes de partidos políticos foi debatida na Assembleia da República e que o ministro da Defesa Nacional negou que «a Divisão de Informações (DINFO) tenha promovido ou esteja a promover qualquer vigilância sobre partidos políticos ou a elaborar fichas sobre quaisquer indivíduos pelo facto de serem militantes deste ou daquele partido». Mas a negativa ministerial que, aliás, deixa em aberto qual o destino, à ordem de quem, o «colaborador da DINFO», organizara o inocente ficheiro, é acompanhada de uma referência evasiva mas concludente: os senhores deputados não deverão estar esquecidos de que, nos termos da lei aprovada pela Assembleia da República, ao Serviço de Informações compete a produção de informações. A DINFO não se envolvera em actividades menos lícitas, para o confirmar o CEMGFA (Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas), ordenara já que se procedesse a um inquérito. Obviamente, o inquérito dará razão e paz de alma ao ministro.

São conhecidos os factos: o recrutamento de mercenários portugueses para os GAL (grupos terroristas contras os bascos da ETA) e a actuação desses portugueses em território francês, levou à prisão de um «elemento ligado ao serviço de informações militares». Este tinha em seu poder fichas relativas a cidadãos nacionais filiados em partidos políticos. As fichas, além de fotografias, continham indicações sobre filiação, actividades, ligações, datas e locais de contactos. Dos fichados, a maioria eram filiados do PCP, mas havia, também, membros do PS e, segundo informação posterior, do PSD igualmente. Os responsáveis da DINFO reduziram o alcance da actividade do «agente informador» e recusaram qualquer responsabilidade na organização do ficheiro. Estava-se perante uma actividade contrária à Constituição da República. A DINFO lavava as mãos. As fichas, retiradas do processo do «agente informador», ficariam em «segredo de justiça». O «agente informador» seria reduzido à sua qualidade de «agente recrutador». Mas, também, no que se refere ao recrutamento de mercenários portugueses para praticarem acções de terrorismo, em território francês, contra militantes nacionalistas bascos, nem a DINFO nem a embaixada dos Estados Unidos, estariam completamente alheadas da questão.

As informações que correm, as revelações que vencem a cortina dos «segredos» — de Estado, de justiça, diplomáticos, políticos — confirmam que Portugal é um País permissivo e indefeso. São os próprios serviços nacionais que se envolvem em actividades estranhas. Estranhas pela sua natureza, estranhas à sua legal competência, e até estranhas aos interesses nacionais.

De qualquer modo o «colaborador da DINFO» — deixemos, por agora, os serviços de recrutador de operacionais às ordens do terrorista francês Jean Labade —, tinha em seu poder, e por ele elaborado, um «ficheiro». Não é de crer que estivesse a organizar esse «ficheiro» para ocupar tempos livres. Essa era uma tarefa encomendada por um serviço nacional? E nesse caso aquele com o qual mantinha ligações ou tinha um vínculo de colaboração? Por um serviço estrangeiro?

Não confiemos no esclarecimento cabal deste caso tenebroso. Mas fixemos — é o que parece incontestável —, que o «colaborador da DINFO» possuía um «ficheiro», que nas suas fichas figuravam indicações sobre actividades e contactos de membros de partidos políticos. Que essa colheita de informações é ilícita, que é anticonstitucional, é um ponto que não oferece dúvidas. A Assembleia da República manifestou-se nesse sentido.

Este «caso» constitui um alerta que é preciso ter em conta. Aos vários serviços de informações — S.I.R., S.I.M. (DINFO), S.I.E.D. — e aos ficheiros de que disponham ou estejam a organizar, há que somar, para nossa intranquilidade colectiva, outras fichas que permanecem em arquivo ou vão sendo precipitadamente preenchidas. É o caso das **fichas políticas** da Polícia Judiciária.

A existência dessas fichas, ou de referências políticas em fichas relativas a eventuais praticantes de acções terroristas, foi denunciada no julgamento do Tribunal de Monsanto. As alegações de defesa do advogado Artur Marques, publicadas com o título «Prender pelo ficheiro» corroboram, com referências comprovativas, a existência de **fichas políticas,** ou com indicações de natureza política, para uso da Polícia Judiciária, designadamente do seu braço operacional: D.C.C.B.

Referiu o dr. Artur Marques, nas alegações proferidas e publicadas, que do réu José Manuel Moutinho Teixeira no processo se afirma: «fez parte do P.R.P.»; sobre o réu José Joaquim Sequeira Linhas informa-se: «terá pertencido ao P.R.P.». Estes simples exemplos são indicativos de uma orientação policial: ter anotadas as filiações e actuações políticas dos indivíduos, utilizar essas indicações para a partir delas actuar. Os fichados são à partida suspeitos. «O «ficheiro» existe e serve para fornecer listas de presumíveis culpados. O que parece uma condição de «organização» dos serviços, converte-se numa ameaça para a liberdade individual. Cada qual, uma vez inscrito nas fichas, converte-se num permanente suspeito, num eventual culpado.

Regressamos a métodos policiais, inquisitoriais, que dificilmente se integram no estatuto de uma sociedade democrática. Com pretextos vários — o da segurança nacional, o da eficiência dos serviços — criam-se estruturas, adoptam-se metodologias, aceitam-se práticas — que, passo a passo, vão criando um «Estado policial». E não se invoque, para justificar o deslize sucessivo para a «situação policial», a circunstância do «Estado de direito democrático» carecer de defesas. A melhor defesa da Democracia é a «prática democrática». E nunca a Democracia poderá ser defendida com o desrespeito dos direitos individuais, com a violação da privacidade e da liberdade, com a universal promoção da espionagem.

As revelações que se tornaram públicas com o caso do «colaborador da DINFO», das suas actividades internacionais, da liberdade de movimentos em Portugal de um organizador de operações terroristas e recrutador de mercenários, as confusões (ou as coincidências) entre elementos de segurança de uma embaixada e aventureiros para todo o serviço, suscita as mais legítimas preocupações.

Não é só a permissividade, ou a cumplicidade que protege actividades delituosas, que umas vezes as consente, que algumas vezes as protege, que permitimo-nos recear, as promova para controlar, infiltrar ou estimular. São as fichas e os ficheiros que renovam o universo policial, que limitam as liberdades individuais, invadem a esfera das opções políticas, desprezam disposições da Constituição. São os «serviços» — no plural — e as suas fichas singulares sobre cidadãos politicamente referenciados. A que se destinam essas fichas? Será que servem, no momento oportuno, para «prender pelo ficheiro»?

A PALAVRA COM

A multiplicação do pão

Cabral d'Araujo

Pelo Decreto-Lei 293 — A/86, de 1 de Setembro, a dupla Álvaro Barreto/Amaro de Matos, antigo quadro da CUF, no seu sector de transformação de cereais, exercendo, por delegação, a tutela da EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais), mutilou o património desta empresa em mais de 20 milhões de contos, segundo estimativas vindas a público, para a criação da Silopor, com um capital social de 3,5 milhões, destinada à exploração das instalações portuárias.

Por já ter sido focado por vários articulistas o facto desta resolução ter sido tomada completamente ao arrepio da opinião de abalizadas autoridades, tais como o eng.º Fragoso de Almeida, indigitado para presidente do Conselho de Administração da Silopor, que entende ser inseparável, incindível, a rede portuária (Trafaria, Beato, Montijo, Seixalinho e Leixões) da rede regional, pela necessidade de se ter de proceder ao loteamento de cereais importados, entre si e com os nacionais, além de que, sendo insuficiente a capacidade da rede regional, a portuária seria de complemento, até porque a grande indústria transformadora está concentrada perto de Lisboa e Leixões, não iremos aqui insistir neste ponto.

A nossa reflexão é hoje solicitada para um outro facto que parece ser único no mundo: forma-se uma empresa, uma sociedade anónima com o capital representado, portanto, por acções, que, ainda antes de começar a funcionar, já valem seis vezes mais — compare-se o capital social (3,5 milhões de contos) com o valor do património (mais de 20 milhões). E isto não é feito pelo desvario ou arteriosclerose de um qualquer Rockefeller à portuguesa, é processado pelo nosso Conselho de Ministros, com o beneplácito da Assembleia da República, visto que o texto das alterações propostas ao plenário nada modifica quanto às questões de fundo, designadamente no que se refere ao capital **versus** património.

E, o que é mais grave, é que se está a esbanjar dinheiro do Estado, a respeito do qual se deveria ter em conta que o é de todos nós.

Depois de muito pensarmos, de deitarmos livros abaixo, só fomos capazes de encontrar um único paralelo na História, mas o exemplo que nos veio à mente foi um milagre e passou-se há perto de 2000 anos. Deve, contudo, ter contribuído também para esta associação de ideias, para esta crença na capacidade extra-sensorial de Álvaro Barreto, a leitura do «Diário de Notícias» de 11/12/86, onde aconselha a cultura de leguminosas (plantas exigentes) em solos fracos para cereais de sequeiro (menos exigentes que aquelas).

Álvaro Barreto e os milagres

Pese embora aos cristãos, e apesar do respeito que nos merecem, temos que admitir que Álvaro Barreto e o seu acólito Amaro de Matos se quiseram igualar a Cristo e aos Seus Apóstolos, à custa do nosso dinheiro.

Para que não fiquem dúvidas a ninguém, sobre tal similitude de situações, vale a pena resumir aqui esta passagem do Evangelho de S. Marcos (Mc. 8), encabeçada pelo título **Jesus sacia 4000 pessoas:** «Naqueles dias, como do novo se concentrasse uma grande multidão e não tivessem que comer, Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: ...Quantos pães tendes? Sete, disseram. Ordenou então que a multidão se sentasse e, tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e entregou-os aos discípulos para que eles os distribuissem à multidão. Comeram até à saciedade e, dos pedaços que sobejaram, recolheram sete cestos»

Este evangelista também fala, ao mesmo tempo, na multiplicação de alguns peixinhos. Aqui é que Álvaro Barreto não repete o milagre, antes pelo contrário, os peixinhos diminuem e só os tubarões se têm multiplicado nas águas turvas da nossa política.

Quem conhecer um pouco do que tem sido o comércio dos cereais em Portugal é levado a perguntar-se como é possível que levem tal destino dinheiros provenientes do consumidor, do industrial, do produtor (que, além da contribuição predial, contribuiu para a construção da armazenagem da FNPT) e, até, de estrangeiros, como os americanos com a sua linha de crédito, a falada P.L. 480, em que parte da nossa dívida, pela importação de cereais, era saldada pela conversão em subsídio, a fundo perdido, para a construção de armazenagem.

Mário Casquilho fala ao "DL" em vésperas do Encontro Nacional

MDP NÃO SE DEIXA PERTURBAR POR PRESSÕES DO PCP

O Encontro Nacional do MDP que se realiza este fim de semana em Lisboa vai ser decisivo para o futuro da coligação APU. Embora este órgão tenha que cumprir diversas obrigações estatutárias, o mais importante será a posição que terá de tomar face às negociações entre o MDP e o PCP para a renovação da APU relativamente às eleições autátquicas, além da aprovação de directivas com vista à eventual participação autónoma deste partido em eleições legislativas e eleições para o Parlamento Europeu. As negociações entre os dois partidos prosseguem, não sendo de excluir que se prolonguem até às vésperas do Encontro Nacional..

Estas negociações tiveram nos últimos tempos alguns progressos, conseguidos à custa de cedências mútuas. Inicialmente o PCP afirmava que a APU autarquias só teria sentido se fosse válida para todos os círculos eleitorais e essa era uma posição irredutível. A partir de determinada altura admitiu excepções, sem prejuízo do carácter nacional da coligação, na qual o MDP, segundo o dirigente Mário Casquilho, estava também empenhado.

«Esta posição, afirmou-nos aquele responsável, ia no sentido daquilo que fundamentalmente apontava o nosso Encontro Nacional e abria caminho para que outros aspectos das negociações, como mecanismos de elaboração de listas, resolução de diferendos, funcionamento da coligação, etc. fossem abordados».

Quanto à situação actual das negociações sabe-se que neste momento estão em apreciação pelos dois partidos modalidades concretas de solução dos problemas já referidos, esperando-se que até ao Encontro Nacional essa plataforma esteja conseguida.

Significa isto que o acordo está virtualmente alcançado?

Não é seguro que assim seja como se pode depreender pelas afirmações de Mário Casquilho.

«Isto quer dizer que vamos chegar ao Encontro Nacional com uma plataforma acordada entre as direcções dois dois partidos, que terá de ser ratificada, ou não, pelo Encontro Nacional, ou com a impossibilidade de encontrar uma plataforma»

Formalmente as negociações em curso referem-se apenas às autárquicas mas tudo está interligado porque o PCP, quer nas reuniões com o seu parceiro, quer publicamente, tem-se referido às legislativas, reservando-se o direito de por em causa o acordo quanto às autárquicas se o MDP não participar na renovação da coligação ou não o fizer em tempo útil, o que não corresponde às teses defendidas pelo MDP.

«Pela parte do MDP não há ligação necessária entre o acordo para as autárquicas e o acordo para as legislativas. O Encontro Nacional irá decidir sobre o primeiro no conhecimento de que eventualmente ele poderá ser posto em causa pelo PCP se não se renovar a coligação para as legislativas».

Interrogado sobre as origens dos problemas existentes com o PCP, Mário Casquilho afirmou que o essencial das situações de «mau estar» resultaram dos problemas surgidos na elaboração de listas para as camaras municipais, assembleias e juntas de freguesia, que eram elaboradas por forma que «não era admissível» pelos militantes do MDP.

«Quando não se chegava a acordo as decisões eram tomadas em plenaários de activistas da APU, onde era fácil fazer triunfar os pontos de vista do PCP. O MDP não põe em causa o maior peso que o PCP quer ter nas decisões. Simplesmente o que não podemos admitir é que isso seja um peso leonino. Foi contra isso que o Encontro se pronunciou frontalmente».

Que pensa a direcção do MDP sobre o recente comunicado do PCP?

«A nosso ver é um comunicado infeliz e só pode ter como explicação a necessidade da direcção do PCP salvar a face perante os seus militantes e perante a opinião pública. Teria sido muito mais natural e correcto

apresentar a solução alcançada como um ponto de encontro da preocupação de ambos os partidos».

Poderá este comunicado ter efeitos sobre o Encontro Nacional?

«Se o objectivo era de alguma maneira exercer pressão sobre os militantes do MDP e sobre o Encontro Nacional, foi contraproducente, e por isso inábil. De qualquer modo o Encontro Nacional terá a serenidade suficiente para não se deixar perturbar por esta posição pública do PCP e vai concerteza tomar a posição mais correcta tendo em conta os interesses do partido e da democracia».

Neste quadro todos os desfechos são possíveis, mas admite-se que, apesar de todos estes incidentes à margem, o acordo para as autarquias possa concretizar-se. Esta parece ser a vontade da grande maioria dos militantes do MDP só que «não estavam dispostos a que esta coligação continuasse a funcionar nos termos em que estava e cuja modificação entendiam necessária como condição de sobrevivência da coligação».

Cooperação com Portugal defendida por delegação de S.Tomé

A cooperação entre Portugal e S.Tomé e Princípe foi considerada muito útil pela presidente da Assembleia Popular daquele país africano, que ontem chegou a Lisboa para uma visita de quatro dias à frente de uma delegação parlamentar, que se desloca a Portugal a convite do presidente da Assembleia da República.

Em declarações feitas à chegada, Alda Graça do Espírito Santo salientou os sectores da saúde e da educação como exemplos de «cooperação frutuosa» entre os dois países.

Durante a permanência em Portugal, a delegação terá contactos com o Presidente da República, presidente da Assembleia da República, ministro adjunto e dos assuntos parlamentares, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e presidente da Câmara de Lisboa.

Embaixador da Holanda visita a Madeira

O embaixador da Holanda, Albert van der Klaaun, iniciou uma visita de uma semana à Região Autónoma da Madeira. Ontem reuniu-se com o presidente da Assembleia Regional da Madeira, Nélio Mendonça, estando também previsto um encontro com Alberto João Jardim. Nestes encontro têm sido discutidos assuntos relacionados com a CEE.

INSTITUTO REGULADOR E ORIENTADOR DOS MERCADOS AGRÍCOLAS
SERVIÇOS DE MATADOUROS
DIVISÃO DE TRANSPORTES
Concurso Público n.º 1/M/DT/87

1 — Fornecimento de dez viaturas ligeiras

2 — Consulta do Caderno de Encargos, todos os dias úteis de 2.ª a 6.ª feira, das 10.00 às 12.00 e das 14.00 às 16.30 horas, no IROMA, Divisão de Transportes, Rua Padre António Vieira, n.º 1, 6.º andar — Lisboa, a partir do dia 5 de Março de 1987

3 — Entrega de propostas:
No local indicado no ponto 2, até às 17.30 horas do dia 7 de Abril de 1987

4 — Abertura de propostas:
No local indicado no ponto 2, com início às 10 horas do dia 8 de Abril de 1987

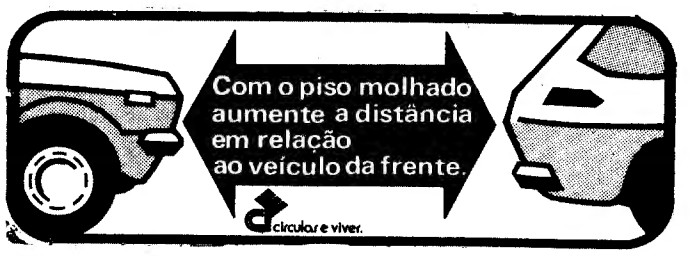
5 — A caução exigida será de 200 000$00 para admissão a concurso.

O Presidente
(assinatura ilegível)

INATEL
TEATRO DA TRINDADE
Sexta-feira, 6 de Março às 21.30 H.
Sábado, 7 de Março às 16.00 H.
Representação da Peça de Francisco Assis *"MISSA LEIGA"* pelo "Grupo de Teatro de Carnide".
ENTRADA GRATUITA

A "TALUDA" DO CARNAVAL
— 44179 —
100 000 CONTOS
FOI VENDIDA NA **CASA VIOLA**

A SEGUIR:
ENTRADAS DE LOTARIA
100 BILHETES INTEIROS, PELO MENOS 30 DESTES BILHETES SERÃO PREMIADOS.
CASA VIOLA A SORTE QUE «TOCA»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO



ESQUERDA LANÇA APELO À PARTICIPAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Mais de 300 individualidades de variados quadrantes políticos, abrangendo dirigentes de partidos como o PS, PRD, PCP, MDP/CDE, «Os Verdes» e a UDP, independentes de esquerda e militares de Abril, assinam um «apelo às comemorações populares do 13º aniversário do 25 de Abril», destacando ser «dever de todos os democratas comemorar» aquela data, «em que, após uma longa tirania, o povo reconquistou a liberdade».

No apelo, subscrito pela Comissão Executiva das comemorações, afirma-se ainda que estas «têm sido, ao longo dos anos, motivo para uma afirmação democrática» e destaca-se que «da derrota das forças restauracionistas nas eleições presidenciais resultou uma mais larga convivência cívica e uma maior confiança no futuro do 25 de Abril como força da liberdade».

«Com o 25 de Abril emergimos do obscurantismo cultural e do atraso económico e técnico-cientifico, mas de um dia para o outro não eliminámos as nefastas consequências do salazarismo», diz-se ainda no «apelo», que acrescenta: «A consolidação da democracia portuguesa corresponde aos interesses do povo português» (...) «pelo 25 de Abril, prosseguindo a caminhada, teremos a liberdade política, a melhoria das condições de vida, a participação democrática, a justiça social. São conquistas e objectivos que nos cumpre defender e plenamente realizar: por isso devemos, mais uma vez unidos em torno dos ideiais de Abril, reafirmar a vontade política de avançar democraticamente na via do desenvolvimento económico, social, cultural, bem como na realização da justiça social».

E o «apelo» termina: «Recordando os militares de Abril, e todos os resistentes que ergueram a bandeira do combate ao salazarismo, há que olhar o futuro, para as jovens gerações, para os jovens que nasceram para a vida no Portugal de Abril e aos quais se impõe passar o testemunho. Os signatários deste apelo têm consciência de que, sem distinções de ideologia, crença ou militantismo político cimentam, na pluralidade, uma convergência nacional e patriótica em defesa dos ideiais do 25 de Abril; por isso apelamos à realização, com a maior dignidade cívica, da festa da democracia e da liberdade. É também um apelo à fraternidade, à paz, pela independência e pelo progresso de Portugal».

Entre as individualidades que subscrevem o «apelo» contam-se Abílio Curto, Alcina Bastos, Alda Nogueira, Álvaro Rana, Ana Gonçalves, Ângelo Veloso, António Feu, António Fonseca Ferreira, António Galhordas, António Guterres, António Marques Junior, Aquilino Ribeiro Machado, Artur Cunha Leal, Carlos Aboím Inglês, Carlos Brito, Carlos Costa, Carlos Fabião, Carlos Lage, Edite Estrela, Edmundo Pedro, Eduardo Cortesão, Emídio Guerreiro, Fernando Piteira Santos, Ferraz de Abreu, Fisher Lopes Pires, Francisco Costa Gomes, Francisco Salgado Zenha, Helena Cidade Moura, Helena Roseta, Henrique de Barros, João Abel Manta, João Hogan, José Cardoso Pires, José Carlos Vasconcelos, José Luís Judas, José Manuel Torres Couto, José Medeiros Ferreira, José Saramago, José Tengarrinha, Kalidás Barreto, Manuel Alegre, Manuel Tito de Morais, Maria Glória Padrão, Mário Aguiar, Mário Dionísio, Mário Murteira, Mário Neves, Mário Tomé, Martins Guerreiro, Miller Guerra, Miranda Calha, Nuno Teotónio Pereira, Octávio Pato, Óscar Lopes, Pezarat Correia, Raúl de Castro, Sousa e Castro, Rogério Paulo, Rosa Coutinho, Sanches Osório, Sottomayor Cardia, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco da Gama Fernandes e Vasco Gonçalves.

Conselho de Defesa aprovou conceito de estratégia militar

O Conselho Superior de Defesa Nacional aprovou, na sua reunião de ontem, o «conceito de estratégia militar» e confirmou algumas promoções de oficiais generais no Exército, Força Aérea e Marinha, entre elas a do antigo ministro, Loureiro dos Santos.

O «conceito de estratégia militar» vai agora ser apresentado à comissão parlamentar de Defesa pelo ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida.

Entre as promoções aprovadas na reunião, a que presidiu o Presidente da República, contam-se a dos brigadeiros do exército, Loureiro dos Santos e Cabral Couto, a general, dos contra-almirantes Rodrigues Consulado e Fuzeta da Ponte, a vice-almirantes, do brigadeiro da Força Aérea, Teixeira de Jesus, a general e dos coronéis da mesma arma, Viega Palmas, Zea Bermudez e Antunes Leitão, a brigadeiros.

Visita à Escola de Fuzileiros

A Comissão parlamentar de Defesa visitou esta manhã a escola de Fuzileiros, em Vale de Zebro.

A visita inseriu-se no programa anual de contactos daquela comissão com unidades e estabelecimentos militares, tendo constado de uma sessão de cumprimentos de boas-vindas, de um «briefing» pelo comandante do Corpo de Fuzileiros, da observação de dispositivos militares em actividade e de uma deslocação ao museu do fuzileiro.

Congressista americano pede inclusão do Dia de Portugal no "Calendário Étnico"

O Dia de Portugal poderá ser incluído no próximo ano no «Calendário Étnico» do conselho das étnias norte-americanas do Partido Democrata, se for acolhido um apelo nesse sentido lançado pelo congressista Barney Frank, representante do Estado de Massachussets.

No seu apelo, Barney Frank considera que o 10 de Junho tem «um significado especial para a comunidade luso-americana», lembrando que o 1º de Dezembro já figura no «Calendário Étnico».

«O Dia de Portugal comemora não só o falecimento do autor internacionalmente reconhecido Luís Vaz de Camões, mas também simboliza o grande contributo que os portugueses tiveram em todos os campos das realizações humanas», escreve o congressista.

Parlamento debate situação da mulher

O Parlamento vai debater e votar hoje o relatório elaborado pela comissão da Condição Feminina sobre a situação da mulher em Portugal.

O documento, elaborado sem a participação do CDS, propõe, entre outras medidas, que seja realizado um debate público sobre a participação da mulher nas Forças Armadas em regime de voluntariado — medida recentemente aprovada na comissão parlamentar de Defesa, no âmbito da Lei do Serviço Militar.

O relatório defende ainda a necessidade de serem tomadas medidas contra as discriminações da mulher no trabalho e na vida política e realça «a violência exercida sobre as mulheres».

A comissão parlamentar da Condição Feminina reivindica ainda no relatório o direito de se pronunciar sobre todas as iniciativas legislativas que envolvem problemas específicos da mulher.

Constâncio encontra-se com Willy Brandt

Vitor Constâncio descerrará no domingo, em Bad Muenstereifel, na República Federal da Alemanha, uma lápide evocativa da fundação do Partido Socialista português.

O PS foi fundado naquela localidade em 19 de Abril de 1973 por socialistas na clandestinidade ou residentes em países europeus.

O secretário-geral do PS, que parte no sábado para a RFA acompanhado por Tito de Morais, vai encontrar-se dois dias depois, em Bona, com o Presidente do SPD e da Internacional Socialista, Willy Brandt.

Diz Dias Loureiro

PS e PRD estão com "grande desnorte"

O secretário-geral do PSD, Dias Loureiro, afirmou ontem que o PS e o PRD estão com «grande desnorte» perante o evoluir da situação política.

O dirigente social-democrata, que falava à Imprensa num intervalo da reunião da Comissão Política do seu partido, sublinhou que o Governo, apoiado pelo PSD, «cumpriu todos os objectivos que tinha prometido» nos aspectos económicos e sociais.

Para Dias Loureiro, «a evolução económica em 1986» levou a que fossem cumpridos «os objectivos que o Governo tinha traçado» e isto «não só pela conjuntura internacional favorável» mas principalmente «por mérito da actuação do Governo».

Quanto aos principais partidos da Oposição, este responsável partidário frisou que, com a evolução da situação política, o PS e o PRD estão enredados num «grande desnorte» o que os leva «a não saber o que hão-de fazer». Concretizando, disse Loureiro que o PS tem passado das afirmações de oposição sistemática ao Governo à confissão recente de que «até ao próximo mês de Maio não sabe o que há-de fazer». A seguir uma interrogação: «O que seria de nós se esse partido fosse Governo»?

De seguida, o secretário-geral do PSD louvou a acção do seu partido no campo da juventude junto de quem «tem os seus créditos perfeitamente firmados». Sobre a crise estudantil... «é perfeitamente claro que o PCP está a provocar «instabilidade no seio dos estudantes».

A reunião da Comissão Política do PSD foi presidida por Cavaco Silva e, para além de ter analisado a situação política global, esteve a programar a festa de aniversário do partido.

Acordo fronteiriço entra ou não em vigor?

ARMADORES DO GUADIANA CULPAM SECRETARIA DE ESTADO DAS PESCAS

● *Reunião decisiva esta semana para desbloquear o impasse*

A reunião prevista para esta semana entre armadores portugueses e espanhóis da fronteira do Guadiana poderá dar novo rumo à situação em que o acordo de pescas se encontra: assinado por representantes portugueses e espanhóis em Dezembro findo, corre o risco de só em 1 de Junho entrar em vigor, de facto. Entretanto, a Secretaria de Estado das Pescas (SEP) e o INIP preparam-se para esclarecer os armadores e pescadores algarvios sobre a questão. Estes acusam a SEP de não ter agido com lisura na parte final deste processo, secundando de algum modo a posição espanhola.

Mas para a SEP o «problema de fundo» é muito claro: há legislação nacional a respeitar e ela prevê o defeso, entre 1 de Março e 31 de Maio, da pesca com ganchorra — ao langueirão e à conquilha.

O vereador João Faustino Ribeiro, da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, afirmou esta manhã ao «DL» que o Governo português mostrou «má-fé» em todo a parte final do processo, concretamente na remessa dos barcos autorizados a pescar em águas algarvias, segundo os termos do acordo. Para ele, é «inadmissível que as autoridades portuguesas tenham demonstrado tamanha incúria e tal inépcia na listagem, dando uma má imagem do próprio Estado».

A situação traz apreensivos os pescadores da zona fronteiriça do Guadiana cuja actividade depende do acordo assinado há quase dois meses por delegações de ambos os países, em Sevilha, e reafirmado pelo secretário de Estado português da tutela, Jorge Godinho, uma semana depois. «O mínimo que se exigia — acrescenta João Faustino Ribeiro — era que a listagem dos barcos fosse feita em tempo útil, de modo a que o acordo entrasse em vigor e, agora sim, pudesse ser interrompido, dada a legislação nacional que prevê um período de defeso da pesca com ganchorra».

Aquele vereador acusa a Secretaria de Estado das Pescas de incúria e adianta um exemplo: o do barco «Nunca é Tarde», que foi licenciado para a pesca de cerco em Espanha — consagrada no acordo fronteiriço do Guadiana —, mas pouco ou mal apetrechado para tal. Segundo ele, o proprietário diz não estar interessado, porque o seu barco está matriculado, e é um facto, com quatro toneladas de arqueação bruta. João Faustino Ribeiro pergunta: «Mas será com licenciamentos de barcos deste tipo que vamos competir na pesca?»

O ponto seis do acordo

A reunião prevista para esta semana, entre armadores portugueses e espanhóis, deverá desbloquear o problema — admite-se em círculos piscatórios algarvios. É essa a convicção que reina em Vila Real de Santo António, apurou esta manhã o «DL». Desconhece-se a via que eventualmente venha a ser adoptada nesse sentido, se bem que a memória nos avive o facto de ainda recentemente a fronteira Ayamonte-Vila Real de Santo António ter sido «cortada» pelos barcos do arrasto que bloquearam os dois cais.

Por ora ignora-se o futuro do acordo de pescas que devia ter entrado em vigor no passado domingo mas que os espanhóis recusam, alegando que só em Junho estarão preeparados para tal. «É grave a situação, porque nós não vamos pescar lá e eles não vêm pescar cá. Não lidamos com os nossos parceiros com a lisura que as circunstâncias exigiam», disse ainda aquele vereador da CM de Vila Real de Santo António.

Na sua óptica, a questão é muito simples, bastando — para a compreender — atentar no ponto seis do próprio acordo assinado em Sevilha: «o acordo fronteiriço do Guadiana, válido até 31 de Dezembro de 1995, poderá ser modificado por acordo entre ambas as partes e a pedido de uma delas.»

«É uma lei que desconhecemos»

O presidente da Associação dos Armadores do Guadiana disse existir «pouco interesse» por parte da Secretaria de Estado das Pescas em levar para a frente o acordo fronteiriço. Fernando Matias adiantou, por outro lado, que não sabia da existência de um período de defeso para pesca do langueirão e conquilha, isto é, pesca com ganchorra.

A exigência portuguesa do respeito por esse período de defeso compreendido entre 1 de Março e 31 de Maio foi a razão pela qual o acordo fronteiriço de pescas do Guadiana não entrou em vigor na data prevista, ou seja, 1 de Março.

«É uma lei que desconhecemos. Não sabemos quando foi feita nem quem a fez, pois não fomos consultados para o efeito» — afirmou aquele armador.

Para Fernando Matias tal como aconteceu em relação aos armadores do Guadiana «também os espanhóis foram apanhados de surpresa» por essa legislação.

Nos termos do acordo firmado no final do ano passado em Sevilha, os pescadores de cada lado da fronteira seriam obrigados a respeitar a legislação do País onde exercessem actividade.

Contudo, os espanhóis decidiram suspender unilateralmente o acordo por considerarem inaceitável o período de defeso prescrito na legislação portuguesa.

Também em declarações à Lusa, o presidente da Câmara de Vila Real de Santo António afirmou considerar o acordo em vigor exigindo o seu cumprimento por ambas as partes.

Entretanto, está prevista para esta semana uma reunião entre os armadores portugueses e espanhóis abrangidos pelo acordo com o objectivo de debaterem a situação.

Presidente dos Armadores desconhece "lei do defeso"

A lei que determina o defeso dos mariscos bivalves na costa algarvia existe, de facto, e já há muito tempo. Fernando Matias admitiu ontem, em Vila Real de Santo António, desconhecer a existência de legislação de defeso dos mariscos bivalves.

O chefe do Estado-Maior da Zona Marítima do Sul, comandante Vieira Coelho, confirmou a sua existência. Também o vereador João Faustino Ribeiro, da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, disse esta manhã ao «DL» que a lei existe, de facto, mas nem todos a conheciam.

Segundo o comandante Vieira Coelho, antes da publicação da legislação agora invocada, existia uma sobre o defeso dos bivalves que ia ao ponto de interditar, por completo, o arrasto de bivalves a Oeste da Ribeira de Quarteira.

Essa interdição foi motivada por exaustão dos **stocks,** só tendo sido levantada com a actual legislação que permite a pesca em toda a costa algarvia, à excepção do período de defeso — compreendido entre o dia 1 de Março e 31 de Maio.

Portugal assumirá uma posição «de grande firmeza» quanto ao diferendo de pescas provocado pela süspensão unilateral do acordo fronteiriço do Guadiana feito pela Espanha — disseram ao fim da manhã fontes próximas do secretário de Estado das Pescas.

Segundo os espanhóis, a parte portuguesa teria prometido que o problema do período de defeso seria revisto antes da entrada em vigor do acordo. De acordo com a parte portuguesa, nada disso foi abordado nas negociações, e ainda menos escrito no texto final.

A acta do acordo, nas versões portuguesa e espanhola, não refere de facto o problema do período de defeso nem a sua revisão.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando o réu SOCIEDADE QUIMICO INDUSTRIAL PORTUGUESA, LDA, para no prazo de 20 dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a autora pede a condenação da ré na quantia de 894 233$90 e respectivos juros à taxa legal, desde a citação, tudo em conformidade com a petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição do citando.

Acção Ordinária n.º 1348 2.ª Secção.

Autor a RENAULT GEST — SOCIEDADE DE COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, SARL, com sede na Av.ª Infante D. Henrique, 349-A, Apartado 8093 em Lisboa.

Réu SOCIEDADE QUÍMICO INDUSTRIAL PORTUGUESA, LDA, com a última sede conhecida na Av.ª 24 de Julho n.º 40, 1200 Lisboa.

Lisboa, 20/2/1987

O Juí de Direito,
as Jaime Manuel Belém Santana Guapo

Pel'O Escrivão de Direito,
as) Carolina I. Loureiro Almeida Pinto

«DL» — 5/3/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 99/86, em que é Autora Maria do Céu Caçador Aguiar e Co-Rés MARIA MANUELA SANTOS LÁZARO e AURÉLIA FERREIRA SANTOS LÁZARO, as quais tiveram a última residência conhecida na Rua Vale Formoso de Cima, 134, respectivamente no 2.º e 4.º Esq.º em Lisboa e neles encontra-se designado o dia 10 de Março de 1987 pelas 10.00 horas, para a realização de Julgamento Singular, que seguirá termos à sua revelia se não se fizerem representar em Tribunal.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1987

O Juíz de Direito

(As. Dr. António Sérgio Abrantes Mendes)

O Escrivão Adjunto

(Luís Manuel Faria Antunes

«DL» — 5/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 99/86, em que é Autora Maria do Céu Caçador Aguiar e Co-Ré MARIA MANUELA CALDEIRA DE SOUSA, a qual teve a última residência conhecida na Rua Vale Formoso de Cima, 134-5.º F-Lisboa e neles se encontra designado o dia 10 de Março de 1987 pelas 10.00 horas, para a realização de Julgamento Singular, que seguirá os termos à sua revelia se não se fizer representar em Tribunal.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1987

O Juíz de Direito

(As. Dr. António Sérgio Abrantes Mendes)

O Escrivão Adjunto

(Luís Manuel Faria Antunes

«DL» — 5/3/87 — 2.ª Pub.

CML

"não deite papeis no chão"

Lotaria Popular

BILHETES ESGOTAM MUITO ANTES DAS EXTRACÇÕES

Pleno sucesso: ainda a primeira extracção popular não foi feita e já os bilhetes referentes à segunda estão a esgotar nos quiosques e cauteleiros. Cada bilhete (não há fracções) custa apenas 150$00, o que coloca mais esta lotaria da Santa Casa da Misericórdia em concorrência com o jogo clandestino.

Disse ao «DL» o dr. Branquinho, da Santa Casa, que esta «é uma ideia minha que já vem de trás. Já há uns dez, quinze anos, me propus uma forma de combater as lotarias clandestinas, utilizando os meios disponíveis, a prata da casa, com prémios semelhantes aos das rifas. E eis que a lotaria popular vem à luz do sol.»

«A receptividade foi superior à que se pensava — continuou aquele responsável — vivemos um momento de euforia, mas convém não retirar conclusões precipitadas».

Seja como for, a primeira série foi para a rua há quinze dias, e sete dias depois já estava a rarear o produto. A extracção correspondente só no próximo dia 10, terça-feira, será feita. Pensa o dr. Branquinho que «se apenas 20% dos que compram as rifas ilegais optarem pelas da Santa Casa da Misericórdia já bastará para o seu sucesso».

Cada emissão da Lotaria Popular tem 500 000 bilhetes, agrupados em folhas de dez bilhetes cada, com números diferentes e ao preço total de 1500$00.

O primeiro prémio orçará em 1000 contos, o 2.º em 250, o 3.º será de 150 contos e o 4.º andará pelos 100 000 escudos.

Para além disso, se o jogador tiver uma terminação igual aos três últimos algarismos do primeiro prémio receberá 50 contos, o segundo 10 000$00, o terceiro 2500$00 e o quarto 1000$00. Por extracção, os dois números equivalentes aos dois últimos algarismos do primeiro prémio vão valer 500$00.

A Santa Casa da Misericórdia tem consciência de que a Lotaria Nacional e o Totoloto vão descer nas suas vendas devido ao aparecimento do novo jogo. Mas, ao que nos revelou o dr. Branquinho, essa não é grande preocupação, sabendo-se que no ano passado a Lotaria Nacional teve os maiores rendimentos de sempre.

«Não tememos que haja embate, os compradores da Lotaria Popular e os da Nacional são de massas populacionais diferentes. Enfim, não é fácil fazer estudos de previsão de fenómenos sociais, pois não são mensuráveis, mas de qualquer modo estamos convencidos que se houver alguma descida na Lotaria Nacional será coisa restrita.»

Dr. António Branquinho ao «DL»: um êxito esperado, a Lotaria Popular

Bilhete de Identidade vai à escola

Brigadas móveis do Centro de Identificação Civil e Criminal, do Ministério da Justiça, vão percorrer as escolas do ensino básico da área de Lisboa onde vão proceder às necessárias formalidades para os estudantes obterem os respectivos bilhetes de identidade, evitando-lhes assim a deslocação ao Arquivo.

Esta iniciativa do secretário de Estado da Justiça, conta com o apoio do Ministério da Educação e visa evitar os habituais incómodos, em especial no Verão, quando a aproximação de matrículas leva a grande afluência de pessoas e às habituais filas de espera, pagamento de taxas de urgência e outros prejuízos para os pais como eventuais faltas ao emprego ou perda de férias.

Esta iniciativa entra em vigor no dia 16 do próximo mês de Março.

Às crianças que obtiverem, nestas circunstâncias, o seu primeiro bilhete de identidade é facultado participar num concurso de artes plásticas, tendo como tema: «Os Descobrimentos Portugueses».

Quer por sorteio quer por mérito serão distribuídas centenas de prémios.

No final os trabalhos mais representativos serão apresentados em exposição pública.

Afirmado em Coimbra num Colóquio sobre 1789

Só na década de 70 a Revolução Francesa entrou nas Faculdades

As implicações da Revolução Francesa na Península Ibérica são o tema central de um colóquio ontem iniciado em Coimbra, com a participação de duas centenas de especialistas nacionais e estrangeiros, e que termina amanhã.

Integrado nas comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa de 1789, o colóquio pretende, segundo os seus promotores, «a aproximação entre as diversas historiografias e, em especial, entre os investidores peninsulares».

Michel Vovelle, presidente da Comissão de Comemorações do Bicentenário da Revolução é um dos destacados historiadores presentes na iniciativa, que conta ainda com a participação de alguns dos mais importantes especialistas de França, Espanha, Brasil e Portugal.

Em declarações à agência Lusa, Reis Torgal, professor universitário, disse que «este colóquio tem um certo valor histórico, na medida em que os estudos sobre a Revolução Francesa e sobre o liberalismo português são muito recentes».

«Foi apenas na década de 70 que as faculdades portuguesas começaram a estudar a Revolução Francesa, que até aí era vista como algo de terrífico e de destruidor da identidade nacional» — observou.

«Pretende-se agora aprofundar cientificamente a Revolução de 1789, depois da «História Negra», identificada com o salazarismo, e da «História Vermelha», realizada por alguns estudiosos marxistas, que caracterizaram a sua análise até há bem poucos anos» — acentuou ainda aquele docente.

As atitudes e condições do clero nos processos revolucionários peninsulares foram o primeiro tema em discussão no colóquio, realizado na Faculdade de Letras de Coimbra.

Numa intervenção sobre a posição dos bispos portugueses sobre a Revolução Francesa, o historiador Jacques Marcadé disse que «aparentemente o Episcopado português viu na Revolução unicamente um aspecto ideológico, e, daí, a ruptura total e a incompreensão de princípio que se geraram.»

A revolução na Imprensa peninsular, Direito e Constitucionalismo, Ideologia e Mentalidade, Nacionalismo e Internacionalismo são outros dos temas que integram o programa do colóquio.

Paralelamente ao colóquio foi inaugurada uma exposição bibliográfica sobre a Revolução de 1789, que estará patente na sala de professores da Faculdade de Letras de Coimbra até ao próximo dia 11.

Ambas as iniciativas são organizadas pelos Institutos de História e Teoria das Ideias e de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Professores primários: 12 mil aguardam lugar efectivo

O Ministério da Educação e Cultura criou no actual concurso 563 vagas a nível nacional para professores do ensino primário.

O número de vagas foi publicado no «Diário da República» com data de 26 de Fevereiro último.

Mas o número de professores do ensino primário profissionalizados que não são ainda efectivos e, que por isso, estão interessados em obter um lugar neste concurso, ascende a 12 mil.

«E nem sequer se pense — afirma a Federação Nacional dos Professores em comunicado — que isto significa que 563 professores vão poder efectivar-se, pois, entretanto, no mesmo aviso de concurso verifica-se que foram criados 2652 lugares negativos. Isso implica que sempre que um professor de um desses lugares negativos mude de escola (o que inevitavelmente acontece), o seu lugar é extinto e já não é recuperado para a colocação de outro docente.»

«É fácil pois constatar-se que ao existirem 563 vagas e 2652 negativas, muito poucos ou praticamente nenhum professor vai conseguir efectivar-se.» — acrescenta a Fenprof.

Considerando esta situação de «escândalo nacional», a Federação lembra que o Governo é a entidade empregadora que mais recorre à realização de contratos anuais, sistematicamente renovados.

Muitos dos 12 mil professores do ensino primário profissionalizados mas não efectivos, aguardam há anos, às vezes mais de 10 anos, o lugar efectivo.

Nas primeiras quintas-feiras de cada mês

Escritores perante o público

Esta noite, às 21 horas, no Centro Vitória do PCP, Avenida da Liberda, inicia-se um ciclo que poderíamos designar de «O escritor perante o público», ciclo que se prolongará em todas as primeiras quintas-feiras de cada mês.

O primeiro escritor presente (obviamente esta noite) é Urbano Tavares Rodrigues, que falará sobre o seu último romance «A Vaga de Calor», distinguido com o Prémio da Crítica.

Nas outras quintas-feiras, seguem-se, entre outros, José Saramago, Maria Ondina Braga, David Mourão-Ferreira, Fernando Campos (o autor da «Casa do Pó»), Luís Veiga Leitão, Mário de Carvalho e Manuel da Fonseca.

Manuais escolares são escolhidos até 30 de Julho

Os manuais escolares dos ensinos preparatório e secundário deverão ser escolhidos pelos conselhos pedagógicos das escolas até 30 de Julho, de acordo com um despacho da Secretaria de Estado daqueles graus de ensino, ontem publicado.

As escolhas efectuadas pelos conselhos pedagógicos deverão tomar em consideração as propostas apresentadas pelos conselhos de grupo, subgrupo, disciplina ou especialidade.

O despacho determina que a adopção dos manuais escolares seja efectuada de acordo com critérios de natureza pedagógico-didática e científica, tendo em conta os conteúdos, comunicação e métodos.

Nos estabelecimentos do ensino particular e cooperativo, os delegados escolares, presidentes de conselhos directivos e directores pedagógicos deverão afixar até 10 de Julho, em locais de acesso ao público, a lista dos manuais escolares adoptados.

No ensino primário a escolha dos manuais escolares será feita até 30 de Julho e competirá aos conselhos escolares ou aos professores de escolas de um único professor.

A propósito da designação dos "cidadãos exemplares" do distrito

AMÉRICO TOMÁS ESTÁ SOLIDÁRIO COM GOVERNADOR CIVIL DE BEJA

Manuel Geraldo

No final do ano passado, o governador civil de Beja decidiu tornar pública uma lista de indivíduos considerados, na sua óptica, como «cidadãos exemplares» do distrito, entregando-lhes os respectivos diplomas num «badalado» jantar que teve lugar numa pousada de Serpa.

Entre os «cidadãos exemplares» escolhidos por Branco Malveiro, quadro do PSD, contavam-se representantes de dois dos principais clãs agrários da região (Carolina Almodôvar e Inácia Garrote), o ex-presidente da Câmara Municipal de Ourique, Ramiro Nobre Sobral de Vilhena (PSD), também ele oriundo de uma família de latifundiários, e Amílcar Lagartinho, director em Beja de uma folha quinzenal de reduzida tiragem, intitulada pomposamente de «Jornal do Sul» e com estreita ligação aos caciques e à ala mais conservadora do clero local.

No artigo que publicámos no «DL» sobre o assunto, saído em 5 de Janeiro sob o título «Director de jornal da extrema-direita foi considerado «cidadão exemplar» em Beja», escrevíamos que Amílcar Lagartinho, detido no pós-11 de Março de 1975 por suspeitas de pertencer ao ELP, tinha sido referido por Branco Malveiro, no texto laudatório lido em Serpa, como antigo «dirigente da Juventude Católica, que, aos 60 anos de idade, e, apesar dos escolhos que enfrentou no seu escabroso caminho, entra na terceira idade cheio de força, fé e esperança». E questionávamos o significado do termo «escabroso», utilizado por Branco Malveiro, no sentido de que o governador civil de Beja ao enunciar o caminho seguido pelo homenageado como que lhe «escapara a boca para a verdade».

À atenção de Cavaco Silva

Mas eis que no seu último número, «Jornal do Sul», como que a «crismar» a decisão de Branco Malveiro, publicou o seguinte excerto de uma carta enviada a Amílcar Lagartinho por Américo Tomás: «Sou leitor do jornal que V.Exa. superiormente dirige, e, por ele, tive conhecimento da merecida homenagem com que o distinto governador civil do distrito o distinguiu. Algo vai voltando aos seus lugares, e a distinção de V.Exa. como bom católico e nacionalista convicto é prova disso».

«Algo vai voltando aos seus lugares». Quem o afirma é o insuspeito «mais alto magistrado da nação» do regime fascista derrubado pelos capitães de Abril, saído momentaneamente do silêncio a que se remeteu no seu exílio dourado no Restelo.

E pela mão de quem é feito este «voltar aos lugares» do antigamente? Precisamente pela do «distinto governador civil do distrito» de Beja, um destacado quadro regional do PSD. Que dirá a isto o prof. Cavaco Silva?!...

Roubaram lotaria ao ardina "Patacas"

Da banca do ardina Alberto Nunes da Silva, «O Patacas», na Avenida Infante Santo, em Lisboa, foram roubados os seguintes números da próxima extracção da lotaria: 35 496 (10 fracções), 52 746 (6), 4518 (10), 3279 (5), 38 999 (3), 43 912 (3) e 46 637 (4). Todos estes números eram destinados a clientes habituais.

Viseu vai dispor de delegação da PJ

Um decreto governamental, ontem publicado na folha ofical, revela que Viseu vai passar a dispor de uma delegação da Polícia Judiicária. No entanto, o governador civil do distrito disse não haver ainda sede nem verbas para a sua instalação e funcionamento, aguardando que o Ministério da Justiça tome as medidas necessárias para a abertura da delegação.

Tabaco de contrabando apreendido no Sabugal

A Guarda Fiscal apreendeu 63 500 maços de tabaco de contrabando na área de Quadrazais, Sabugal, e deteve o condutor da viatura que os transportava. Durante a operação foi ainda interceptada uma segunda viatura utilizada pela rede. A apreensão foi executada na madrugada de ontem, tendo as viaturas e o tabaco, de origem norte-americana, sido avaliados em 17 375 contos. O auto de apreensão e o condutor detido foram apresentados no Tribunal Judicial de Sabugal, no distrito da Guarda. Quanto ao tabaco irá ser entregue à empresa pública Tabaqueira.

Gado recuperado e pastor em liberdade

A GNR de Castelo Branco recuperou 183 cabeças de gado (ovelhas, borregos e cabras) no valor total de cerca de dois mil contos, que tinham sido roubadas. O pastor que as tinha à sua guarda foi preso, mas posteriormente libertado, e há cinco indivíduos suspeitos, que já têm cadastro por roubos desta natureza. A Polícia Judiciária está a investigar o caso.

Com a presença de peritos, magistrados e operacionais

Identificação judiciária em debate

O aspecto dinâmico da justiça exige a eliminação de carências a nível organizativo e funcional, disse o director da Escola de Polícia Judiciária, Manuel Ferreira Antunes, no início do Seminário sobre Identificação Judiciária.

Segundo Ferreira Antunes, o seminário visa «uma troca de experiências, de ideias e perspectivas».

O seminário que se prolonga por três dias conta com a participação de especialistas, peritos, magistrados e chefias operacionais da Polícia Criminal.

Ferreira Antunes, que presidiu aos trabalhos de abertura, considerou possível equacionar problemas importantes com a chamada «cadeia da prova que no quadro do novo processo penal poderá reassumir uma especial acuidade».

«A significativa ressonância dos media faz reter a exigência cada vez maior e uma justiça progessivamente mais eficiente e eficaz», acrescentou.

Com o objectivo de contribuir para a reflexão de aspectos funcionais, a Escola de Polícia Judiciária entendeu integrar no plano anual de actividades a realização de um Seminário sobre Identificação Judiciária.

Durante o seminário, o director do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, Lesseps Rey, falou sobre «aspectos médico-legais de identificação».

Abrantes da Cunha, perito superior de criminalidade (Laboratório da Polícia Científica), referiu que o carácter único da escrita de cada indivíduo torna possível a sua identificação em textos suspeitos. «A importância da recolha de autógrafos é o princípio fundamental para uma correcta identificação de escritas», disse.

A identificação biológica e o exame de vestígios de natureza biológica foram trabalhos apresentados por Helena Geada, do Instituto de Medicina Legal de Lisboa e Maria da Conceição, perita superior de crimalista do Laboratório da Polícia Criminal.

A terminar o primeiro dia do seminário, Santinho Cunha e J. Aquino Marques, do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, apresentaram um trabalho intitulado «Exumação Prática».

Santinho Cunha falou sobre as técnicas de reconhecimento, delimitação e escavação de sepulturas e a colheita osteológica e dentária além de amostras do terreno.

Desmantelada a maior rede de traficantes de droga da Madeira

A Polícia Judiciária anunciou ontem a maior apreensão de droga jamais efectuada na Madeira, tendo sido detidos doze elementos da rede, entre os quais duas mulheres, cuja identidade não foi revelada.

Na operação foram apreendidos 7,5 quilos de haxixe, bem assim como elevada quantia em dinheiro, de montante não revelado, comprimidos em embalagens, e dois veículos.

A descoberta da rede de traficantes ocorreu no decurso da investigação do assalto a uma ouriversaria do Funchal, de onde desapareceram cerca de 2500 contos em objectos de ouro. Grande parte destes objectos foram recuperados estando sob prisão três dos autores materiais do furto, de acordo com a Judiciária.

Na altura destas prisões foi identificado um receptador que tinha na sua posse apreciável quantidade de objectos de ouro, provenientes do assalto à ourivesaria e de outras acções criminosas em residências do Funchal.

Associação de Imprensa do Alentejo já tem estatutos

A Associação de Imprensa do Alentejo (Alimprensa) aprovou já os seus estatutos, celebrando-se em breve a respectiva escritura.

A Alimprensa, com sede em Évora, congrega os jornais e revistas de carácter informativo que tenham a sua Redacção e Administração no Alentejo.

Um dos seus objectivos é organizar debates e reflexões sobre problemas económicos, jurídicos e políticos de interesse para a região.

RTP-Madeira

O jornalista madeirense Armindo Abreu é o novo director do Centro Regional da RTP/Madeira, sendo empossado amanhã no cargo.

Armindo Abreu desempenhava as funções de director de Informação no Centro Regional e foi designado para o cargo em substituição da jornalista Maria Virgínia Aguiar.

Entretanto, o Centro Regional da RTP/Madeira passará a dispor, também a partir de amanhã, de um retransmissor na Portela (Porto Santo).

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

A agricultura portuguesa tem sido uma lástima. Uma tristeza. Não é de agora. Desde sempre. Pode-se dizer que Portugal não **foi** *ao mar, antes* **foi atirado** *ao mar. Sem condições de trabalho, sem um palmo de terra seu, as populações emigraram do interior, para o litoral. Daí até à Índia foi um passo.*

Assim se julgou até agora ou, pelo menos, assim o julgaram alguns. Se o não julgaram alguns, julguei-o eu e é quanto basta.

Hoje, porém, há outro entendimento. As causas da fraqueza agrícola não estão no desmantelamento da Reforma Agrária, dia após dia intensificado. É certo que esse desmantelamento arrasta consigo o desemprego, a instabilidade e o desaproveitamento das terras, grande como é o número de herdades votadas ao abandono. Nem estão igualmente nos latifúndios que ainda existem e que são (pelo menos pensava-se que eram) origem de subaproveitamentos e tensões sociais.

Nem a culpa pertence à falta de irrigação, apesar de já se falar na utilidade dela desde Afonso Henriques. Alqueva pode morrer sem remorso.

Como não há mal no regime nortenho dos senhorios «todo lo mando» e dos rendeiros que se fartam de fazer filhos em mulher alheia sem que lhes possam dar o nome.

Agora, sim, sabe-se qual a origem dos males da nossa agricultura.

São os javalis.

Eles invadem, saqueiam, estragam, comem, matam, derrubam, talam, roubam, mutilam, conspurcam, amedrontam, e, qual onda avassaladora (isteké escrever, nem o Padre António Vieira, cum raio!) arrastam tudo na passagem!

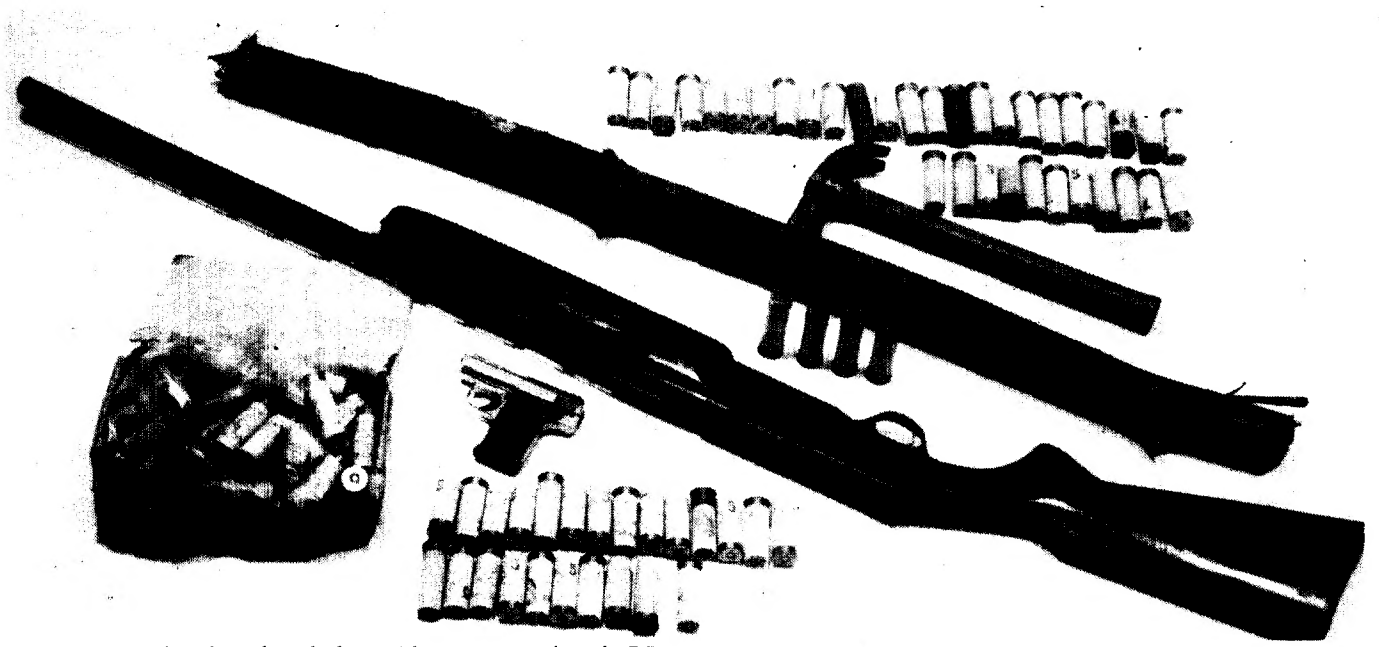
Felizmente, batidas estão sendo organizadas para a sua destruição. Uma acabo de ver eu no telejornal: coisa fina, cavalos, cães, género medieval, estão a ver? Grandes lavradores, senhores agrários e membros da alta nobreza participaram na batida. Tiraram-se imensas fotografias. Resultados sensacionais: meia duzia de perigosos animais foram mortos, alguns com o temível aspecto dos leitões da Bairrada.

Os membros da CEE, convidados a assistir, sorriam à la Gioconda. Não há dúvida: agora é que a agricultura está como há-de ir!

Buscas infrutíferas até agora

VÍTOR MANUEL CONTINUA "A MONTE"

As buscas que as autoridades policiais realizaram na zona centro do país, em Coimbra e na área de Lisboa continuam infrutíferas, desconhecendo-se o paradeiro de Vitor Manuel Jorge. Do mesmo modo, ainda não foi encontrado corpo da possível sétima vítima, Isabel Fonseca Simões Moreira.



O armamento abandonado pelo homicida e recuperado pela PJ

«As operações continuam nas matas e praias a Norte de Leiria», declarou esta manhã ao «DL» o porta-voz do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, a força paramilitar que, desde a passada segunda-feira procede a intensas buscas para encontrar Vitor Manuel Jorge, o autor de, pelo menos, seis mortes na noite de domingo e madrugada de segunda-feira na zona da Marinha Grande.

Os efectivos da Companhia de Leiria, «no binómio homem com cão pisteiro», continuam a percorrer aquela área e, no meio de informações contraditórias, vão separando «o trigo do joio». «É uma situação idêntica à dos Cavacos, há uma autêntica psicose, pois já o «viram» em Vila Franca de Xira, em Lisboa e na zona».

A mesma fonte não deu qualquer crédito às informações postas a circular de que o homocida tinha sido visto em Calvaria, e aparentemente não deu grande significado ao facto, ontem revelado em noticiários da televisão, do pão colocado à porta de algumas residências ter desaparecido. «É tudo especulação», comentou.

Autópsias já foram feitas

Entretanto continuam a correr as mais diversas interpretações sobre as causas que motivaram o «massacre» perpertado pelo contínuo da delegação do Banco de Espirito Santo da Marinha Grande.

Segundo a madrinha de uma das vítimas, a jovem Leonor Tomás, o homicida mantinha com a afilhada uma boa relação, um «namoro» que, de acordo com uma amiga desta última poderia acabar em casamento, depois de consumada a separação com a mulher, Carminda da Costa Simões.

No entanto, a madrinha não confirma a preparação deste passo, enquanto que outros familiares de Leonor Tomás recusam simplesmente a ideia do romance.

Do mesmo modo, os fumos de droga, que aparecem associados ao caso, devido ao bilhete deixado junto dos corpos das vítimas na praia do Osso da Baleia, e assinado por «um louco», referindo que «isto acontece a quem nos dá a droga para nos desviar da família», não recolhem a unanimidade.

Amigos e familiares dos jovens não admitem tal hipótese, mas, de acordo com outras fontes, Vitor Manuel Jorge terá mantido ligações com um camionista suspeito de tráfico de estupefacientes.

No entanto, uma fonte da Polícia Judiciária declarou esta manhã ao «DL» que «não há nenhuns indícios que nos levem a algo de concreto».

Sobre o desaparecimento do corpo de Isabel Fonseca Simões Moreira, o mesmo informador revelou «que, se estiver viva, há hipóteses de estarem juntos». «As possibilidades da jovem estar viva ou morta são, neste momento de 50 para 50 por cento, mas esperamos que as diligências que estamos a efectuar nos levem a algum lado».

No meio destas incertezas, os investigadores começam agora a trabalhar com dados mais palpáveis, como os das quatro autópsias entretanto realizadas ontem à tarde no Hospital de Pombal por uma equipa médica chefiada pelo drº Silvino Jesus Carvalho.

Ao que parece, os exames médicos legais realizados aos corpos de Maria do Céu Aráujo, do aspirante José Pacheco, de Luis Miguel Simões Teixeira e de Leonor dos Santos Tomás, confirmam a morte a tiro. José Pacheco foi morto com seis tiros de caçadeira com zagalote, Maria do Céu Araújo, á paulada e com um tiro, e Leonor Santos Tomás também a tiro.

As autópsias revelaram, ainda, que nenhuma das jovens se encontrava grávida, facto que parece contrariar os argumentos de um romance que, para se poder desenvolver, passaria pela separação de Vitor Manuel Jorge da sua mulher.

Banco não conhece ameaças de morte

Para tentar captar o fio da meada, os investigadores viram-se, igualmente, para a vida do homicida. Vitor Manuel Jorge nasceu em Calvaria, na Batalha, onde viveu até aos cinco anos. Aos 14 anos tem o seu primeiro emprego, de marçano, num estabelecimento em Santarém, onde na altura residia com a mãe. No seu percurso, segue-se o trabalho num «stand» de automóveis em Lisboa, a passagem por um café e a tropa.

Segundo o «DL» apurou junto do coronel Vieira, porta-voz do serviço de Relações Públicas do Estado Maior do Exército, Vitor Manuel Jorge assentou praça no extinto Regimento de Infantaria 7 em Leiria, a 20 de Outubro de 1970, onde fez a recruta. Em 3 de Janeiro do ano seguinte, transitou para o Regimento de Lanceiros 2, na Ajuda, onde então estava sediada a Policia Militar, e em 30 de Maio de 1972 passou à disponibilidade devido a sofrer de uma úlcera duodenal, não chegando, por isso, a ser mobilizado. Da sua ficha médica de então, não há indícios de qualquer doença do foro psíquico.

Internado e recuperado no Hospital de Santa Maria, é em Lisboa que Vitor Manuel Jorge vem a conhecer a sua mulher, então empregada doméstica, casando com 19 anos, um mês antes da filha mais velha nascer.

De acordo com o testemunho da sua mãe, inserido na edição de hoje do «Jornal de Notícias», os primeiros tempos foram de dificuldades económicas e físicas, trabalhando num outro café na zona de São Sebastião da Pedreira. Por essa altura, há 12 anos, como o «DL» revelou ontem, concorre aos serviços auxiliares do Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa, vindo a ser colocado na dependência da Marinha Grande.

Como noticiámos na nossa edição de ontem, do seu processo naquela entidade bancária não constava qualquer sanção disciplinar e, segundo declarou hoje ao «DL» uma fonte dos serviços de pessoal daquela entidade bancária, as relações de Vitor Manuel Jorge com o gerente, Marinha Mendes, eram «perfeitamente normais». «Desconhecemos quaisquer ameaças de morte que o funcionário tenha feito ao gerente», precisou o mesmo informador.

«Não tem perfil de assassino»

O facto do homicida, actualmente com 38 anos, só ter sido perfilhado pelo pai legítimo há cerca de oito anos, não constituiu, segundo o psiquiatra de Leiria Joaquim Manuel Policarpo, que o assistiu, «qualquer problema».

Sublinhando que Vitor Manuel Jorge o tinha consultado há uns meses atrás, aquele especialista considera o seu caso perfeitamente normal. «Tem manifestações de carácter ansioso, é um caso normal», referiu o clínico ao «DL».

«Era um homem empreendedor a nível de trabalho, nunca me pareceu agressivo e, quando estive com ele há alguns meses apresentava as manifestações habituais». O drº Joaquim Manuel Policarpo sublinhou ainda que, dos contactos mantidos, «nunca me apercebi de problema de droga», e sublinhou que Vitor Manuel Jorge não tem perfil clínico de assassino: «não se trata de um assassino, mas de um suicida, que agora deve andar naturalmente assustadíssimo», concluiu.

PRÉMIO AOS PRODUTORES DE OVINOS E CAPRINOS

(AO ABRIGO DA PORTARIA N.º 724/86, « DIÁRIO DA REPÚBLICA» N.º 276, I SÉRIE DE 29-11-1986)

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PESCAS E ALIMENTAÇÃO

INSTITUTO REGULADOR E ORIENTADOR DOS MERCADOS AGRÍCOLAS

AVISO

A CEE institui anualmente um prémio aos produtores de ovinos e caprinos para compensar a quebra de rendimentos verificada em cada campanha.

BENEFICIÁRIOS

— serão beneficiários do prémio os produtores individuais e/ou grupos de produtores de ovinos e caprinos que explorem pelo menos 10 ovelhas e/ou cabras.

— O requerimento dos produtores em grupo deverá vir acompanhado das respectivas identificações e discriminação do rebanho em folha anexa.

DATA DE ENTREGA DOS PEDIDOS

— Os produtores que desejem beneficiar do prémio, terão de preencher o requerimento exclusivo da Imprensa Nacional, modelo 990 que se encontra à venda nos locais habituais.

A DATA DE ENTREGA DOS PEDIDOS É ATÉ 31 DE MARÇO DE 1987

LOCAIS DE ENTREGA DOS PEDIDOS E ESCLARECIMENTOS

1) IROMA – (EX-JNPP, EX-IAPO, EX-JNF e suas Delegações)
2) Associações de Produtores
3) Direcções Regionais de Agricultura

O PRESIDENTE

TRIBUNAL DO TRABALHO

DO BARREIRO

ANÚNCIO

O Dr. JAIME MANUEL BAETA CARLOS FERREIRA, juiz do Tribunal do Trabalho do Barreiro, faz anunciar que na acção com processo comum Sumário n.º 6/84, no valor de 178 200$00, pendente na 2.ª Secção deste Tribunal, movida pela autora MARIA DO CÉU DUARTE FREIRE GUERREIRO, casada, caixeira, residente na Rua Capitão Tenente Oliveira e Carmo, n.º 41-1.º Esq.º Quinta da Lomba — Barreiro contra LEXOSUL – SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE TINTAS, LDA., com sede em parte incerta, com última morada conhecida na Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, n.º 111-B no Barreiro, é esta ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de OITO DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de SESSENTA DIAS, a contar da data da publicação do 2.º, e último anúncio, sob a cominação de o processo prosseguir à revelia, cujo pedido consiste em diferenças de indemnização, diferenças salariais, férias e subsídios de férias vencidas, bem como no mesmo prazo contestar, querendo o pedido de assistência judiciária formulado pela Autora.

Está conforme.

Barreiro e Tribunal do Trabalho aos 24 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO

Jaime Manuel Baeta Carlos Ferreira

A ESCRIVÃ-ADJUNTA

Lucília da Glória Catoja António Lavoura

(«DL» 5/3/87 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

Proc. N.º 41/87-CP, 1.ª Secção, 2.º Juízo

No dia 25 do próximo mês de Março, pelas 14.30 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Loures, e nos autos de carta-precatória vindos da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca de Ovar, extraídos dos autos de Execução Sumária n.º 128/85, em que é Exequente «OSCACER — CÉSAR ROLA, LDA», com sede em Cortegaça, Ovar, e Executada «TERMOTUBO — EQUIPAMENTOS METÁLICOS, LDA», com sede na E.N. n.º 250 — Arm. JB/3, Caneças, desta comarca de Loures, há-de ser posto em praça, pela PRIMEIRA VEZ, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, o seguinte bem móvel, penhorado àquela Executada:

BEM A VENDER

Uma máquina de soldar eléctrica, marca «MIG-185».

Do bem a vender é depositário judicial o sr. António Carvalho Dias, residente na Rua de Goa, n.º 11-A, 2.º Frente, Terceira, Oeiras, o qual é obrigado a mostrá-lo a quem nisso tiver interesse, nos termos do disposto no art.º 891.º do Cód. Proc. Civil.

Tribunal Judicial de Loures, 26 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO

José dos Santos Martins

A ESCRIVÃ-ADJUNTA

Cristina Casquilho

D.L. 5/3/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO

ANÚNCIO

No dia 21-5-87, pelas 11 horas, à porta deste Tribunal, nos autos de Carta Precatória n.º 16/87, extraída dos autos de Execução Sumária com o n.º 31/86, que corre seus termos pela 1.ª Secção do 3.º Juízo da Comarca de OVAR, que a Exequente OSCACER – CÉSAR ROLA, LDA. move contra a Executada, VÍTOR HÉLDER & GOMES, LDA., com sede na Rua do Projecto (Vivenda RITÓ-RÓ), em CASAL DA SERRA, PORTO DA PAIÃ — ODIVELAS, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina de corte de cantos de cor verde, de marca «CIDEX», em regular estado de conservação.

Lisboa, 26-2-87.

O JUIZ DE DIREITO

Rogério Sampaio Beja

O ESCRIVÃO ADJUNTO

Joaquim Vinagre Manteigas

(«DL» 5/3/87 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
13.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de sentença n.º 5.528-B, 1.ª Secção

Exequentes — Maria Luísa;

Executado — Herdeiros incertos de António de Lemos Almeida Casais, que foi residente em Ferreiros de Serrazes, S. Pedro do Sul.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
Joaquim Dias
O Escrivão de Direito
Gabriel de Andrade Amaro

D.L. 5/3/87 — 1.ª Pub.

HILTI

Sistemas de Fixação

A HILTI AG vem por este meio informar os seus estimados clientes de que devem passar a contactar as suas instalações na:

RUA DE SANTO ANTÓNIO À ESTRELA,
Nº 31 - D
1300 LISBOA

TELEFONE: 66 49 12

para todos os assuntos que digam respeito à venda dos seus produtos ou reparação das suas máquinas.

"Enciclopédia Legal" um livro indispensável

Lançado há dias pelo seu editor **(Selecções do Readers Digest),** é um livro para leigos e para o grande público, concebido para informar e esclarecer de uma forma muito completa, sem deixar de dispensar, naturalmente, a acção do advogado e outros profissionais, em certos casos.

Indiscutivelmente de grande qualidade, a **«Enciclopédia Legal»** é uma obra de consulta indispensável, onde se encontra o essencial da disciplina jurídica das matérias que constituem o nosso quotidiano, numa exposição clara e directa a que a inclusão de quadros, diagramas e desenhos humorísticos dá uma configuração muito atraente.

Os grandes temas em que a obra se divide, bem como os principais colaboradores são os seguintes: **A Família** (prof. dr. Guilherme de Oliveira, da Faculdade de Direito de Coimbra), **O Menores** (dr. Almiro Rodrigues, magistrado e docente do Centro de Estudos Judiciários), **O Trabalho** (dr.ª Francisca Van Dunen, delegada do Procurador da República), **A Segurança Social** (dr.ª Maria de Fátima da Graça Carvalho, delegada do Procurador da República), **A Habitação** (dr. Manuel Ataíde Ferreira, advogado), **O Automóvel** (João Coelho dos Santos, secretário-geral do ACP), **Férias e Turismo** (dr. João Strecht Ribeiro, director de Serviços da D.G. de Turismo), **O Consumidor** (dr.ª Madalena Santos Ferreira (advogada, e membro da DECO), **Impostos** (dr. Carlos de Almeida Sampaio, assistente da Universidade Católica), **Seguros** (Abílio A. Santos e dr.ª Rita Fonseca), **Saúde** (dr.ª Paula Lobato de Faria, advogada, Escola Nac. de Saúde Pública), **Princípios Fundamentais de Direito** (dr. José António Mesquita, procurador-geral Adjunto) e **Glossário de Temas Jurídicos** (dr. António C. Neves Ribeiro, director do Gabinete de Direito Europeu).

Singer ataca forte

Decorre entre Fevereiro e Junho mais uma forte campanha promocional **Singer,** intitulada **«Singer 87 — Uma data de Poupança».** Como objectivos imediatos pretende esta empresa conseguir uma maior penetração no mercado dos electrodomésticos, nomeadamente no que diz respeito à **«linha castanha»,** agora aumentada com a inclusão do novo **Compact Disc Player Singer** e um novo videogravador — **o VB 619** e **«linha branca»** onde se destaca a nova **Máquina de Lavar e Secar LVS 4000.** No que diz respeito ao mercado das **Máquinas de Costura** é intenção da **Singer** consolidar a sua posição de líder, com os conhecidos modelos **Samba** e **Serenade.**

Em paralelo com esta acção é lançada uma **Campanha de Imagem de Marca Singer** cujo acento tónico irá para a qualidade entendida como qualidade de produtos, no atendimento nas lojas, no serviço de entregas e na assistência técnica pós-venda.

Com estas duas campanhas pretende a **Singer** afirmar-se no mercado como o **especialista máximo** em electrodomésticos.

Schick Pivot

Um dia destes, a Redacção do «DL» foi brindada com a nova **«Schick Pivot Plus»,** com faixa **«Lubridex»;** e todos passámos a andar perfeitamente escanhoados. A primeira passagem da lâmina sobre a pele arrebata o sabão ou o creme que preparam o barbear: depois, com o segundo desfile da faixa (que liberta uma película lubrificante existente nas lâminas) surge uma perfeita sensação de conforto. Produto da **Warner Lambert Co.,** a **«Schick Pivot Plus»,** com **«Lubridex** é importada e comercializada entre nós pela **Adams** (Divisão de consumo do Warner Lambert Portugal).

Playtex apresenta "Alas"

No **Hotel Meridien** foi apresentada pela **«Playtex»** (representada em Portugal por **F.S. Ribeiro, Lda)** a nova linha de soutiens **«Alas»,** com aros livres, de arame, adaptados à linha do busto. No decorrer de **uma reunião com a** Comunicação Social usaram da palavra **Ana Maria Llopis** e **Vicente Ordiñana,** respectivamente directora de «marketing» e director-geral da **«Playtex/Espanha»).**

Velha Aliança celebrada com Aliança Velha

Foram das **Caves Aliança** os dois vinhos seleccionados para serem servidos aos **príncipes de Gales,** Carlos e Diana, durante o jantar que, recentemente, lhes foi oferecido no Castelo de S. Jorge, em Lisboa.

«Vinha Nova», um vinho frutado, mais «adolescente», virado para a geração dos novos consumidores, regou o primeiro andamento. As carnes pediram **«Aliança Tinto Velho»** um já clássico cartão de visita dos vinhos do nosso país.

No Castelo de S. Jorge, o lendário padroeiro luso-britânico, os discursos não deixaram de sublinhar alguns dos pontos altos da mais antiga aliança do Ocidente. É caso para se dizer que **as mais velhas alianças se celebram com Aliança...**

Água Vitalis em Tetra Brik

As embalagens especiais opacas vão ser utilizadas, pela primeira vez em Portugal, na comercialização de água mineral. A iniciativa pertence à **Vitalis,** uma marca do grupo **Unicer** (Empresa das águas de Castelo de Vide).

À semelhança do que sucede, há vários anos, com leite e sumos, e, mais recentemente, com o vinho, a partir de agora também a água estará disponível em embalagens do tipo **Tetra Brik.**

Jorge Horta, técnico do Instituto Ricardo Jorge, de Lisboa, ao colaborar na análise do novo produto, frisou que esta embalagem, «pelo facto de ser opaca e impermeável ao oxigénio, deverá vir a revelar, ao longo do tempo, um comportamento superior ao do próprio vidro, em termos de manutenção da pureza da água».

Muito ligada à prática desportiva, devido ao seu elevado teor em sílica, com propriedades cicatrizantes, a **Vitalis** estará disponível, nas novas embalagens, essencialmente em supermercados.

MINISTROS DA AGRICULTURA DA CEE CHEGARAM A ACORDO SOBRE O LEITE

A Comissão Europeia congratulou-se ontem em Bruxelas com os termos do acordo obtido horas antes pelos ministros da Agricultura da Comunidade Europeia.

Os ministros dos «Doze» chegaram na madrugada de terça para quarta a um acordo que permitiu formalizar totalmente as decisões políticas tomadas em Dezembro quer relativamente a reduções de 9,5 por cento da produção de leite em dois anos e das compras públicas de leite em pó e de manteiga quer às medidas socioestruturais destinadas a compensar os agricultores pela desfavorável conjuntura que atravessam.

«Temos a partir de agora os argumentos e os meios suficientes para utilizar as verbas que pedimos para desmantelar os excedentes», afirmou, durante uma conferência de Imprensa, referindo-se ao sector do leite («o único onde ainda não tinham existido reformas»), o membro da Comissão Europeia responsável pela Agricultura, Franz Andriessen.

As medidas agora tomadas, juntamente com o ambicioso programa de escoamento em dois anos de um milhão de toneladas de manteiga (cujo custo estimado é de 3,2 mil milhões de ECU) que deverá ser formalmente aprovado na próxima semana pelos ministros da Economia e Finanças, deverão, de acordo com o comissário, permitir restabelecer em 1989 os respectivos excedentes a um nível «normal» de 300 mil toneladas.

«Os nossos cálculos permitem concluir que o escoamento por intermédio do programa será menos caro que a mera destruição dos excedentes», afirmou Andriessen, acusando por outro lado o Tribunal de Contas da Comunidade Europeia de «excessivo tecnocratismo» na recente e violenta apreciação que fez do assunto.

Pronunciando-se já sobre as medidas socioestruturais que prevêm apoios da Comunidade Europeia durante três anos e no montante de 350 milhões de ECU à extensão agrícola, à formação profissional, à defesa do ambiente e à investigação científica, o comissário responsável pela agricultura foi menos entusiástico.

«Não foi possível aprovar um elemento extremamente importante do conjunto das medidas, relacionado com os apoios à cessação antecipada da actividade dos agricultores, devido a divergências que não incidiram sobre o fundo da questão, mas sobre o seu carácter obrigatório ou não», afirmou Franz Andriessen.

A Comissão Europeia voltará no entanto a apresentar as suas propostas nessa matéria no quadro das reformas propostas do financiamento futuro, dos fundos estruturais e da Política Agrícola Comum (PAC).

«O saneamento da situação — referiu — deve ser acompanhado de uma grande atenção aos problemas que poderão surgir para os pequenos e médios agricultores», acrescentando que vai ser necessário «sensibilizar alguns ministros para o problema».

Comentando por fim o debate que se aproxima sobre os preços agrícolas e medidas conexas para a próxima campanha, Franz Andriessen, salientou a sua «delicadeza e dificuldade» e considerou que ele se apresenta, apesar de tudo, mais fácil agora depois de ultrapassado o «elemento de contestação» que constituía a reforma do sector do leite.

Estados Unidos são o maior devedor de todo o mundo

Os Estados Unidos são o maior devedor do mundo, tendo, só em obrigações do Tesouro, uma dívida de 256 000 milhões de dólares para com o estrangeiro, informou em Washington o Banco Mundial.

O Brasil, que anunciou recentemente uma moratória de 90 dias no pagamento dos juros da dívida externa, é o país em vias de desenvolvimento mais endividado, com uma dívida global de 109 000 milhões de dólares, acrescenta a informação do Banco Mundial.

A crise da dívida externa do Terceiro Mundo é um legado dos anos 70 quando os bancos ficaram repletos de fundos obtidos pelos países membros da OPEP e os emprestaram às economias em desenvolvimento.

A recessão global, em parte devido ao aumento dos preços do petróleo, e os preços baixos para as matérias-primas prejudicaram duramente estas economias.

O quadro seguinte compara as dívidas dos principais países devedores do Terceiro Mundo com as respectivas populações:

	Dívida externa (mil milhões de dólares)	**População** (milhões)
Brasil	109	135
México	98	80
Coreia do Sul	58	42
Argentina	53	31
Egipto	40	50
Indonésia	37	167
Índia	36	757
Venezuela	34	18
Israel	29	4
Filipinas	28	54
Chile	24	12

Soube-se, entretanto, que o défice comercial norte-americano se agravou de novo em Janeiro não obstante a baixa do dólar, e a inflação, que em 1986 atingiu o seu mais baixo valor dos últimos 25 anos.

De acordo com a Secretaria do Comércio, os Estados Unidos acusaram em Janeiro último um défice comercial de 14 780 milhões de dólares, contra 10 700 milhões em Dezembro último.

Este agravamento ficou a dever-se a uma queda das exportações em 11,2 por cento para 16 380 milhões de dólares, o mais baixo nível desde 1983, ao passo que as importações progrediram 7,1 por cento para 31 160 milhõesde dólares, valor próximo do registado em Novembro.

Ferroviários em greve a partir do dia 11

Um plenário do Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários (FSTF) e das direcções dos sindicatos nela filiados decidiu ontem convocar para os dias 11, 12, 13 e 16 greves sectoriais da CP. As greves poderão ser desconvocadas caso o Conselho de Gerência da CP «cumpra o protocolo assinado em Abril de 1986 sobre o regulamento de carrreiras e se manifeste disposto a negociar sobre o acordo de empresa».

Segundo José Antunes, do Conselho Nacional da FSTF, o Conselho de Gerência da CP «não cumpriu» o protocolo sobre o regulamento de carreiras assinado em 15 de Abril de 1986 após uma greve anteriormente convocada pela FSTF.

A FSTF pretende também negociar um acordo de empresa para o qual propõe aumentos salariais de 16,5 por cento, acusando o Conselho de Gerência da CP de «intransigência» após ter acordado com os sindicatos afectos à UGT aumentos de 11,8 por cento.

Segundo a mesma fonte, as greves sectoriais vão perturbar o normal funcionamento dos comboios, especialmente dia 16 quando deverão paralisar os trabalhadores de estação, os maquinistas, os revisores e os trabalhadores de via fluvial.

Produção industrial cresceu 4,5%

A produção industrial cresceu 4,59 por cento nos dez primeiros meses de 1986 comparativamente a igual período do ano anterior, indicam dados ontem divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística.

A produção industrial de bens de investimento registou um decréscimo, no mesmo período, de 2,2 por cento.

A produção de bens de consumo e bens intermédios cresceu 6,8 e 4,6 por cento, respectivamente, no mesmo período.

De acordo com o INE, a produção industrial registou um decréscimo de 2,5 por cento em Outubro de 1986 relativamente a Setembro e um acréscimo de 1,3 em relação a Outubro de 1985.

Na variação média mensal de Janeiro a Outubro do ano transacto o crescimento foi de cerca de 1 por cento.

Em Outubro relativamente ao mês anterior, as indústrias de alimentação cresceram 25,2 por cento, as têxteis 18 por cento, a fabricação de artigos de vestuário 6,1 por cento, tendo as indústrias de papel registado uma redução de 3,1 por cento e as dos derivados do petróleo e carvão uma quebra de 21,7 por cento.

A variação média mensal de Janeiro a Outubro do ano transacto regista um acréscimo de 1,4 por cento na indústria transformadora e uma diminuição quer na indústria extractiva quer na electricidade e gás de, respectivamente, 0,2 por cento e 2,2 por cento.

A produção industrial por tipos de bens evidencia para o mês de Outubro relativamente ao mês anterior decréscimos de 6,6 por cento e 3,3 por cento para os bens de consumo e bens intermédios, respectivamente, e um acréscimo de 12 por cento para os bens de investimento.

Em relação ao mês homólogo do ano anterior, verificam-se acréscimos de 5,8 por cento para os bens de consumo e 9,4 por cento para os bens de investimento, registando-se um acréscimo de 0,3 por cento para os bens intermédios.

No que se refere à variação mensal de Janeiro a Outubro de 1986, continua a registar-se um acréscimo para a generalidade dos bens, sendo o mais acentuado para os bens de consumo (2,5 por cento) e o menor nos bens intermédios (0,7 por cento). Nos bens de investimento, o aumento foi de 2,4 por cento.

Na Região Centro

Três listas concorrem ao Sindicato dos Bancários

Listas afectas ao PS, PSD e PCP concorrem às eleições para o Sindicato dos Bancários da Região Centro, que se realizam no próximo dia 10 de Abril — disse à agência Lusa o presidente do sindicato, Osório Gomes.

Aquele sindicalista adiantou que o prazo de entrega de listas terminou no passado dia 2 e que existem alguns problemas de ordem processual com a candidatura da tendência social-democrata.

Segundo Osório Gomes, a lista social-democrata da secção regional de Leiria, que juntamente com Coimbra, Guarda e Viseu constitui a àrea do sindicato, «não foi apresentada de acordo com as exigências do processo eleitoral».

Adiantou que fontes sociais-democratas levantam mesmo a hipótese de não concorrer globalmente às eleições sindicais, se o caso de Leiria não for entretanto ultrapassado.

No último acto eleitoral, realizado em 1984, a lista socialista obteve 35,44 por cento dos votos, seguida pelas tendências social-democrata e comunista, com 30,88 e 27,66 por cento, respectivamente.

O Sindicato dos Bancários da Região Centro tem actualmente cerca de 5.100 filiados.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55$80	61$80
ALEMANHA FED. (marco)	76$25	77$45
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$479	3$729
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$00	107$50
(notas de 5 a 1000)	105$50	108$00
DINAMARCA (coroa)	20$25	20$65
ESPANHA (peseta)	1$057	1$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140$00	143$50
(notas de 5 a 1000)	140$50	144$00
FINLÂNDIA (marka)	30$95	31$55
FRANÇA (franco)	22$90	23$60
HOLANDA (florim)	67$55	68$65
IRLANDA (libra)	204$50	208$50
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$867	$922
NORUEGA (coroa)	20$10	20$60
REINO UNIDO (libra)	220$10	224$60
SUÉCIA (coroa)	21$70	22$20
SUÍÇA (franco)	90$55	92$05
VENEZUELA (bolívar)	5$15	6$15

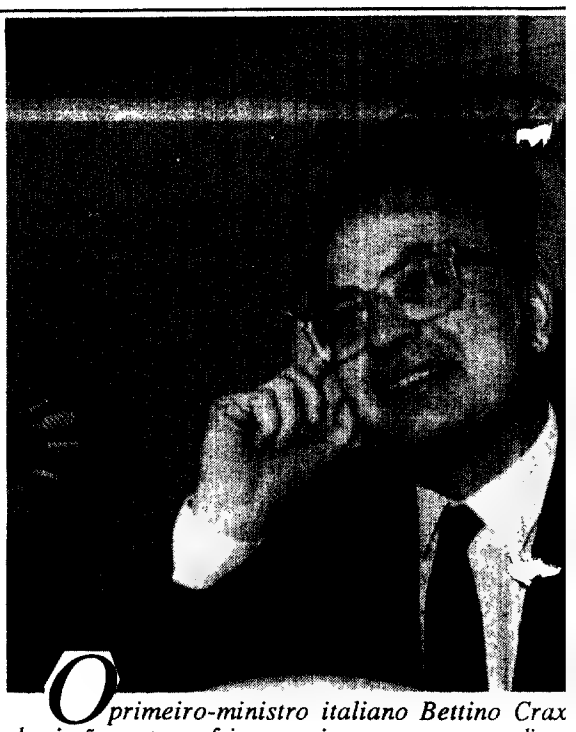
OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Estudantes da Universidade Wits de Joanesburgo dançam durante uma manifestação de protesto contra a presença de soldados e polícias na Universidade. Entretanto, o presidente da SWAPO, Sam Nujoma, manifestou-se disposto a negociar com Pretória o futuro da Namíbia.

O Governo britânico deu uma nova esperança aos doentes com Sida, ao autorizar a produção de um novo remédio cujos testes mostraram que pode prolongar a vida, impedindo a reprodução do vírus mortal. O ministro da Saúde, Norman Fowler, anunciou que uma empresa farmacêutica britânica, a Welcome Foundation, tinha sido autorizada a pôr imediatamente no mercado a «Deoxythimidine» ou «AZT», também conhecida com o nome de «retrovir». o AZT não vai curar as vítimas do síndroma de imunodeficiência adquirida, nem evitar o contágio da doença, mas os testes efectuados até agora mostram que pode aliviar os sintomas e prolongar a vida, impedindo o vírus mortal de se reproduzir. Peritos britânicos disseram que o AZT é o remédio mais prometedor que existe de momento para combater a Sida, embora tenha alguns efeitos secundários.



O primeiro-ministro italiano Bettino Craxi demissão na terça-feira, reuniu-se ontem com a direc de que é membro. Hoje e amanhã, o presidente Fran partidos parlamentares num esforço para resolver a c de Craxi.

"Guerra suja" contra o IRA

O governo britânico desmentiu ontem acusações proferidas por dois ex-oficiais do Exército de que as forças de segurança na Irlanda do Norte desencadearam, nos anos 70, uma «guerra suja» contra o Exército Republicano Irlandês (IRA). As alegações feitas pelos ex-oficias Fred Holdroyd e Colin Wallace foram publicadas nos jornais «Times» e «The Guardian», de Londres, e no «Sunday News», da Irlanda do Norte. A « Rádio Ulster», da BBC, difundiu também uma entrevista com os dois ex-oficiais. Holroyd, um ex-capitão dos serviços de espionagem, e Wallace, um ex-major dos serviços de informação, denunciaram uma guerra secreta psicológica, com raptos e assassínios contra o IRA, na Irlanda do Norte, nos anos 70. Holroyd denunciou, entre outras coisas, que agentes britânicos desfarçados forneceram explosivos às forças paramilitars protestantes na Irlanda do Norte, os quais foram subsequentemente usados numa campanha bombista em Dublin.

Livro denuncia tortura no Brasil

Mais de 40.000 pessoas envolvidas, 285 tipos de tortura utilizados: os números dizem respeito aos instrumentos de repressão política no Brasil durante a ditadura militar e foram revelados na obra «Brasil: Nunca Mais», 12 volumes com 7.000 páginas, já na vigésima edição. A investigação contida no livro foi realizada clandestinamente por 35 pessoas, na sequência da amnistia de 1979, mas ainda sob regime militar. O trabalho foi coordenado pela Arquidiocese de São Paulo, apoiada pelo Conselho Mundial das Igrejas Durante cinco anos, mais de um milhão de páginas foram copiadas clandestinamente dos processos da justiça militar. «Benditos generais tecnocratas que guardaram absolutamente tudo, ao contrário do que sucedeu noutas ditaduras, como no Uruguai e na Argentina»,. disse o coordenador da investigação, o pastor presbiteriano Jaime Wright, assessor do cardeal arcebispo de São Paulo. Porque os registos foran gurdados, é hoje possível saber que o aparelho de repressão brasileirto teve 40.000 servidores e que os 285 tipos de tortura que utilizou foram aplicados em 17.420 cidadãos.

O peso da candonga em Moçambique

Cerca de 50 por cento do rendimento das famílias moçambicanas é absorvido pelo mercado paralelo, a «candonga», revela um estudo divulgado ontem pelo jornal «Notícias» de Maputo. De acordo com o estudo, uma família que ganhe dez contos por mês gasta 8 por cento com a renda de casa, 7 por cento com a água e luz, 10 por cento com telefone, 3 por cento com impostos, 10 por cento com géneros de primeira necessidade e 50 por cento na candonga. A noção de candonga em Moçambique abrange desde a venda, a preços especulativos, de cogarros, arroz, óleo, até à venda de gasolina fora dos circuitos legais. O seu peso na economia do país é enorme: 40.000 toneladas de açúcar a 33 meticais no mercado oficial perfazem 1, 32 milhão de contos, enquanto um quarto daquela tonelada atinge 4 milhões de contos no mercado paralelo. O estudo publicado pelo «Notícias», concluindo que a solução para a reabilitação económica do país está no aumento da produção, salienta, contudo, a sua quebra nos últimos anos. O algodão baixou de 73.700 toneladas em 1981 para 13.500 em 1096. No mesmo período, o carvão desceu de 570.000 para 35.300 toneladas, a castanha de cajú de 90.100 para 38.300 e o tráfego ferro-portuário, que em 1977 era de 19.800.000, caiu para 4.900.000 em 1986.

Prometendo "corrigir" a sua política

REAGAN ADMITE TER ERRAD NO ESCÂNDALO "IRANGATE"

O Presidente Ronald Reagan admitiu pela primeira vez que «foi um erro» a venda de armas ao Irão para conseguir a libertação dos reféns norte-americanos no Líbano, e prometeu tentar «por meios totalmente legítimos» aquele objectivo. Num discurso à nação, o Presidente norte-americano assumiu «a responsabilidade total pelas minhas próprias acções e da administração». Reagan disse que se manteve calado sobre o escândalo, enquanto esperava que a verdade viesse ao de cimo e admitiu: «Paguei caro pelo meu silêncio em termos de confiança.

O chefe da Casa Branca reconheceu também que não conseguiu controlar os seus subordinados no Conselho Nacional de Segurança, responsáveis pela operação Irão, e enumerou uma série de mudanças pessoais e outras para pôr a casa em ordem.

O discurso de Reagan foi a primeira resposta pormenorizada ao relatório da Comissão Tower, divulgado a semana passada e que investigou a venda de armas ao Irão e o subsequente desvio dos fundos obtidos para os rebeldes antigovernamentais da Nicarágua.

Sondagens conduzidas depois da publicação do relatório revelaram uma queda da popularidade de Reagan para o segundo nível mais baixo desde que entrou na Casa Branca em 1981.

A comisão chefiada pelo ex-senador republicano John Tower, nomeado pessoalmente por Reagan, considerou a política do Presidente «não profissional e insatisfatória».

«Pôr a casa em ordem»

O relatório Tower criticou também Reagan por desconhecer ou dar pouca atenção às actividades dos seus subordinados.

No entanto, Reagan, insistindo que o seu estilo de liderança o serviu bem no passado, observou: «No que diz respeito à gestão do Conselho Nacional de Segurança, admitamos que o meu estilo não teve o êxito do passado».

«Já comecei a corrigir isso», garantiu, adiantando que aceitou as recomendações da Comissão Tower sobre o Conselho Nacional de Segurança. «Irei ainda mais além, para pôr a casa em ordem», prometeu.

O Presidente revelou que já emitiu uma ordem proibindo os funcionários do Conselho Nacional de Segurança de envolvimento em operações secretas - «não haverá ses nem mas».

A terminar o seu discurso, Reagan assegurou às famílias do reféns no Líbano que não desistiu de tentar obter a libertação dos cativos.

Presentemente, oito norte-americanos estão desaparecidos no Líbano, aparentemente em poder de grupos extremistas muçulmanos, leais ao líder espiritual iraniano, ayatollah Ruhollah Khomeini.

Refira-se que entretanto um líder cristão do partido lideral disse que as tropas sírias, colocadas no Líbano, têm em seu poder cinco reféns estrangeiros, incluindo o enviado da Igreja britânica, Terry Waite. Mas fontes próximas dos sírios negaram esta informação.

Aliados dos EUA são hoje informados sobre a redução dos

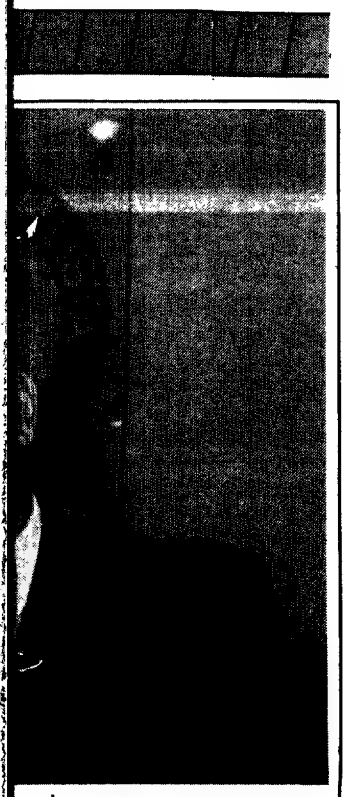
Max Kampelman, negociador-chefe dos Estados Unido: nas conversações de Genebra sobre desarmamento, informará hoje os aliados de Washington sobre as negociações em curso para a retirada de euromísseis. Conforme noticiámos, os Estados Unidos apresentaram quarta-feira à URSS um projecto de tratado sobre os mísseis de médio alcance instalados na Europa, que inclui inspecções nos locais para a verificação de um eventual acordo.

Maynard Glitman, que chefia a delegação norte-americana nas negociações sobre aqueles mísseis, disse aos jornalistas que o documento apresentado pelos Estados Unidos, definido como um «tratado completo», está agora na mesa de negociações. « É um documento completo, porque era necessário precisão. Não queríamos nenhumas ambiguidades», disse Glitman.

A proposta norte-americana responde a uma nova oferta feita pelo lider soviético Mikhail Gorbachev no sábado, sendo bastante parecida com o documento posteriormente apresentado pelos negociadores soviéticos em Genebra: eliminação dos mísseis de médio alcance na Europa dentro de cinco anos e a redução para cem por cada lado das ogivas nucleares fora daquela região. As ogivas dos Estados Unidos seriam mantidas em território norte-americano e as soviéticas estacionadas a leste dos Montes Urais.

Vários peritos em desarmamento consideram ser esta a primeira vez que há verdadeiro acordo entre as superpotências desde que retomaram as conversações sobre controle de armas em Março de 1985. No entanto, fontes da NATO adiantaram já que para aceitar esta «opção zero»a a Aliança exige a verificação do cumprimento de um eventual acordo sobre desarmamento, a correcção do desiquilíbrio de mísseis entre os dois blocos, e o incremento do papel das forças convencionais.

Falando domingo num discurso transmitido pela televisão, Ronald Reagan declarou que o projecto de tratado apresentado ontem em Genebra se segue a uma fórmula acordada com o lider soviético Mikhail Gorbachev, durante a cimeira de Reriqueja vique de 11 e 12 de Outubro. Reagan afirmou ainda que os Estados Unidos manteriam consultas exaustivas con os seus aliados da Europa Ocidental e Ásia antes de estabelecerem um acordo para a



...raxi, que apresentou a. sua ...recção do Partido Socialista, ...ancesco Cossiga receberá os ... a crise aberta pela demissão

...DO

"

Reacções ao discurso

Os aliados republicanos de Reagan no Congresso consideraram construtivo o discurso sobre o «Irangate», mas os democratas advertiram que o Presidente tem de percorrer um longo caminho para restaurar a confiança do povo norte-americano.

Republicanos e democratas elogiaram também recentes remodelações na administração, incluindo as nomeações de Howard Baker para chefe de gabinete da Casa Branca, em substituição de Donald Regan, e de Frank Carlucci para conselheiro nacional de Segurança, sucedendo a John Poindexter.

O jornal «Washington Post» comentou num editorial que o Presidente Reagan fez ontem o discurso certo: «admitiu erros e prometeu reparar os danos nos seus últimos dois anos de poder».

...s euromísseis

redução de forças nucleares de médio alcance com a União Soviética.

Referindo-se à oferta soviética, o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Eduard Shevardnadze, considerou ontem que esta constitui uma importante concessão ao Ocidente. Shevardnadze, que falava numa conferência de imprensa em Camberra, na Austrálua, salientou: «penso que ficou claro que a União Soviética fez propostas concretas e realitas. Agora, tudo depende da administração norte-americana. A bola está no campo de Reagan».

Morte de líder histórico pode levar à radicalização da ETA-Militar

Manuel Lopes - Lusa

A morte de Domingo Iturbe Abasolo, «Txomin», considerado o último líder histórico da Eta-Militar e defensor da solução negociada para o terrorismo no País Basco, abre caminho à luta interna pelo controlo da organização e à sua eventual radicalização. Os principais meios de comunicação espanhóis e bascos coincidem nas suspeitas de que «Txomin» poderá ter sido eliminado pela linha dura da organização separatista basca espanhola, que não concordava com as teses negociadas defendidas pelo dirigente morto.

Membro da Eta-Militar desde o seu início, e responsável pelo aparelho militar a partir de 1986, «Txomin», que tinha 43 anos, foi o interlocutor de contactos com intermediários do Governo central e do Partido Necionalista Basco (PNV).

Tais contactos ocorreram sobretudo durante a ofensiva desencadeada pela Eta-Militar a favor de negociações políticas com Madrid, iniciada na Primavera passada.

A sua morte é um facto de singular transcendência política, na opinião oficial do Governo autónomo basco em funções, constituído pelo PNV, que projectara uma dinâmica de consequências por enquanto imprevisíveis relativamente ao problema basco.

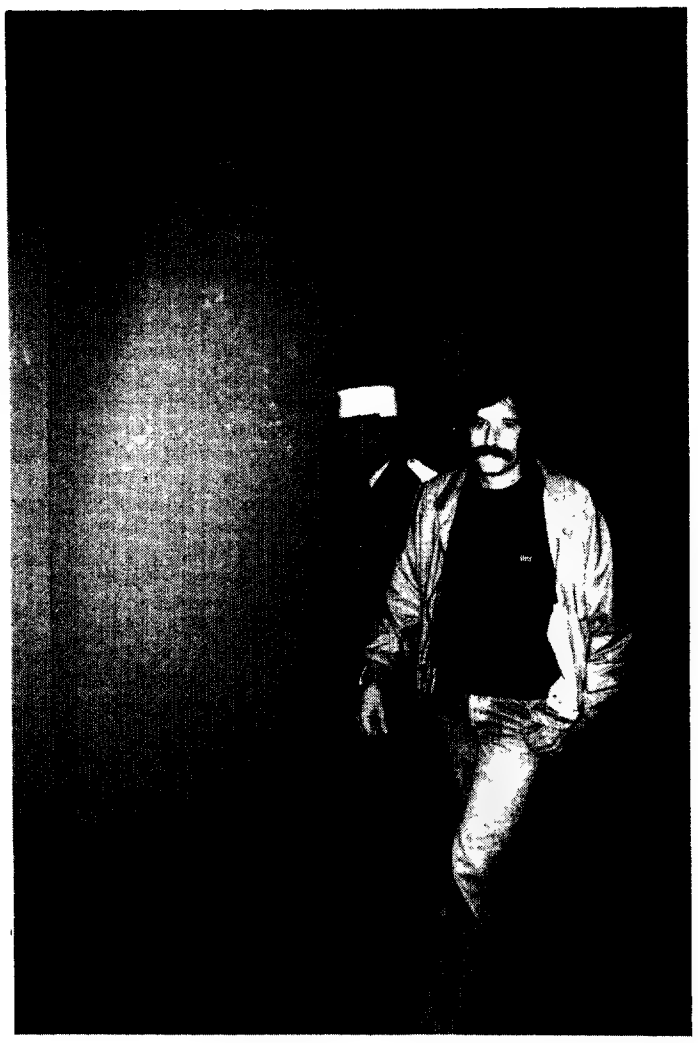
A inesperada morte de «Txomin» supõe o desaparecimento de um - e talvez o único - interlocutor político, e a agudização da luta interna pelo controlo da organização entre as duas correntes que, silenciosamente, se enfrentavam já nos últimos dois anos.

«Txomin», um líder carismático no País Basco e dentro da própria organização, representava a corrente nacionalista e política que herdava a trajectória da Eta desde a sua luta anti-franquista.

Este grupo fica agora sensivelmente debilitado pelo desaparecimento do seu líder, mas também porque as teses defendidas pelo sector de «Txomin» não tinham até ao momento alcançado resultados positivos.

A outra corrente é representada pelo sector mais jovem e militarista, defensor da luta armada, também conhecido como internacionalista e marxista-leninista.

De acordo com fontes das autoridades anti-terroristas espanholas, este sector da Eta já controlava a organização, sobretudo desde a expulsão de «Txomin» de França, em Julho passado.



Txomin, quando em Abril do ano passado foi detido pela Polícia de fronteira da França.

Em meios ligados a antigos membros da Eta-Militar, são desmentidas as divergências na direcção da organização, mas nos últimos tempos ocorreram vários acontecimentos que mostram, pelo menos, orientações diversas e decisões confrontadas.

Vários orgãos de Informação espanhóis recordam que alguns dirigentes da Eta foram eliminados pelos seus próprios companheiros, em momentos de fortes divergências internas, como foi o caso de dois militantes conhecidos por «Pertur» (desaparecido em 1976) e «Argala».

Neste contexto pode ser ainda explicado o assassínio da ex-dirigente da organização, Maria Dolores Gonzalez Catarain, «Yoyes», no Outono passado, como castigo por ter aceite a reintegração na sociedade espanhola, renunciando à violência.

«Yoyes» foi morta por um comando da Eta e contra a opinião de «Txomin».

Estes casos levam os mesmos meios de Informação a especularem com a eventualidade de que «Txomin» poderia ter sofrido a mesma sorte, atendendo ao desconhecimento das circunstâncias concretas do acidente nas estradas argelinas, na madrugada da passada sexta-feira.

O dirigente do Herri Batassuna, Inaki Esnaola, foi o primeiro a referir-se ao acidente como tendo sido fortuito, na primeira declaração que fez sobre o caso, na manhã de segunda-feira.

Confrontos entre as duas linhas

À medida que passa o tempo sem o esclarecimento total das circunstâncias da morte de «Txomin», acentuam-se as suspeitas de que tivesse resultado de um ajuste de contas, como afirmava ontem a rádio nacional de Espanha.

As autoridades argelinas demoraram mais de dois dias a confirmar a morte de «Txomin», de que só teve conhecimento dia e meio depois do acidente.

Não foram ainda dados pormenores solicitados pelo Governo espanhol ao embaixador argelino em Madrid.

As autoridades anti-terroristas espanholas, meios políticos bascos e ainda jornalistas são unânimes em referir que a morte de «Txomin» proporciona confrontos entre as duas linhas da Eta e dá lugar à luta pelo controlo da organização e à ocupação do espaço vazio deixado pelo líder histórico.

Adiantam ainda ser imprevisível uma vitória da linha dura integrada por jovens activistas, alheios ao processo político «Etarra».

Caso isso aconteça, estar-se-á a um passo da radicalização da actividades terrorista com efeitos em espiral a diversos níveis.

Por isso, os obsrvadores afirmam que a morte de «Txomin», independentemente das circunstâncias em que tinha ocorrido, altera substancialmente o panorama no País Basco.

24 HORAS

Líbano: conversações Paris/Damasco

O embaixador itineranmte francês Henri Servant conferenciou ontem, em Damasco, com o ministro dos Negócios Estrangeiros Farouk Al-Sharaa sobre os acontecimentos na região, depois de uma intervenção militar síria em Beirute Ocidental. Servant tinha sido recebido, na terça-feira, pelo presidente sírio, Hafez Assad, a quem entregou uma mensagem do primeiro-ministro francês Jacques Chirac, relativa à situação no Líbano.

Nova ofensiva na guerra do Golfo

O Irão anunciou ontem o início de uma nova ofensiva contra o Iraque na zona do Curditsão. A rádio de Teerão interrompeu a programação para divulgar um comunicado da agência oficial IRNA segundo o qual as tropas iranianas controlam o eixo Haj Omran-Rawandiz. A ofensiva iraniana surge pouco depois da Força Aérea turca ter bombardeado o Curdistão iraquiano, alegadamente contra três bases de rebeldes curdos.

Comunistas atacam Cory

Os guerrilheiros comunistas das Filipinas atacaram pessoalmente, pela primeira vez, a presidente Corazon Aquino, acusando-a de «demagogia e hipocrisia» e afirmando que ela só prega a paz para ganhar popularidade. «Embora a senhora aAuino tente reforçar a sua popularidade pregando a paz e a reconciliação, ela tem permitido a entrada no país de agentes da CIA e mercenários do imperialismo», afirmou em comunicado o «Novo Exército do Povo».

Soviético condenado à morte

Um Tribunal soviético condenou à morte um soldado acusado do assassínio de um taxista húngaro, revelou a emissora estatal de Budapeste. Um outro militar, acusado de cimplicidade, foi condenado a oito anos de prisão. Foi a primeira vez que a rádio húngara admitiu que o taxista tinha sido assassinado por soldados soviéticos. Quando Sandor Lukacsi, 52 anos, foi morto em Novembro de 1986, a imprensa anunciou que tinha sido vítima de um ataque criminoso.

Líbia quer destruir reactor

O Congresso Popular da Líbia exortou o governo de Kadafy a tentar destruir o reactor nuclear de Israel, alegando que ele constitui «uma ameaça para o mundo árabe». Segundo a agência Jana, o Congresso exortou ainda os países árabes a formaramm uma força de dissuasão para fazer face ao «arsenal nuclear» de Israel.

Espionagem EUA-Israel

O espião confesso Jonathan Pollard foi ontem condenado a prisão perpétua por ter passado milhares de páginas de documentos ultra-secretos norte-americanos para Israel. Pollard, um antigo analista dos serviços secretos norte-americanos, foi condenado pelo seu papel no que os acusadores descreveram como um dos casos mais graves de espionagem da história dos EUA.

Oficiais checos fogem para a RFA

Dois oficias checoslovacos fugiram num helicóptero militar para a Alemanha Federal e pediram asilo político, informou um porta-voz da polícia. O porta-voz adiantou que os dois homens aterraram na cidade de Regensburg, perto da fronteira da Checoslováquia.

Porto e Guimarães: nem por isso...

DA MUITA CONFIANÇA À ESPERANÇA DIVIDIDA

Havia bastante confiança no comportamento das duas equipas portuguesas sobreviventes nos torneios uefeiros: afinal, sortes diferentes tiveram as nossas turmas ainda presentes nas competições europeias, com o FC Porto a salvar-se do abismo graças ao argelino Madjer e o Guimarães a tombar, sem grande réplica.

A 1.ª mão dos quartos de final da Taça dos Campeões e da Taça UEFA não foi, desta feita, motivo de regozijo para as equipas nacionais, se bem que o Vitória de Guimarães tenha as suas aspirações bem mais comprometidas que os seus vizinhos do Porto.

Madjer, a 20 minutos do fim do encontro com os dinamarqueses do Brondby, salvou «a honra do convento» dos locatários do Estádio das Antas, o que não deixa de ser preocupante, sabendo-se que a cena é de repetição em apenas quatro dias. Com uma exibição sem brilho e distante da audácia de outros tempos, os comandados de Artur Jorge mostraram-se falhos de imaginação ofensiva ante uma equipa que, a possuir ataque só o deverá mostrar no seu próprio campo, dentro de duas semanas.

No tempo de abertura, o esférico andou dividido entre a classe individual dos portistas e o fulgor físico dos dinamarqueses, mas tudo se passou no meio do relvado do Estádio das Antas, perante o desespero de 75 mil adeptos, que esperavam um resultado tranquilizador para o jogo da 2.ª mão.

João Pinto e Madjer mostraram-se os mais inconformados com a situação, se bem que a entrada do «internacional» brasileiro Casagrande tenha dado uma boa achega, mas a passagem às meias-finais terá de depender mais que do talento individual de um ou outro jogador.

Os dinamarqueses, sem preverem a escassez de problemas que o FC Porto lhes apresentou, (especialmente o guarda-redes) confiam no seu poder físico e na neve do seu país para ultrapassarem a desvantagem de um único golo, mas o FC Porto também deve saber com o que conta.

Em Dusseldorf (na RFA) o Vitória de Guimarães viu interrompida a boa carreira que vinha fazendo na Taça UEFA com uma pesada derrota (3-0) que lhe deixa débeis perspectivas para o encontro da 2.ª mão (em Guimarães) mas merecia melhor sorte. Aos seis minutos já estava a perder por 1-0 com um golo de Criens e foi com a desvantagem de dois golos que recolheu aos balneários no final do período inicial, deixando desde logo a imagem de um resultado ingrato para a boa exibição que estava a fazer.

O clima adverso (sete graus negativos) e o piso escorregadio foram os principais «carrascos» de uma equipa de brasileiros e zairenses habilidosos e já habituados à temperatura mais amena em Portugal e, na 2.ª parte, a infelicidade vimaranense prosseguiu até com um autogolo de Heitor.

A turma de Marinho Peres perdeu ainda alguns ensejos de marcar: mas N'Kama, Cascavel e Ademir não acertaram com a baliza e o guarda-redes contrário também não deixou, pelo que a 2.ª mão se apresenta agora como um problema de difícil resolução.

Campeões: "goleada" do Bayern

A inesperada goleada de 5-0 que o Bayern de Munique inflingiu ao Anderlecht foi a nota mais surpreendente dos três jogos da 1.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Campeões, em futebol. Apenas 16 mil espectadores assistiram à dupla vingança dos campeões da RFA sobre os belgas do Anderlecht, depois de estes lhes terem conquistado a Supertaça (em 1976) e, na época passada, os terem derrotado neste mesmo Estádio de Munique e para esta mesma competição. Ao intervalo já o Bayern vencia por 2-0, com golos do irmão da «estrela» Rummenigge (com o mesmo apelido) aos 15 minutos e de Pfluegler (aos 28). No segundo tempo, o «internacional» Hoeness com dois tentos (68 e 86 minutos) e Wolfarth (aos 90) «esmagaram» as pretensões dos belgas.

O Bayern apresenta-se, assim, como a única equipa praticamente garantida nas meias-finais até ao momento, mas o Futebol Clube do Porto (com a vitória por 0-1, sobre os dinamarqueses do Brondby) também possui fortes hipóteses, se bem que numa escala muito menor.

O Real Madrid (Espanha) provocou a outra nota de espanto ante os jugoslavos do Estrela Veremelha, primeiro por ter estado a perder por 3-0 ao intervalo e depois por ter concluído o encontro com apenas dois golos de desvantagem (4-2).

Uma dupla de tentos do «internacional» mexicano Hugo Sanchez, que ainda se deu ao luxo de desperdiçar uma grande penalidade quando o resultado estava em apenas 1-0, abre melhores perspectivas para o encontro da 2.ª «mão». A seis minutos do termo do encontro, os madrilenos perdiam por 4-1, mas uma grande penalidade (desta feita convertida por Hugo Sanchez, aos 87 minutos0 tranquilizou um pouco mais o Real Madrid, cujo talento especial para recuperações no «Santiago Bernabéu» é célebre.

Apenas três dos quatro jogos desta competição europeia foram realizados, uma vez que o encontro entre o Besiktas (Turquia) e o Dínamo de Kiev (União Soviética) foi adiado para hoje.

"Taça UEFA": Borussia de Moenchengladbach, 3 - V. Guimarães, 0

Só a esperança não morre

O Guimarães «patinou» com dificuldade no terreno (gelado) do Borússia Moenchenglabach (RFA), com a derrota (3-0) a deixar os vimaranenses com escassas hipóteses nos quartos-de-final da Taça UEFA, em futebol. A defesa do clube minhoto «escorregou» logo aos seis minutos quando Criens fez 1-0, com Krauss a elevar para 2-0 antes do intervalo (aos 40), tendo Heitor, num autogolo, fechado a contagem a favor dos germânicos, aos 66 minutos.

Sob uma tempestade a rondar os sete graus negativos, o Guimarães, com uma equipa integrando vários brasileiros e zairenses, debateu-se com muitos problemas para travar o ímpeto ofensivo dos alemães-federais, mais habituados ao gelo.

Roldão foi o protagonista do primeiro remate do desafio (aos dois minutos) mas Criens teve o privilégio de abrir o activo, num bom golpe de cabeça, na sequência de um canto, não dando hipóteses de defesa ao guarda-redes Jesus. Animados com o tento, os germânicos forçaram ainda mais o ataque, com Kraus e Rahn a causarem pânico nas hostes vimaranenses, mas seria N'Kama a falhar o golo (aos 15) quando (isolado) permitiu a antecipação do guardião Kamps.

Optando, pelo jogo aéreo e com constantes cruzamentos para o interior da área contrária, o Borússia não deu tréguas à defesa minhota, tendo Roldão (aos 27) evitado «in extremis» um golo de Krauss.

N'Kama teve um disparo fortíssimo (aos 30), a proporcionar uma grande defesa de Kamps para canto, naquela que foi a melhor oportunidade dos vimaranenses até ao intervalo. O guarda-redes Jesus, que não pôde fazer «milagres» no Bokelbergstadion, evitou (mesmo assim) que o marcador funcionasse, (aos 32 e 39 minutos) quando defendeu remates difíceis de Frotzeck e Bakalorz, respectivamente. Todavia, o 2-0 surgiu aos 40 minutos, quando, numa fuga rápida de Lienen, Krauss (desmarcado) fez o golo com toda a facilidade.

No período complementar, o Guimarães, que contou com o «calor» de alguns milhares de emigrantes portugueses presentes no estádio, voltou a exibir fraqueza ofensiva, tentando o golo em lances de bola parada e em pontapés de longa distância.

Consciente da sua superioridade, a turma germânica impôs o seu jogo, com Krauss a obrigar Jesus a uma defesa aparatosa (aos 63) para, volvidos três minutos, Heitor fazer o 3-0 para os locais, num autogolo que resultou de um mau corte com o joelho.

Resultado injusto para o bom futebol que, apesar das condições adversas, o Vitória de Guimarães exibiu em Dusseldorf, mas terá comprometido seriamente a eliminatória.

O Vitória ainda poderia ter reduzido o 3-0 (aos 78 minutos) quando N'Kama, dentro da área, errou o alvo por um triz, com Cascavel, bem colocado, a pedir-lhe o esférico.

O resultado final premeia a força atacante dos alemães-federais, castigando severamente os erros defensivos do Guimarães.

Responsáveis desabafam

O técnico vimaranense, Marinho Peres, classificou de «injusta» a derrota (3-0) do Guimarães frente ao Borussia Moenchengladbach: **Foi um resultado injusto, pelo futebol que praticámos. Dominámos o encontro e acabámos por ser derrotados de forma severa** — comentou o treinador brasileiro.

Marinho Peres argumentou que não tem nada a recriminar aos seus jogadores e que o resultado acabou por ser fruto da **pouca experiência internacional** da equipa. **Apesar da derrota pesada, vamos tentar rectificar no 2.º jogo, em Guimarães** — prometeu.

Entretanto, o técnico do Borussia (Jupp Weynckes) mostrou-se satisfeito pela vitória alcançada, dadas as grandes possibilidades de a equipa se qualificar para as meias-finais: **O Guimarães não merecia (contudo, esta diferença no resultado** — reconheceu Weynckes, advertindo que, em Guimarães a sua formação irá sentir muitas dificuldades. **Estou certo que o Guimarães, vai jogar totalmente ao ataque daqui a duas semanas** — finalizou.

Sob a arbitragem do norueguês Halle, alinharam:

Borussia Moenchengladbach: Kamps; Bruns, Krauss, Borowka e Herlovsen; Dressen, Bkalorz, Lienen e Frontzeck; Uwe Rahn e Criens.

Vitória de Guimarães: Jesus; Costeado (Nivaldo, 87), Nené, Miguel e Heitor; Rui Vieira, Roldão, Adão (Basaula, 77) e Ademir; Paulinho Cascavel e N'Kama.

Cartão amarelo: N'kama (35 minutos), Nené (81). Golos: Criens (6 m), Krauss (40) e Heitor (na própria baliza, aos 66).

"Taças": Saragoça fez das fraquezas uma força

O Bordéus alcançou magra vitória (1-0), em França, sobre o Torpedo de Moscovo, na 1.ª mão dos quartos de final da Taça dos Vencedores de Taças.

Nos três jogos que se disputaram, os visitados venceram, mas o Saragoça e o Lokomotive de Leipzig conseguiram uma mais tranquila vantagem de 2-0 para a 2.ª mão, no próximo dia 18. A neve impediu o jogo Malmoe - Ajax de Amesterdão (adiado para o próximo dia 14) após consultas entre o árbitro (o escocês George Smith) e os treinadores das duas equipas (Roy Hodgson e Johan Cruyff). O gelo que cobria o Estádio do Malmoe, pondo em perigo os jogadores (e a pouco visibilidade para o árbitro) foram as razões do adiamento, minutos antes do pontapé de saída do encontro.

Entretanto, os «girondinos», onde o português Chalana não alinhou, receberam em Bordéus o Torpedo de Moscovo e, não obstante a pressão constante sobre as redes de Kharin, venceram apenas por 1-0, golo de Philippe Fargeon (12 minutos depois do intervalo). O tento foi marcado num golpe de cabeça, a cruzamento do jugoslavo Zlatko Vujovic, e constituiu o sexto tento, em seis jogos, que Fargeon disputou no Bordéus, desde que foi adquirido ao Belizzona, da Suíça.

Em Saragoça, a equipa local conseguiu derrotar (2-0) o Vitocha (Bulgária) com dois tentos também na segunda metade do encontro: por Roberto Elvira (aos 56 minutos) e depois (aos 77) por intermédio do defesa Garcia Cortes. Apesar de jogar desfalcada de alguns jogadores-chave, a equipa espanhola acabou por vencer a cerrada defensiva búlgara, após um 0-0 ao intervalo, que frustrava a expectativa dos seus 20 000 adeptos, que assistiam a um ataque constante mas improdutivo do detentor da Taça do Rei.

Em Leipzig (RDA) o Lokomotive conseguiu, em dramáticos três minutos finais, o triunfo por 2-0, sobre os suíços do Sion. A equipa helvética fechou bem a sua defesa e, quando os 21 000 espectadores já esperavam o 0-0 final, Marchall (aos 87 minutos) e Ritcher (sobre o apito final) conseguiram o volta-face e, talvez, a passagem às meias-finais da Taça dos Vencedores de Taças. Se o conseguir, será a 2.ª vez na história do clube, depois de na época de 1973-74 ter chegado às meias-finais da Taça UEFA, onde perdeu com o Tottenham (Inglaterra).

Brasil: Pelé quer ser Presidente da República

Pelé, antigo «rei» do futebol, afirmou em entrevista publicada num jornal brasileiro pretender concorrer à Presidência da República se houver eleições directas. **«Se as eleições forem directas e o povo me desejar na Presidência, aceitarei...»** — disse Pelé ao «Jornal do Brasil».

Desde que se retirou do futebol (em 1977) Pelé (46 anos), dedicou-se ao cinema e aos negócios, mas manifestou sempre um interesse particular pela actividade política. **«O Brasil precisa de novos líderes políticos...»** — sustenta Pelé, de seu nome Edson Arantes do Nascimento, que continua a gozar de enorme popularidade no Brasil, sobretudo entre os adeptos do futebol.

O presidente José Sarney assumiu a Presidência do país em 1985, depois de uma eleição colegial que pôs fim a 21 anos de regime militar.

Biatlo em Loures

Numa organização do Centro de Cultura e Desporto do Pessoal da Câmara, Serviços Municipalizados de Loures e Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures, com o apoio da Companhia de Seguros Bonança, vai ter lugar, pelas 15 horas de 18 de Abril, o «1.º Biatlo do Concelho de Loures» (35 km em bicicleta e 8em corrida a pé). Uma torrente de prémios espera os concorrentes que concluírem a prova: no final, «haverá um belo petisco». Inscrição (a 100$00) até 6 de Abril no CCD de Loures (Avenida dr. Augusto de Figueiredo, 34-A, 2670 Loures. Telefone: 9830832).

João Pinto: desarme «in extremis»

Difícil a progressão portista

"Taça dos Campeões": Porto, 1-Brondby, 0

MASOQUISMO NAS ANTAS

Um golo do argelino Mdjer, a 20 minutos do fim, salvou o FC Porto de um resultado pouco animador frente aos dinamarqueses do Brondby, em encontro da 1.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus, em futebol.

Madjer (28 anos) durante algum tempo afastado da titularidade, voltou (pela 2.ª vez consecutiva a tornar-se o «salvador» das esperanças portistas, depois de (domingo passado) ter sido também o responsável pela vitória frente à Académica a contar para o campeonato nacional.

O êxito tangencial do FC Porto (1-0) ante os campeões dinamarqueses, permitiu à equipa portuguesa manter aspirações de passar às meias-finais da Taça dos Campeões, mas a exibição produzida nas Antas não poderá repetir-se no segundo encontro.

Ao contrário do previsto, a turma de Artur Jorge iniciou o encontro tão receosa quanto o Brondby: e, durante osa primeiros 20 minutos da partida, assistiu-se a um mau espectáculo de futebol, praticado apenas no meio do terreno.

O FC Porto foi sempre o comandante do jogo: mas um «chefe» tão pouco agressivo no ataque que raras vezes o guarda-redes dinamarquês foi posto à prova, especialmnente nos 45 minutos iniciais. O Brondby, que apesar de tudo só agora conheceu a primeira derrota na carreira que tem vindo a efectuar na Taça dos Campeões foi (inclusive) a primeira equipa a poder marcar, mas valeu na oportunidade boa defesa do guarda-redes Zé Beto.

Apenas aos 55 minutos, o «onze» português teve a sua primeira oportunidade de golo, quando o «internacional» argelino surgiu isolado ao guarda-redes contrário mas, no momento do remate, escorregou e o lance perdeu-se.

Durante os dez minutos seguintes, o FC Porto construiu cinco ocasiões para tento, mas em nenhuma delas conseguiu concretizar, mostrando as mesmas lacunas que tem revelado nos últimos encontros do casmpeonato português.

O único golo surgiu aos 70 minutos e dele foram protagonistas os dois melhores jogadores da equipa portuguesa: João Pinto fez uma boa abertura para o argelino, que se isolou frente a Schmeichel e não perdoou.

Apesar da vitória, o FC Porto mostrou-se sempre distante do seu próprio valor frente a uma equipa que, no capítulo ofensivo, praticamente não esteve no Estádio das Antas.

No Porto estiveram em evidência Madjer e João Pinto, enquanto que entre os dinamarqueses o guarda-redes Schmeichel e o defesa Lars Olsen foram os melhores, mas o avançado «internacional» Claus Nielsen poderá criar muitas dificuldades no encontro decisivo.

O que eles disseram

Artur Jorge classificou de **exibição razoável, com um resultado razoável** o encontro e a vitória por 1-0 sobre os dinamarqueses do Brondby: **Foi bom não termos sofrido golos, pelo que estamos em boas condições de ultrapassar a eliminatória: e vamos trabalhar nesse sentido,** acrescentou o técnico portista.

Para o encontro da 2.ª «mão», Artur Jorge garantiu que **o FC Porto vai jogar de outra forma. Vamos para a Dinamarca com 1-0, sem sabermos se é um bom resultado: mas continuamos esperançados em continuar na prova,** disse Artur Jorge.

O treinador dinamarquês Ebbe Skovdhal considerou a derrota por 1-0 **um bom resultado,** mas explicou que **jogar nas Antas é sempre difícil, dado que a equipa portuguesa possui muita classe. A minha equipa é ainda muito inexperiente. Logo, também que pense que o segundo jogo não vai ser nada fácil e será até, bastante diferente desta 1.ª «mão»,** adiantou Skovdhal. O técnico dinamarquês anunciou um Brondby de ataque para o encontro decisivo, **na tenativa de anular a excelente classe individual dos jogadores do Porto. Mas, no fundo, não tenho medo.**

No ponto de vista de Skovdhal, Madjer e Futre foram os melhores elementos do FC Porto.

Sob direcção de Gerard Biguet (França) alinharam:

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Celso, Eduardo Luís e Laureta; Madjer, Frasco (Jaime Magalhães, aos 68m), Sousa (Casagrande na 2.ª parte) e André; Gomes e Futre.

BRONDBY: Schmeichel; Ostergaard, Kent Nielsen, Olsen e Madsen; John Jensen, Bjarne Jensen, Henrik Jensen (Laudrup, aos 78m) e Per Steffensen; Claus Nielsen (Hansen, aos 61m) e Kim Vilfort.

Cartão amarelo a Frasco (55m), Vilfort (70m), Bjarne Jensen (77m) e Laureta (81m). Golo de Madjer (70 minutos).

Como estão as coisas

Taça dos Campeões: Bayern (RFA)-Anderlecht, 5-0; Besiktas (Turquia)-Dínamo Kiev, adiado (6/3); Estrela Vermelha (Jug.)-Real Madrid, 4-2.

Taça das Taças: Bordéus-Torpedo de Moscovo, 1-0; Real Saragoça-Vitocha (Bulg.), 2-0; Malmoe (Suécia)-Ajax (Holanda), adiado (14/3); Lokomotiv Leipzig (RDA)-FC Sion (Suíça), 2-0.

Taça UEFA: Dundee (Escócia)-Barcelona, 1-0; Torino-FC Tirol (Áustria), 0-0; Gotemberg (Suécia)-Inter Milão (Itália), 0-0.

Segunda «mão» no próximo dia 18.

UEFA: Inter com superferrolho

O Vitória de Guimarães sofreu a derrota (3-0) mais pesada da 1.ª mão dos quartos de final da «Taça UEFA», no campo do Borussia de Moenchenglabach (RFA). A turma vimaranense sofreu três dos quatro golos marcados nos jogos dos quartos de final daquela prova, que registou dois empates nulos: no Gotemburgo-Inter de Milão e no Torino-Tirol.

O Barcelona, «carrasco» do Sporting na «Taça UEFA» desta temporada, manteve intactas as suas aspirações para a 2.ª «mão» em Nou Camp, ao perder por magro 1-0, vítima de um golo de Gallancher logo aos dois minutos do encontro disputado na Escócia, frente ao Dundee United.

Excluíndo a turma vimaranense, cujas possibilidades de prosseguir em prova parecem agora bastante reduzidas, as demais equipas adiaram para a 2.ª «mão» a decisão da eliminatória, com o Barcelona, Inter de Milão e Swarovski Tirol a surgirem como favoritos dado o factor «casa».

O Inter, com um «ferrolho» defensivo (no qual não faltou a ajuda esporádica de avançados como Alessandro Altobelli e Oliviero Garlini) conseguiu manter o zero-zero até final dos 90 minutos do seu encontro em Gotemburgo, na Suécia.

Um deslize do guarda-redes Walter Zenga, num mau pontapé nos minutos finais, ia custando a derrota aos italianos, mas Stefan Petterson falhou o remate fácil.

O Gotemburgo, que dominou nas duas metades de jogo, teve boas ocasiões de golo (aos 71, através de Mats Carlsson, aos 73, por intermédio de Magnus Johansson) mas a falta de pontaria não permitiu que o «score» funcionasse: **«Foi uma pena não termos marcado um único golo»** — comentou o técnico do Gotemburgo (Gunder Bengstsson) adivinhando as dificuldades para a 2.ª «mão», em Milão.

O guarda-redes do Tirol (da Áustria), o jugoslávo Ivkovic, com uma grande exibição, foi o maior responsável pelo empate nulo (0-0) obtido no terreno do Torino, de Itália. Ivkovic deu-se ao luxo de defender uma grande penalidade (aos 54 minutos) tendo o perdulário sido o avançado Antonio Comi. Volvidos nove minutos sobre o «penalty», Giuseppe Dossena, depois de driblar dois defesas, disparou forte, mas Ivkovic defendeu, tendo o esférico tabelado ainda na trave.

Em Dundee, a «algazarra» dos 35 mil adeptos do United começou logo aos dois minutos, quando Kevin Gallancher colocou os escoceses a ganhar por 1-0, frente ao poderoso Barcelona, mas a defesa dos catalães não permitiu mais veleidades até final.

O «goleador» do Barcelona, o inglês Gari Lineker (muito vigiado pelos defesas escoceses) só teve uma oportunidade de marcar, tendo Sturrock falhado (aos 51) um golo fácil, após cruzamento de Gallancher.

Bibliografia

Jornal «Ciclismo»

Acompanhando uma modalidade que, esta temporada, vai colocar na estrada um número recorde de equipas profissionais (nada menos que doze) o jornal «Ciclismo» continua a reflectir cuidada atenção sobre osvários problemas que rodeiam a popularíssima disciplina desportiva em que o «show» é gratuitamente oferecido à porta do melhor amigo: o Povo. Dirigido por José Santos (que tem a seu lado António Couto, Ernesto Brochado, dr. Sousa Pires, Alves Barbosa e outros dedicados apaixonados pela velocipedia) o «Ciclismo» debruça-se, no seu número de Fevereiro, sobre reportagens (Nacionais de ciclocrosse, troféu «António Pinto»).

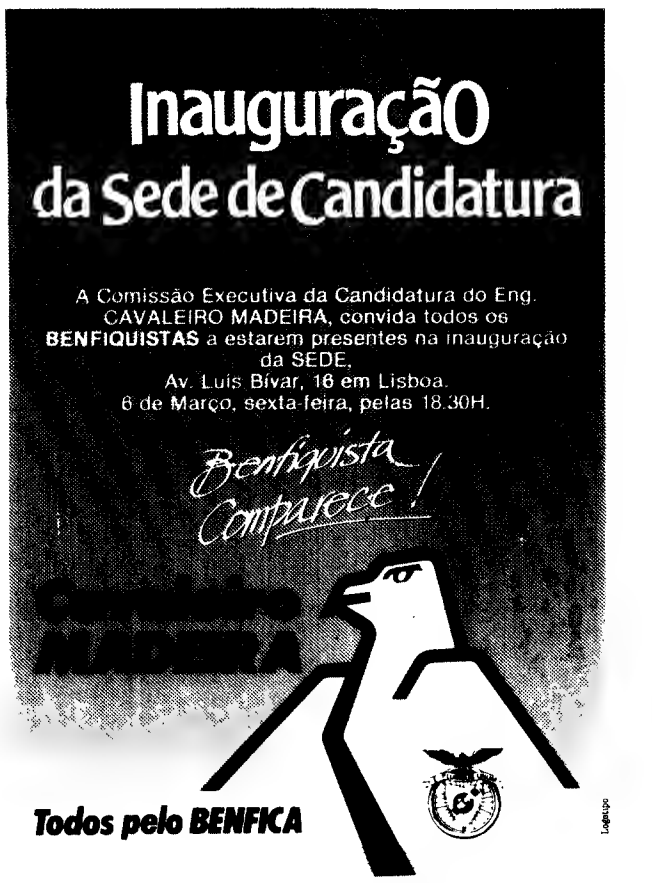
Raquetas de ouro

John McEnroe e Kevin Curren: dia 15 estarão no Pavilhão do Dramático de Cascais, numa iniciativa de Soténis/Escola d Ténis João Lagos. Antes do jogo-exibição entre duas das maiores vedetas do mundo do ténis, terá lugar uma «Clínica», destinada aos melhores jovens das diversas escolas de ténis do nosso país. Cinco empresas são mencionadas no «press-release» do festival como dando apoio à iniciativa: Bic, Colgate, Mars, Vitalis e Lowenbrau.

Quando da apresentação à Comunicação Social deste evento de alto plano, estiveram presentes João Lagos e Maria do Carmo Arnoso (Soténis), Duarte Silva (Federação de Ténis), Luís Falcão Ramos (Colgate) e Alex Roberts (representando John McEnroe). O programa para este domingo tenístico abre, de manhã, com a «Clínica», segue-se um almoço, tem depois lugar um encontro entre dois jogadores portugueses e, no final (16 e 30) a exibição dos campeões. Curiosidade: desembarcando de manhã e partindo à noite, McEnroe não chega a dormir em Portugal: segue para Roterdão, onde jogará a 18. O duelo com Curren será directamente transmitido pela RTP mas quem quiser ver ao vivo, basta passar pelas bilheteiras do Pavilhão de Cascais: entradas entre 1500 e 3000 escudos.

McEnroe: é norte-americano mas nasceu na RFA (Wiesbaden), pesa 74 quilos, mede 1 e 80. Característica principal: temperamento irrascível.

Kurren: nasceu em Durban (África do Sul) mas está naturalizado norte-americano. Tem 1 e 85 de altura, pesa 77 quilos. Nota a destacar: o «serviço».



Luto no nosso ciclismo

Nascera há 23 anos, em S. João de Ver (concelho da Feira). Tinha o ciclismo como paixão: passou pela Académica de Espinho, pelo Gulpilhares e, esta temporada (finalmente) ingressara no profissionalismo: pela mão de Venceslau Fernandes, preparava-se para defender as cores da Ajacto.

Ontem, no treino com os companheiros, apareceu a má curva: e, pela frente uma viatura automóvel. Choque brutal, queda que também roçou Venceslau, depois o rapazito a ser conduzido para o Hospital de Penafiel, mais tarde para o Porto. Nada a fazer: faleceu Fernando Almeida, carreira que passou pela última Volta a Portugal, dando também nas vistas no Grande Prémio de Setúbal. Mais um ciclista que desaparece: fica ao lado de Antonino Baptista, José Pinto, José Zeferino, Joaquim Agostinho. Um pelotão de saudades.

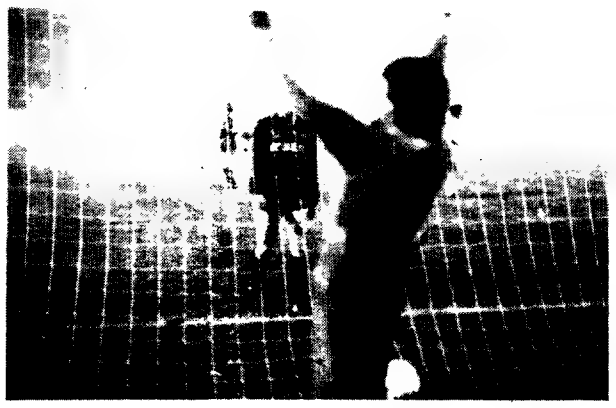
Futebol conimbricense: duras penas

Dois futebolistas do Grupo Desportivo Pomarense, filiado na Associação de Futebol de Coimbra, foram punidos com um ano de suspensão. Alfredo Feitor Amaro e Armando Dinis Marques foram castigados por terem agredido um árbitro num jogo disputado entre o Pomarense e o Sangianense, em Dezembro de 1986. Na sequência dos acontecimentos verificados na altura, o Pomarense foi punido com a derrota e também com uma multa.

O Conselho de Disciplina da AFC aplicou ainda uma pena de nove meses de suspensão ao jogador José Neto Costa (do Bobadelense), e agravou as multas atribuídas a oito clubes.

Troféu "Nelson Mandela"

Um troféu denominado «Nelson Mandela» foi instituído na República Popular do Congo e será disputado nas modalidades de futebol, andebol, voleibol, basquetebol, atletismo, ciclismo e karaté. O troféu, criado em homenagem ao líder do ANC da África do Sul (detido há mais de 20 anos) estará na origem de uma grande movimentação desportiva, cujas receitas reverterão a favor do Fundo de Africa.



Antas: a euforia do «Gândula». Madjer colocara fim no sofrimento dos adeptos do FC Porto, no jogo com a EMCA DE Coimbra. A bola colara-se às malhas conimbricenses: e o garoto explodiu em alegria.

Benfica em tempo de eleições

CAVALEIRO MADEIRA: CATARINO DUARTE NA LISTA

Durante um almoço oferecido aos representantes da Comunicação Social, o eng.º Cavaleiro Madeira (um dos candidatos à presidência da direcção do Sport Lisboa e Benfica), declarou:

«**Esta candidatura foi a primeira que se apresentou e vai concorrer para ganhar, não desistindo nem se fundindo com outra**».

O eng.º Cavaleiro Madeira e os principais elementos que integram a sua lista (que concorre às eleições sob o lema «**todos pelo Benfica**» fizeram a apresentação do programa eleitoral em confraternização com representantes da Comunicação Social.

«**Temos um plano de campanha inédito, que será anunciado na 6.ª-feira**», disse um dos elementos da lista, cuja candidatura é formulizada hoje no Estádio da Luz. O eng.º Cavaleiro Madeira considerou «**ambicioso**» o seu programa e, referindo-se às realizações nele propostas, disse que «**o clube pode suportar as despesas que o seu cumprimento implica**».

O candidato a vice-presidente do Conselho Fiscal, o prestigiado benfiquista Jaime Catarino Duarte, afirmou que «**os elementos da lista não estão no Benfica para figurar nas colunas sociais das revistas**», e definiu-se como autor de propostas, «**desde há anos apresentadas (sem êxito) nas assembleias, para que o Benfica se reformule**».

Os principais elementos da lista do eng.º Cavaleiro Madeira são:

● Assembleia geral: prof. José Maria Gaspar (presidente) e Mário Marques Mendes (vice-presidente).

● Conselho Fiscal: João Mateus Sancho Rosa (presidente) e Jaime Catarino Duarte (vice-presidente).

● Direcção: Luís Cavaleiro Madeira (presidente) e Helder Batista Viegas (vice-presidente).

O programa do eng.º Cavaleiro Madeira (o primeiro a ser apresentado) tem dez pontos e, além de explicar (em cerca de 500 palavras) «**porque nos candidatamos**», refere os projectos para as várias modalidades, com destaque para o futebol profissional e amador (**«a equipa de juniores voltará a ser o principal fornecedor de jogadores para a equipa de seniores, o que não acontece há longos anos»**).

Outros elementos abordados no programa referem-se a instalações sociais, actividades administrativas e financeiras, relações públicas e publicidade, movimento associativo, imprensa do clube, filiais, casas do Benfica e delegações.

No capítulo das novas modalidades figuram a reactivação do badminton, pesca desportiva pugilismo, e o lançamento do judo karate, taekwan-do, suash, halterofilismo, pentatlo moderno e outras do programa olímpico.

Além da criação do Gabinete de Alta Competição, a lista do eng.º Cavaleiro Madeira propõe o regresso do ciclismo ao clube, salientando que estão adiantados contactos com um patrocinador, cujo apoio suportará (praticamente) o investimento a realizar.

Sport-Society

Enervit Protein

Descoberto por um especialista italiano, o «Enervit Protein» tornou-se fórmula preferida por centenas de atletas de todo o Mundo, entre os quais o ciclista italiano Francesco Moser (recordista mundial da hora), a sua compatriota Sara Simeoni (que também deteve o máximo mundial do salto em altura) e o famoso tenista checoslovaco Ivan Lendl. Em Portugal, o produto vai ser apresentado a atletas e jornalistas no decorrer de um almoço que terá lugar a 10 do corrente, promovido pelos Laboratórios Biofarma, Lda, no Clube dos Empresários (Avenida da República, Lisboa).

Serginho assinou pelo Marítimo

A direcção do Marítimo confirmou ter chegado a acordo com o futebolista brasileiro Serginho, com quem estabeleceu um contrato válido por três meses. O ex-«internacional» brasileiro, que actuava no Santos, deverá estrear-se na equipa madeirense frente ao Salgueiros em jogo correspondente à próxima jornada do campeonato da 1.ª divisão.

Serginho será apresentado à massa associativa do clube (domingo) no jogo de carácter particular que envolverá o Marítimo e o Nacional. A decisão da direcção verde-rubra de contratar o jogador brasileiro tem como objectivo conseguir resultados mais positivos para a equipa de futebol «fugir» aos últimos lugares da tabela classificativa e atendendo à rescisão dos contratos com Costa e Wallace, dois atacantes da formação orientada por Manuel Oliveira. Simultaneamente, dado o seu feitio espalhafatoso, Serginho será (cremos) uma atracção de bilheteira.

Inglaterra

O Arsenal garantiu a sua presença na final da Taça da Liga Inglesa de Futebol, ao vencer fora o Tottenham por 2-0, em encontro de desempate das meias-finais da prova.

O Tottenham inaugurou o marcador (aos 51 minutos) através de Clive Allen, mas tentos de Ian Allinson (82 minutos) e David Rocastle (89) deram a vitória ao Arsenal.

Entretanto, Aston Villa e Wimbledom empataram sem golos no jogo em atraso do campeonato inglês da 1.ª divisão.

Atenção, Amadora

O jogo marcado para hoje, entre o Estrela da Amadora e o Sporting, tem lugar pelas 21 horas, no estádio da colectividade presidida por José Gomes. Sábado, pelas 15 horas, o Estrela recebe o Elvas, também em embate particular.

Vandalismo preocupa UEFA

A União Europeia de Futebol (UEFA) apelou às diversas federações e associações nacionais da modalidade, para tomarem medidas contra a crescente onda de violência nos estádios.

O secretário-geral da UEFA, Hans Bangerter afirmou que os recentes incidentes em Itália, RFA e Holanda, vieram demonstrar a necessidade do reforço da segurança nos estádios. **Estamos preocuados com a situação e esperamos que as federações nacionais encontrem soluções para combater o vandalismo nos estádios de futebol** — comentou.

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 10/87 DE 8 DE MARÇO DE 1987

Penalti: 1X2 221 121 1121; O Algarve: 12X 121 X12 1122; Jornal de Amarante: 122 212 121 112X; Jornal da Beira: 122 211 1X1 111X; Correio de Coimbra: 122 21X 11X 1122; Correio do Vouga: 122 2X1 111 X121; A Defesa: 12X 2X1 121 112X; Defesa de Espinho: 222 112 X21 11X2; Diário de Coimbra: 1X1 2X1 1X1 11XX; O Diário: 122 212 12X 1121; Diário de Lisboa: 1XX X11 1XX 1X22; Diário de Viseu: XXX X12 1X1 112X; Folha do Domingo: 122 21X 1X1 111X; Ecos de Cacia: 12X 2X1 121 11X1; Eu Sei Tudo: 12X 21X 1X1 11X1; Jornal de Felgueiras: 1XX 2X1 1XX 1XX1; Jornal do Fundão: 1XX 21X 121 112X; Gazeta das Caldas: X2X X1X 1X1 11X1; Rádio Totobola: 122 X11 X11 212X; Linhas de Elvas: 122 211 11X 11XX; Jornal da Lixa: 12X X11 11X 11X1; Mana da Fonte: 122 2XX 11X 1122; O Mensageiro: 122 2X1 12X 11XX; No Estúdio e no Estádio: XX1 211 1XX 112X, Notícias de Felgueiras: 12X 2X1 1XX 1X2X; Notícias de Gouveia: XX1 22X 11X 1111; Notícias de Guimarães: 122 2X2 112 1X21; Notícias de Évora: 12X XX1 11X 111X; Notícias de Viseu: 1XX X1X 1XX 1122; A Ordem: 1XX 22X 11X 1121; Notícias de Viana: 122 X11 121 11X2; Reconquista: 122 211 111 1121; Rádio Altitude/Informação Desportiva: 121 X1X 111 11XX; RDP/Comercial/Clube da Manhã: 122 221 X2X 1122; RDP Comercial/Manhã, Manhã: 12X 21X 121 112X; RDP Comercial/Secção Desportiva: 122 211 121 1122; RDP Comercial/Tempo de Desporto: 122 2X1 X2X 1121; RR/Rádio do Desporto: 122 X11 XX1 11XX; RR/Bola Branca: 1XX 1X1 112 X12X; RR/Desporto: 121 111 111 112X; Rádio Sports: 121 22X 111 XXXX; Jornal de Sintra: 121 22X 12X 1121; Jornal do Sul: 12X 21X 1X2 1121; Voz do Ave: XX1 221 121 111X; A Voz do Domingo: 1X2 211 121 112X; Voz de Lamego: 121 111 X2X 1111; Fim-de-Semana Desportivo/RDP Guarda: 122 XX2 1X2 112X; Desporto Regional/Rádio Altitude: 122 211 121 1121; Panorama Desportivo: RDP Guarda: 12X 2X1 11X 1X21; Gente Gira/Antena Um: 12X X21 11X X11X; Pista de Dança/Rádio Altitude: 12X X11 1X1 11XX; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 121 221 1X2 111X; Tarde Desportiva/Antena Um: 12X XX1 11X 11XX; Livre e Directo/Antena Um: 1X2 211 12X 1122; Desporto Regional/RR Porto: 12X 22X 11X 1122; O Comércio de Leixões: 122 X11 12X 11XX; De Tudo Um Pouco: 12X 21X 121 11X2; Jornal de Gaia: 1XX X11 12X 11X1; Jornal da Graça: 222 2X1 X2X 2X2X; Jorna de Notícias: 122 X11 1X1 11X1; O Primeiro de Janeiro: 12X 211 1X1 1121; Quadrante Norte: 122 X1X 12X 1122; Repórter do Dia: 122 X1X 121 112X; Resenha Desportiva: 1XX 212 1X1 11X1; Alvo Desportivo: XX1 1X1 XX1 1121; Rádio Alvo: X2X XXX 12X 1111; Alvo: 1XX 2X1 X1X 1X11; Alvo Suplemento: X2X X21 1X2 11X1; A Voz dos Ridículos: 1XX X12 1X2 1122.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Farense-Rio Ave	59	8	2	10	1	1
2. Covilhã-Porto	0	19	50	1	3	9
3. Olhanense-Chaves	11	30	28	2	5	5
4. Saragoça-Barcelona	6	22	41	1	4	7
5. R. Sociedade A. Madrid	39	18	12	7	3	2
6. Valhadolid-At. Bilbau	42	19	8	7	4	1
7. Múrcia-Cádis	59	10	0	10	2	1
8. Chelsea-Arsenal	21	22	26	4	4	4
9. Newcastle-Aston Villa	32	29	8	6	5	1
10. Southampton-Leicester	63	4	2	10	1	1
11. Tottenham-Queen's P. R.	61	8	0	11	1	1
12. Watford-Everton	10	21	38	2	4	6
13. Charlton-West Ham	26	29	14	5	5	2

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
12X 211 121 112X

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 13 h.
Bragança	6	6	0,0 Pouco nub.
V. Castelo	8	8	0,0 Nevoeiro
Vila Real	8	8	0,0 Limpo
Porto	7	7	0,0 Nevoeiro
P.Dourad.	–	–	– –
Coimbra	9	9	0,0 Nevoeiro
C.Carvoeiro ...	12	12	0,0 Limpo
C. Branco	–	–	– –
Portalegre	17	15	0,0 Neblina
Lisboa	12	12	0,0 Limpo
Évora	16	15	0,0 Bruma
Beja	11	10	0,0 Limpo
Faro	13	12	0,0 Limpo
Sagres	16	14	0,0 Limpo
P. Delgada	14	14	0,0 Pouco nub.
Funchal	20	17	0,0 Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 23, Porto 15, Faro 23, Ponta Delgada 18, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	6	5	Limpo
Londres	0	0	Neblina
Paris	0	-1	Neblina
Bruxelas	-5	-2	Pouco nub.
Amesterd. ...	-7	-8	Limpo
Genebra	0	0	Muito nub.
Roma	0	-2	Muito nub.
Oslo	-20	-20	Pouco nub.
Copenhaga ..	-10	-11	Pouco nub.
Estocolmo ...	-20	-20	Limpo
Berlim	-6	-9	Neblina
Viena	-19	-19	Neblina
Varsóvia	-9	-9	Neve
Atenas	0	-1	Muito nub.
Moscovo	-21	-21	Neblina

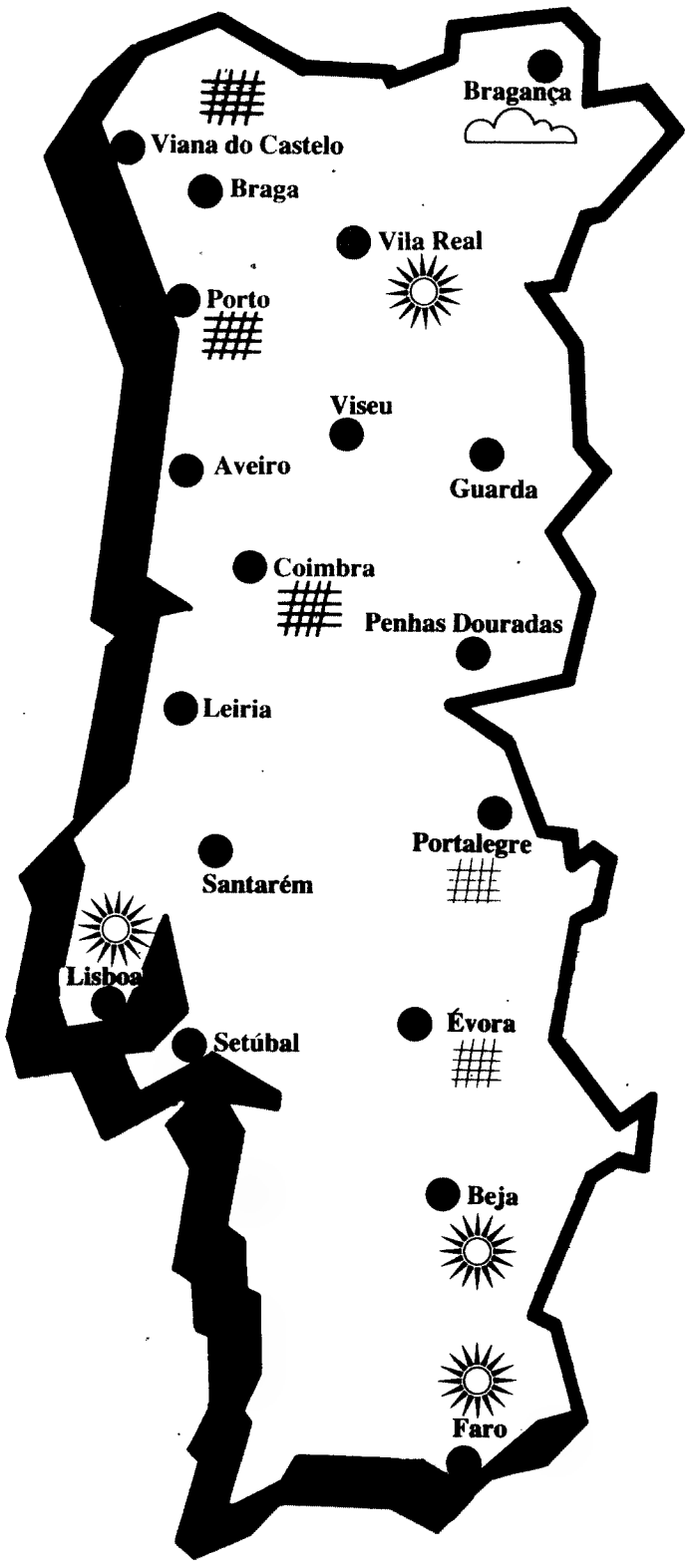
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	27	Nublado
Joanesburgo ..	16	23	Limpo
Los Angeles ..	11	28	Chuva
Montreal	-9	-4	Nevoeiro
Nova Deli	12	29	Limpo
Nova Iorque ..	1	7	Limpo
R. de Janeiro .	18	32	Limpo
S. Francisco ..	13	19	Nublado
São Paulo	17	28	Nublado
Tóquio	3	15	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:
Céu geralmente pouco nublado, vento fraco a moderado de nordeste, pequena descida de temperatura.

Estado do mar:

***Costa Ocidental:* Mar encrespado. Ondulação de noroeste de dois metros.**

***Costa Sul:* Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.**

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento bonançoso a moderado do quadrante oeste nos grupos Ocidental e Central e vento geralmente fraco no grupo Oriental. Períodos de chuva nos grupos Ocidental e Central.

***Estado do mar:* Grupos Ocidental e Central: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois a três metros. Grupo Ocidental e Central: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de três a quatro metros. Grupo Ocidental: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de três metros.**

Na Madeira:

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de leste.

***Estado do mar:* Mar encrespado. Ondulação noroeste de dois metros na costa Norte e ondulação inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais no litoral a norte de cabo Carvoeiro.

DEPOIS

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado do quadrante sul. Neblinas ou nevoeiros matinais a norte do cabo Carvoeiro.

MARÉS

	Praia-Mar		Baixa-Mar	
Hoje				
6.24	3,8 m		.. ..	.. ..
18.42	3,6 m		12.01	1,4 m
Amanhã				
7.04	3,4 m		0.2	1,6 m
19.24	3,3 m		12.39	1,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

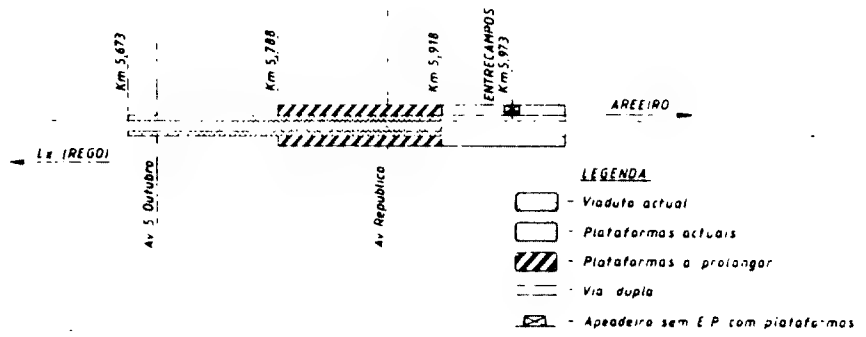
Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

DIRECÇÃO DE INSTALAÇÕES FIXAS

Equipa de Projectos de Construção Civil
E.P.C.C.

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE EXECUÇÃO DE **«PROLONGAMENTO DAS PLATAFORMAS DE PASSAGEIROS SOBRE O VIADUTO DE ENTRECAMPOS»** LOCALIZADO ENTRE OS KM.os 5,673 E 5,918, DA LINHA DE CINTURA.



1 — Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P. fazem público que se encontra aberto concurso para adjudicação da empreitada acima designada.
O Concurso é realizado pelos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Direcção de Instalações Fixas, Equipa de Projectos de Construção Civil, Av. da República, 66 — 3.º Dt.º 1000 LISBOA.
TELEX 12382 — FERPOL P. TELEFONE 731418.

2 — a) Local de execução: Distrito de Lisboa — Apeadeiro de Entrecampos.
b) A adaptação do Apeadeiro de Entrecampos, a uma maior procura de passageiros, assim como a criação de uma interface com outros meios de transporte, obriga a que se efectue o prolongamento das actuais plataformas sobre o Viaduto da Av. da República, através da construção de estruturas de suporte das plataformas, adjacentes ao Viaduto.
As plataformas a edificar terão uma largura de 6m com uma extensão de 130m.
Trata-se de uma estrutura semelhante à existente, formada por vigas de betão armado pré-esforçado onde descarregam as lajes resistentes. Essas duas vigas com as sus carlingas de interligação apoiam através destas em 6 pilares em «Y» de suporte da estrutura de alargamento e num novo encontro de betão armado do lado de Entrecampos com fundações directas em betão armado.

3 — O preço base do concurso é de Esc: 150 000 000$00 (cento e cinquenta milhões de escudos).

4 — a) O programa de concurso, caderno de encargos e as peças do processo podem ser examinados na direcção indicada no n.º 1 deste anúncio, nos dias úteis e horas de expediente (2.ª a 6.ª-feira, das 10h às 12h30m e das 14h30m às 17h).

b) Podem ser solicitadas cópias dos elementos referidos no n.º 4 a), na direcção indicada no n.º 1, deste anúncio, até ao 15.º dia após a publicação do anúncio do «Diário da República».
c) O custo da totalidade do processo referido no n.º 4 b) é de Esc: 30 000$00 (trinta mil escudos), a liquidar em numerário ou por cheque passado a favor dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P.

5 — O regime da empreitada é por preço global nos termos do art.º 6 do Decreto-Lei n.º 235/86 de 18 de Agosto.

6 — Os trabalhos serão pagos em situações mensais a 60 (sessenta) dias de prazo de apresentação das facturas e em escudos.

7 — Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que deverão constituir-se juridicamente em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista a celebração do contrato.

8 — Só podem concorrer empresas ou grupos de empresas que tenham executado nos últimos 8 anos a construção de viadutos ou pontes de estrutura semelhante ao agora objecto de concurso e com vão igual ou superior a 25 metros.

9 — A empresa concorrente individual, ou das empresas, concorrendo em grupos, deverão fazer prova de possuirem alvarás de 1.ª categoria, 7.ª subcategoria, em III categoria, 4.ª subcategoria e das classes correspondentes ao valor da sua proposta.

10 — Os concorrentes com sede nos restantes países da Comunidade Económica Europeia, além dos documentos exigidos no Programa de Concurso, deverão apresentar:
a) Documentação comprovativa da sua inscrição na lista oficial da Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras Públicas e dos Industriais de Construção Civil, de acordo com o disposto no artigo 28.º da Directiva do Conselho n.º 71/305/CEE, de 26 de Julho de 1971;

b) Declaração, feita por forma autêntica no país onde residem ou tenham sede, de que se submetem à legislação portuguesa e ao foro do tribunal português que for competente, com renúncia expressa a qualquer outro.

11 — a) As propostas serão apresentadas até às 12h00 do dia 3 de Abril de 1987 na Direcção de Instalações Fixas — Equipa de Projectos de Construção Civil na Av.ª da República, 66 — 3.º Dt.º, 1000 Lisboa.

b) As propostas serão apresentadas directamente pelos concorrentes ou seus representantes, ou enviadas através do Serviço Oficial dos Correios para a Direcção indicada no n.º 1 deste anúncio.

c) As propostas serão obrigatoriamente redigidas em língua portuguesa;

12 — a) O acto público do concurso iniciar-se-á no dia 3 de Abril de 1987, pelas 15 horas, na Direcção de Instalações Fixas — EPCC da C.P., Av. da República n.º 66-3.º Dt.º, em Lisboa, nos termos definidos no Programa de Concurso.

b) Podem assistir ao acto público do concurso todas as pessoas interessadas.

13 — CONDIÇÕES DA ADJUDICAÇÃO

13.1 — A C.P. reserva-se o direito de fazer a adjudicação ao corrente:

13.1.1. — Cuja proposta entenda que tecnicamente melhor satisfaça os seus interesses;
e/ou
13.1.2 — Cuja proposta apresente as melhores condições financeiras (preço, prazo e financiamento), sendo adoptado o critério previsto no n.º 6 do art.º 93 do Dec-Lei 235/86 por força da Portaria 83/87 de 7 Fevereiro.

14 — O período durante o qual, qualquer concorrente, é obrigado a manter a sua proposta é de 90 (noventa) dias a contar da data indicada no n.º 11-a) deste anúncio, sem prejuízo do estabelecido no Programa de Concurso.

O DIRECTOR DE INSTALAÇÕES FIXAS
Eng.º Victor Biscaia

EMI comemora 25 anos de Beatles

Os 13 álbuns de originais dos Beatles vão ser editados pela primeira vez em compacto, para comemorar os 25 anos da primeira gravação do grupo de Liverpool, anunciou a EMI em Nova Iorque.

No dia 26, serão editados os primeiros quatro: «Please Please Me» «With the Beatles», «A Hard Day's Night» e «Beatles for Sale» — no seu formato original inglês da etiqueta Parlophone.

Os discos compactos surgem numa altura em que é também comercializado pela primeira vez o vídeo hi-fi digital do filme «Help», igualmente dos Beatles, realizado em 1965.

No dia 6 de Junho de 1962, os Beatles fizeram uma audição para George Martin que assinou um contrato com o grupo, no mês seguinte, para a Parlophone.

No dia 11 de Setembro gravaram «Love Me Do» que viria a ser editado a 5 de Outubro de 1962 no que é o primeiro disco gravado pelo mais famoso grupo de música «rock» do Mundo.

George Martin, cuja produção foi crucial para o som dos Beatles, supervisionou a edição destes discos compactos procedendo mesmo a algumas novas misturas.

«O que fiz até agora foi ouvi-los e fazer algumas sugestões», disse George Martin.

«Perguntaram a minha opinião e eu dei. Os primeiros quatro álbuns dos Beatles não foram concebidos para o estéreo. As edições estereofónicas nada têm a ver com os Beatles ou comigo próprio. Disse-lhes que o que se deveria fazer era continuar com o mono», acrescentou George Martin.

Mas George Martin considerou-se satisfeito com os resultados. «Acho que o som e a qualidade são excelentes. Agora ouve-se muito melhor. É a história. O címbalo de Ringo Star é muito mais brilhante em compacto que em vinil.»

George Martin afirmou ainda que voltar a trabalhar nas gravações dos Beatles é uma «experiência inesquecível».

«Voltar a ouvir as bobinas originais e trabalhá-las de novo tem sido extraordinário para mim», disse.

«Estive com os Beatles em estúdio todo o tempo e é fascinante ouvir as gravações originais que têm ainda os meus comentários e os de John Lennon sobre as músicas que estávamos a gravar.

«É como se olhássemos para nós próprios com 20 anos. Não é frequente ter esta oportunidade de relembrar ao vivo um pouco da história de que fomos autores», salientou.

Os 25 anos do início da carreira dos Beatles serão comemorados simultaneamente com os 20 anos da edição do álbum «Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band», também dos Beatles, considerada a obra mais importante da história da música «rock». Vendeu mais de 40 milhões de exemplares em todo o Mundo (quatro vezes a população de Portugal).

A cadeia de televisão britânica Granada vai transmitir no dia 1 de Junho, data precisa da edição do álbum, um programa comemorativo inédito intitulado «It Was Twenty Years Ago Today» (primeiras palavras do álbum).

O documento inclui entrevistas com os três beatles sobreviventes — Paul McCartney, George Harrison e Ringo Star — sobre a gravação do álbum.

Também o poeta «beat» Allen Ginsberg, o primeiro drogado em LSD, Timothy Leary, e músicos que pertenceram aos Byrds, Mamas and Papas e Jefferson Airplane, são entrevistados.

Realizado por John Sheppard, o programa inclui filmes inéditos de arquivo ou particulares sobre a década de 60, a sua música e a sua forma de viver.

«It Was Twenty Years Ago Today» contou com a colaboração de Derek Taylor que foi o porta-voz dos Beatles para a Imprensa.

A anteceder o programa de televisão será editado um livro de Derek Taylor precisamente chamado «It Was Twenty Years Ago Today».

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

ELECTRIFICAÇÃO DO RAMAL DE ALCÂNTARA

A CP procede actualmente aos trabalhos de montagem da Catenária do Ramal de Alcântara, no troço entre Campolide e Alcântara-Terra, prevendo-se a ligação de energia para ensaios a partir do próximo dia 24 de Fevereiro.

Chama-se a especial atenção da população e das entidades oficiais para as medidas de precaução a tomar devidas aos fenónenos eléctricos provocados pela proximidade das linhas da Catenária em tensão.

Relações Públicas/CP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

FAZ SABER que no próximo dia DEZASSETE DE MARÇO DE 1987, pelas CATORZE HORAS, à porta deste Tribunal, nos autos de Carta Precatória com o n.º 299/86, pendentes na 1.ª Secção, vindos da 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, extraídos dos de Execução de Sentença, com o n.º 77/85, em que é Exequente MARIA DA CONCEIÇÃO BATALHA VICENTE e Outros, e Executada CERÂMICA CENTRAL MALVEIRENSE, LDA., com sede na Malveira, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos, dois empilhadores da marca Alfaco.

Mafra, 16 de Fevereiro de 1987

A JUÍZA DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO DE DIREITO
(assinatura ilegível)

«DL» 5/3/87 — 2.ª Pub.

DEUS A LIVRE. DEUS NOS LIVRE

Mário Castrim

1

Garante-me quem anda metido no estranho mundo das sondagens, que a entrevista de Álvaro Cunhal na «Primeira Página» atingiu um dos picos mais altos da audiência.

Uns dizem que o interesse era motivado pelo facto de a entrevista se fazer em sua casa. Dizem outros que a longa ausência na TV do dirigente comunista, perante as mutações verificadas na arena (não em sentido pejorativo) nacional e na política nacional, era razão mais forte.

O que ignoro é a medida em que as expectativas de uns e outros ficaram depois da emissão.

2

Quanto ao primeiro ponto, os espectadores viram uma casa onde predominava o elemento espiritual. Os móveis eram extremamente simples. Margarida Marante conhecerá, certamente, nestas andanças privadas, mobiliário luxuoso, decorações sofisticadas, materiais de primeira apanha, inclusive um ou outro sinal de ostentação artística para inglês ver. Mas não encontrará, certamente, a presença natural de tantos livros, «quadros por todo o lado» e as marcas de uma tão profunda humanidade, sejam elas um retrato de Avelino Cunhal, uma escultura de Dias Coelho, as molduras com os retratos da filha e dos netos. Ou seja: dificilmente encontrará uma casa mais **rica**.

Não sei se era isto que as pessoas esperavam. Sei que isto esperava quem conhece a grandeza moral de um homem que, desde a juventude, vive de maneira em que vida privada e vida partidária se confundem tão intimamente que é impossível separar uma da outra.

3

A certa altura, Margarida Marante terá questionado se um certo secretismo cultivado pelos dirigentes comunistas, quanto aos aspectos da sua vida familiar, não contribuirá para um certo isolamento. Álvaro Cunhal lembrou que cada pessoa tem o seu modo de ser, a sua maneira de estar na vida. Há pessoas — disse — que escrevem livros, ou colaboram neles, sobre a sua vida privada com fotografias em diversas idades e notas sobre os talentos nos diversos escalões etários. Ele recusa tal prática. Ele recusa utilizar a família «como reclamo político». Terminaria com uma frase lapidar, perfeita na ligação formato-conteúdo:

— **Você vem a minha casa para eu lhe dar uma entrevista e eu não lhe dei uma entrevista para você vir a minha casa.**

4

Às vezes ponho-me a pensar no que estaria por detrás desta ideia de entrevistar os políticos no remanso do seu lar.

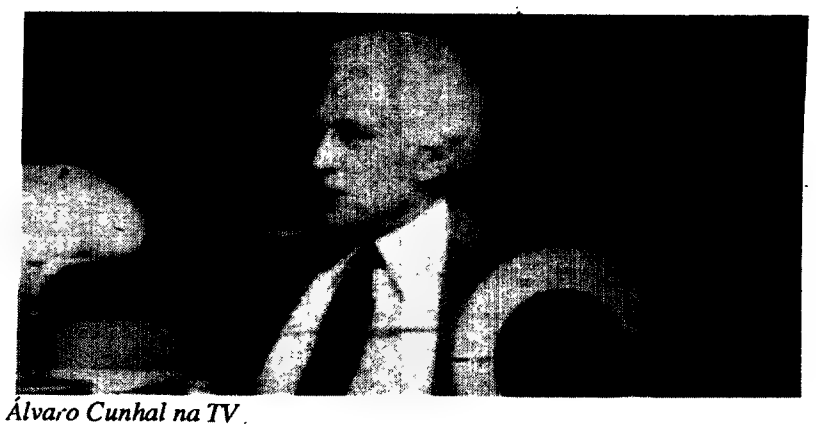
Desconfiadão, penso que não havia inocência na ideia. Mais ou menos assim:a nossa proposta de trabalho é esta; Álvaro Cunhal não vai aceitar, é claro, êle não gosta de meter a família ao barulho; então a gente comunica que ele não aceitou o nosso convite, e depois queixa-se de que não vai à Televisão...

Como se viu, a coisa não resultou e a entrevista fez-se mesmo.

Devo enganar-me. Não se terá passado nada de semelhante. Foi apenas um processo de variar de cenário, não ver sempre a mesma luz crua e impessoal do estúdio. Peço imensa desculpa.

5

Pense-se o que se pensar da qualidade ou dos processos profissionais de Margarida Marante. De uma coisa ela não tem o direito: o de dar de si própria, e da maneira de encarar a função jornalística, uma ideia tão pouco... lisonjeira.



Álvaro Cunhal na TV

Por exemplo: o dirigente do PCP lembrava que há um ano e meio não era entrevistado na Televisão, ao contrário do que acontece com muitos outros dirigentes políticos. Isso acontece porque, segundo Margarida Marante, a liderança do PCP se tem mostrado estável, ao longo dos anos, o que não acontece com outros partidos...

Álvaro Cunhal riu. Que outra coisa se podia fazer...

A repórter deverá entender que o interesse não reside no **líder**, masna acção, na importância, na correlação de forças, na representatividade social. Será muito difícil imaginar que é possível passar por cima de um partido, como o PCP, independentemente de líderes, carismas, pessoas. Se o argumento de M. Marante for decisivo, então premeia-se a instabilidade, a fulanização, a incoerência — em vez da constância, da responsabilidade e do compromisso colectivo.

A verdade é que não há nenhum partido mais atacado na Televisão do que o PCP. Na sua entrevista, Álvaro Cunhal referiria que «o anticomunismo é semeado entre nós de muitas maneiras».

Com a experiência que me dá todo o tempo de trabalhar diante de um televisor, posso garantir que a sementeira doanticomunismo, praticada pela Televisão nunca foi tão grande como nos últimos anos em geral, e na actualidade, em particular. Os ovos da serpente, estão a ver?

Não se debatem as ideas: condenam-se as organizações. O Primeiro-Ministro, dr. Cavaco Silva, dá o mote. Para ele, o PCP é a peste em pessoa, o diabo em figura de gente. Com um evidente paradoxo: o PCP é fraco, mas ninguém tem tanta força como ele...

6

A prática anticomunista dos serviços informativos da RTP torna-se mais inquietante a quem assistiu a duas reportagens históricas passadas no segundo canal, sobre a caça aos comunistas e democratas nos Estados Unidos, durante a guerra fria.

Quer no primeiro, dedicado à paranóia macartista quer no segundo, dedicado à perseguição em Hollywood, pudemos assistir à terrível influência da Imprensa, da rádio e da televisão. Assistimos ao imenso cortejo de devastações e destruições do tecido social e humano, em nome do «direito de perseguir» os «perigosos comunistas».

Foi divulgado, por exemplo, que no início do julgamento do casal Rosemberg, houve uma reunião da acusação, do tribunal e do FBI, para que todos estivessem conscientes da necessidade nacional de uma condenação à morte...

7

Dou-me conta do que parece ser uma contradição: por um lado, acuso a RTP de certas práticas condenáveis; por outro, baseio-me em produções sérias publicadas pela própria RTP.

Vejamos. Por um lado, a acção perniciosa da RTP é diária (horária, mesmo), enquanto a acção virtuosa é muito rara.

Por outro lado, as reportagens a que faço referência foram relegadas para o segundo canal, em concorrência desleal com um folhetim, o **Paraíso Perdido**, aliás de boa qualidade. Então sucede que elas não estão a atingir as pessoas mais necessitadas...

Eu sei que as pessoas, ao fim de horas e horas de trabalho, rendem-se à facilidade, à evasão, à ficção. Ora é preciso ter a coragem de enfrentar a situação e persistir, teimar, no convite à fruição da beleza, da cultura, da realidade.

Quando não havia na rádio uma estação só para música clássica, as pessoas ouviam muito mais essa música. Como quando só havia uma estação de TV, as pessoas viam mais teatro, mais ópera. O perigo das muitas estações está em que elas competem para a distracção, ou seja, para o embrutecimento.

Reparem. Começámos por uma telenovela. Passámos a duas. Já vamos em três — isto só contando as diárias. Agora reparem se tivéssemos quatro ou cinco estações privadas...

8

O interesse da audiência pela entrevista de Álvaro Cunhal prova que há, entre nós, um grande apetite pelos motivos sociais, nacionais. Esse deve ser o território em que uma Televisão consciente deve agir para lutar contra aquilo a que José Saramago, em entrevista ao **ABZ**, chamou «as ameaças da desidentificação». A menos que ela prefira ser, dessa desidentificação, instrumento privilegiado.

Deus a livre. Deus nos livre.

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DO BARREIRO

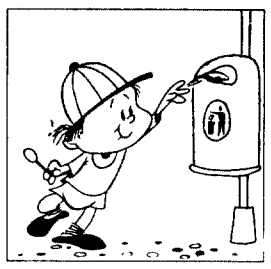
ANÚNCIO

No próximo dia 25 de Março, pelas 10.00 H, junto deste Tribunal, nos autos de Carta Precatória para arrematação em hasta pública, vindos do 6.º Juízo Cível de Lisboa e extraídos da Execução Sumária que União Fabril Farmacêutica, SARL move contra Llarfel — Laboratórios Industriais de Cosméticos, Ld.ª, com sede em Sete Portais, Barreiro, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, o seguinte bem móvel: (uma máquina de fechar ampolas, marca «Zilora», em bom estado de conservação).

Barreiro, 23 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
Alexandre Batista Coelho
O ESCRIVÃO ADJUNTO
Mónica Coutinho

D.L. — 5/3/87 — 2.ª Pub.



TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH- Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

PEGGY SUE CASOU-SE
De Francis Ford Coppola
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

QUE BELA NOITE DE NÚPCIAS
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme ***"O Raio Verde"*** *realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444*

Capitólio
— T. 372358

TORMENTO DE UMA SENSUAL
(Int. men. 18 anos)
15.15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil
T. 530194

APANHADOS NUM MUNDO DE BARRETES
(Não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
SOMBRAS NA NOITE
(maiores 12 anos)
24 h

Cinebolso
TARADA SEXUAL
(Porno — Int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

BRUCE CONTRA OS ODDS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

VIDAS EM JOGO
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
O PROFISSIONAL
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza
TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A FÚRIA DO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

PSICO III
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

O RAIO VERDE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
SÓ ENTRE AMIGAS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
MONA LISA
(m. ' anos)
14.4 , 17, 19.15 e 21.45 h

Fórum Picoas
— T. 541037

ALL THAT JAZZ
(Interdito men. 13 anos)
19 e 22 h

Gemini
— T. 734009

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

FORTE SAGANE – O HERÓI DO DESERTO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.45, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

OS TRÊS INDOMÁVEIS PATIFES
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

INVESTIGAÇÕES SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

MALIBUR EXPRESS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SUBWAY SUBTERRÂNEO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
TERRA SANGRENTA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O MEDO COME A ALMA
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
007 – VIVE E DEIXA MORRER
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
A PIRANHA II
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 4
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS PARASITAS DA MORTE
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

PSICO III
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

GORDON O PIRATA NEGRO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 4
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 5
FILHOS DE UM DEUS MENOR
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

NADA EM COMUM
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

TOP GUN, ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15, 18 e 21 h

Xenon
T. 368480

NOITE DOS ARREPIOS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Secreto Admirador», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «E.T. – O Extra-Terrestre», às 15.30 e 21.30 h (para todos)
AMADORA — Babilónia — «Amigo Mortal», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Destravado do Táxi Amarelo», às 15 e 21.30 h (m. 6 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Que Paródia de Férias II», às 21.30 (m. 6 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Não há nada que não me Aconteça», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Fio do Suspeito», às 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Nome da Rosa», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Cobra – O Braço Forte da Lei», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Secreto Admirador», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Golpe do Génio», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Fábrica das Loucuras», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Nome da Rosa», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Absoluta Beginers» às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

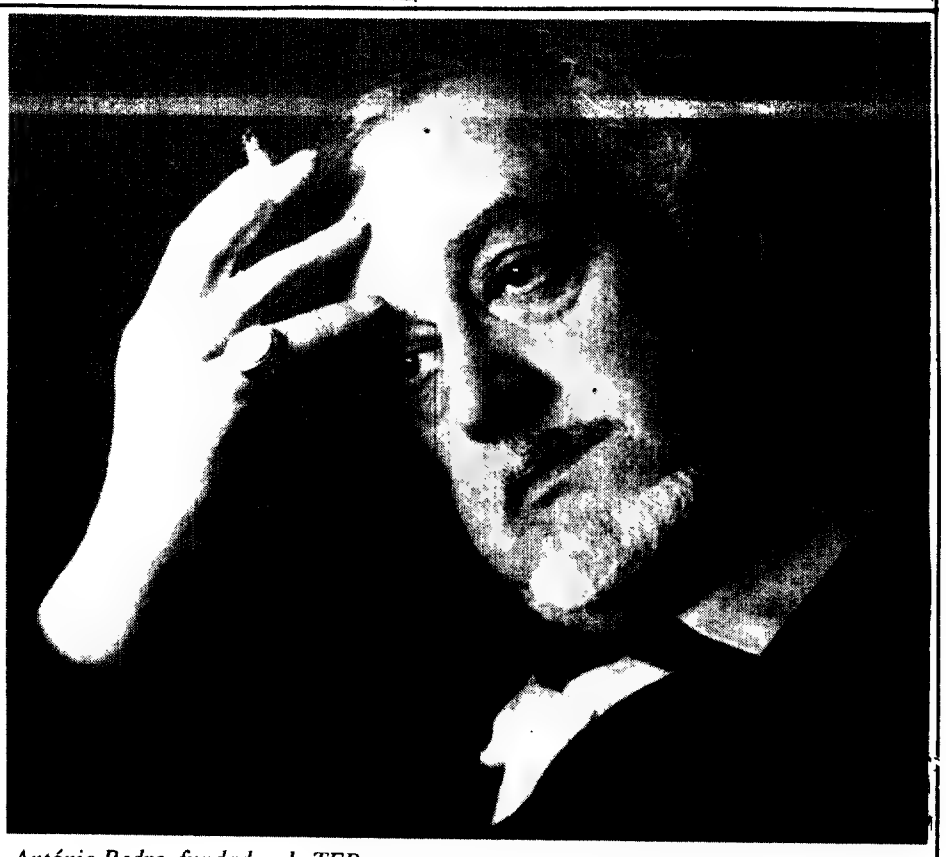
ALMADA — Academia — «Chanfrado da Bola»», às 15.30 e 21.30 h (n/ac. m. 13 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Uma Equipa dos Diabos», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 6 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «A Liceal, o Diabo e a Água Benta», às 15.30 e 21.30 h (int. 13 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Kalidor – A Lenda do Talismã», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Golpe do Génio», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Destravado do Taxi Amarelo», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Top Gun – Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Momento da Verdade», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Aliens – O Recontro Final», às 16 e 21 h (m. 6 anos)

TEP: VIVA O TEATRO

No Porto, nesse espantoso espaço que é o antigo Mercado Ferreira Borges, uma exposição, sem favor, fabulosa: o espólio dos 35 anos de trabalho teatral do TEP. De António Pedro a Mário Viegas, o que foi um percurso fundamental na história do Teatro português do após-guerra. O que aconteceu no Porto nos anos 50 foi uma espécie de milagre: um grande artista, António Pedro, congregou à sua volta outros artistas e com eles construiu uma obra sem paralelo, o Teatro Experimental do Porto.

Cenógrafos como Augusto Gomes e, mais tarde, José Rodrigues, um luminotécnico como Fernando Teixeira, um sonoplasta como Jorge Corte-Real, e actores como Dalila Rocha, João Guedes, Vasco da Lima Couto, Baptista Fernandes, Mário Jacques, Jaime Valverde, Alda Rodrigues, Alexandre Vieira, entre muitos outros, que por lá passaram, incluindo encenadores, dramaturgos como Bernardo Santareno e Romeu Correia, todos estes nomes ajudam a entender a história do TEP.

No entanto, não poderíamos hoje conhecer essa história sem um outro artista que esta exposição implicitamente exalta: o fotógrafo Fernando Aroso. Outros fixaram, nos anos posteriores, belas imagens do que foi o trabalho do grupo, mas nos primeiros anos, com Fernando Aroso, o percurso do TEP é um autêntico assombro. Além das fotografias, fatos, maquetas, edições, correspondência, são outros documentos expostos que ajudam a conhecer a história do TEP e portanto do Teatro português.



António Pedro, fundador do TEP

EXPOSIÇÕES

• POLIGRUPO (R. Ivens, 14): exposição «O Orgânico e o Geométrico», de Pedro Homem de Melo. Patente nos dias úteis das 9 às 20 e aos sábados das 9 às 14. Em simultâneo com esta exposição, será inaugurada uma segunda mostra do mesmo pintor na Galeria Pequeno Formato (R. do Teixeira, 25 r/c - ao Bairro Alto).

• CETÁRIA (Setúbal): até 9 de Maio, uma exposição com trabalhos de Nuno Henrique de Castro (pintura) e Susana de Barros (cerâmica). Patente de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

• GALERIA MÓDULO (Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): «Agathe Gaillard - O Perfil de Uma Galeria», exposição dedicada à galeria parisiense onde têm exposto artistas tão importantes como Alvarez Bravo, Bill Brandt, Deisneau, Lartigue e Northelfer, entre outros. Até 6 de Março, de segunda a sábado das 16 às 20.

• MUSEU DO TRAJE: Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa do 5º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Até 15 de Março.

• EDIFÍCIO CASTIL: Os Artesãos e Gonçalo Ramos Pereira apresentam a sua nova colecção «Les Mariees».

• MERCADO FERREIRA BORGES (Porto): exposição dos 35 anos do Teatro Experimental do Porto.

• GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): exposição de trabalhos de José João Brito.

• SALA DO CASTELO (Campo Maior): Tapeçarias de Portalegre por iniciativa da Associação de Artes

Tapeçarias em Campo Maior: «Modelo para ser - vir a outros encontros» de Cruzeiro Seixas

Plásticas de Campo Maior. Tapeçarias sobre cartões da autoria de Almada Nagreiros, Carlos Botelho, Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Costa Pinheiro e Pinto Coelho. Até 15 de Março, das 9 às 12 e das 14 às 17, todos os dias excepto segundas-feiras.

• GALERIA NAZONI (Porto): Júlio Resende apresenta uma série de óleos e aguarelas sobre a Ribeira e, na «Sala Atlântica», a segunda mostra individual de Marrucho. Estas duas exposições estão patentes de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30. A galeria encerra às segundas e feriados.

• GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Pedro Amâncio, patente de terça a domingo das 12 às 20.

• GALERIA EMI: «Eu seja Cão» - pintura de Ana Jotta. Até 22 de Março, de terça domingo das 15 às 19.

• GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): colectiva de pintura de A. Perdigão, A. Carmo, Hilário e Rogério Amaral

• GALERIA JN (Porto): exposição de Pintura de Pedro Chorão. Patente das 14,30 às 19,30, todos os dias excepto domingos e segundas.

• IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): Exposição «Óleos e Têmperas» de Ernesto Neves. Até 13 de Março, das 15 às 20.

• ALFAMA (Escadinhas do Arco da Rosa, 7): Inácio Matsinhe expõe pintura, azulejos, aguarelas e litografia. Das 10 às 20.

• CASINO ESTORIL (Galeria de Arte): exposições de obras de professores artistas, com a finalidade de angariar fundos para a concretização dos seus objectivos sociais. Com a colaboração de alguns dos mais importantes artistas plásticos, esta mostra está patente até 14 de Março, todos os dias das 15 às 24 horas.

• CASINO ESTORIL: uma colectiva de cerâmica e tapeçaria, integrada no ciclo «Arte em Movimento». Até 15 de Março, todos os dias das 15 às 24.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): Pintura de Joaquim Baltazar até 12 de Março. Patente de segunda a sexta, das 11 às 20.

• CLUBE 50 (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): pintura de Regina Chulam e de Isabel Mendes Ferreira. Até 11 de Março, de terça a sexta das 17,30 às 20,30.

• LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 7 de Março, tapeçaria portuguesa contemporânea.

TEATROS

• CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA (R. Voz do Operário, 64): «Contra Regra» apresenta, de 4 a 7 às 21,30 e dia 8 às 18 horas, o espectáculo «Horácios e Curiácios à Noite», de Brecht/José Mário Branco.

• COMUNA: «Victor ou as Crianças no Poder» de Roger Vitrac, encenação de João Mota. Aos sábados e domingos às 17,30, «O Tesouro» de Eça da Queirós.

• MARIA MATOS: «Escrita em Dia», nova versão de «Isto é Maria Vitória» de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal.

• TEATRO DO SÉCULO: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• TEATRO IBÉRICO: «A Vida É Sonho» de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• TEATRO ABERTO: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, com encenação de João Lourenço.

• LAURA ALVES: «Cá Estão Eles» com Ivone Silva e Camilo de Oliveira.

• VARIEDADES: «Aqui Há Fantasmas», original e encenação de Henrique Santana.

No antigo Mercado Ferreira Borges, no Porto, a exposiçao dedicada aos 35 anos do Teatro Experimental do Porto

• VASCO SANTANA: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?» de Barry Kyle, com encenação de Luzia Maria Martins.

• VILLARET: «O Sapateado» de Richard Harris, versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray, encenacão de Varela Silva.

• TIL-Teatro Infantil (R. Leão de Oliveira, 1): «Avestruz Mecânica», baseado em histórias de José Lemos com encenacão de Bento Martins. Aos fins-de-semana.

• MIRITA CASIMIRO (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez.

• TAS (Setúbal): «Junto ao Poço» e «O Sobrinho» de Jaime Salazar Sampaio.

MÚSICA

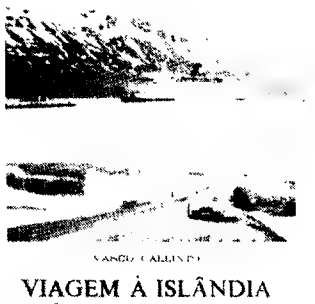
• GULBENKIAN (Grande Auditório): às 21,30 um concero do trio constituído por Jaime Laredo (maestro e violino), Sharon Robinson (violoncelo) e Joseph Kalichstein (piano), com obras de Bach, Tchaikowsky, Mendelssohn e Beethoven. O concerto repete-se amanhã, às 18,30, com igual programa.

• S. LUIS: concerto de gala comemorativo do centenário do nascimento do compositor brasileiro Villa-Lobos, às 21,30. Participam a Orquestra Sinfónica da RDP dirigida pelo maestro Silva Pereira e a solista de guitarra Lívia São Marcos. Este espectáculo insere-se no ciclo «Villa-Lobos, Vida e Obra», cujás sessões decorrem aos domingos, às 11 horas e às terças às 18,30, no mesmo Teatro S. Luís.

• HOT CLUBE DE PORTUGAL: esta noite, às 22,30 e 0,30, concerto pelo pianista canadiano Harald Clayton. Sem se reivindicar como músico de jazz, H. Clayton produz uma música introvertida, de sabor impressionista. O pianista tem um significativo curriculum, onde as actividades de improvisador vão de par com as de compositor.

LIVROS

• SOLAR DO VINHO DO PORTO: Vasco Calixto lança, às 17,30, o seu livro «Viagem à Islândia e às Ilhas Faroe», com a presença do embaixador da Dinamarca. Com 128 páginas, este livro apresenta cerca de três dezenas de fotografias em extra-textos.



«Viagem à Islândia e às Ilhas Faroe», o novo livro de Vasco Calixto

CINEMAS

• CINEMATECA PORTUGUESA: Cinema Francês-Anos 80 com «O Raio Verde» de Eric Roohmer, às 21,30. Às 18,30, mais uma sessão sobre a Fotografia no Cinema Português-César de Sá, com «A Canção de Lisboa» de Cotinelli Telmo, com Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva.

• FORUM PICOAS: Ciclo New York, New York com «All That Jazz» de Bob Fosse, com Roy Scheider e Jessica Lange. Sessões às 19 e 22.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO SANTO AMARO: Tapada,** Calçada da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Sanex,** Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO CEGO: Providência,** Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS — CHILE: Brasil,** Rua Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA — PORTAS BENFICA: Benfica,** Estrada de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berna,** Av. de Berna, 44-A (T.773568); **LUMIAR: Patuleia,** Alameda Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS POMBAL: Branco,** Av. Duque Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA FRANÇA: Carrondo,** Rua Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz,** Calçada da Picheleira, 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTOS: Marcos Nascimento,** Calçada Marquês Abrantes, 36-A (T. 664238); **BRANDOA — AMADORA: Tavares de Matos,** Rua 8, Lote 308 (T. 993220); **CARNAXIDE: Central Carnaxide,** Av. Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Gonçalves,** Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Leitão Ribeiro,** Rua A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ANJOS — AO CINEMA ROXY: Guerra, Rua Andrade, 32-36, (T. 845513); **AV. ROMA — BAIRRO S. MIGUEL: São Miguel,** Praça Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez,** Rua São Nicolau, 93 (T. 325378); **BELÉM — ALTINHO: Gomes SUC, Rua da Junqueira,326-328** (T. 638193); **ENCARNAÇÃO: Zira,** Praça das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho,** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa,** Rua dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ — 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro,** Estrada da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DEUS: Madre de Deus,** Rua da Margem, 15-B (T. 382470); **PRÍNCIPE REAL — SÃO BENTO: Confiança,** Praça das Flores, 59-60 (T. 821653); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres,** Av. Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BURACA — AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras (T. 2519931)

Linha de Sintra — AMADORA: Melo. P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Permanente. **Central.** Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Até às 22 horas. **DAMAIA: Damaia.** P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas. **QUELUZ: Queluz.** Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas. **CAMARATE: Fátima.** Fetais. Até às 19 horas. **CACÉM: Garcia.** Av. Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente. **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato.** R. Morés, 1 (T. 9212038). Permanente. **MERCÊS: Claro Russo.** R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas. **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço.** Calç. Rinchoa, 38 (T. 9262006). Permanente. **SINTRA: Marrazes.** L. Afonso Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente. **COLARES: Abreja.** (T. 9290088).

Outras farmácias — MOSCAVIDE: **Santa Bárbara.** R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas. **SACAVÉM: Lourenço.** Av. Almirante Reis, 3 (T. 2518151). Permanente. **LOURES: Saraiva.** Av. República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas. **AVEIRO: Alá.** R. Dr. Joaq. M. Freit., 5 (T. 23314). Permanente.

Outra Banda — ALMADA: Galeno. R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente. **COVA DA PIEDADE: Morgado.** R. Cabo Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente. **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro.** Lote 31-IJ-Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas. COSTA DE CAPARICA: Chai. Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas. **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio.** R. Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas. **SESIMBRA: Lopes.** R. Cândido Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas. **LAVRADIO: Parreira.** R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas. **BARREIRO: Mascarenhas Neto.** R. D. Francisco Azambuja (T. 2074446). Permanente. **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança.** Est. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas. **CORROIOS: Lino.** Alfarim — Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas. **CRUZ DE PAU: Fonseca.** R. Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas. **TORRE DA MARINHA: Alves Velho.** L. Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas. **MONTIJO: Giraldes.** R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas. **MOITA: União Moitense.** Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas. **ALHOS VEDROS: Portugal.** Av. Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas. **ALCOCHETE: Nunes.** L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas. **SETÚBAL: Tavares da Silva.** R. Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente. **Isabel.** L. Batalha Viso, Lote 68 (T. 21677). Permanente. **Lisboa.** R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Até às 22 horas.

LINHA DE CASCAIS — ALGÉS: Almeida Nifo. Av. Comb. G. Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente. **LINDA-A-VELHA: Moderna.** Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas. **TIRES: Guimarães.** L. Duartes, Lote A-r/c. (T. 2441616). Até às 22 horas. **ALCABIDECHE: Carvalho.** B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas. **PORTO SALVO: Ferreira Bastos.** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas. **CARCAVELOS: Vilar.** Av. M.ª Conceição, Lote B (T. 2470777). Permanente. **S. DOMING. RANA: Godinho Silveira.** R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2 (T. 2470361). Até às 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA: Luz.** Estrada Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas. **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás.** R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente. **OEIRAS: Godinho.** R. Cândido Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas. **PAREDE: Brandão.** Av. República, 77-C (T. 2471054). Permanente. **SASSOEIROS: Amaral.** Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas. **BIRRE: Imani.** Lote 7-B — Hera (T. 2852121). **MODORMA: Madeira.** Rua A (T. 2476326). Até às 22 horas. **AMOREIRA: Abrantes.** Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL: Suíça.** Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas. **CASCAIS: Cascais.** R. Conde Monte Real, B.º Caixas (T. 282407). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)

De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h. **«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER»** de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**CÁ ESTÃO ELES**«, texto de César de Oliveira e Varela Silva. Intérpretes: Ivone Silva, Camilo de Oliveira, Maria Armanda, Dulce Guimarães, Luís Mascarenhas e Luís Aleluia, entre outros.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 2 91 30

6.ªs, sábados e domingos, às 21.30

«**ATÉ AMANHÃ**«, sobre textos de Jaime Salazar Sampaio, pelo Teatro de Animação de Setúbal. Intérpretes: Carlos César, Isabel Ganilho, Pompeu, Rui Paulo e Luís Anjos.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«**MEROPE — LIBERDADE OU MORTE!**«, baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e encenação de Castro Guedes. Interpretação de Fátima Castro, Jorge Paupério, Jorge Mota, António Cruz, António Capelo, Jorge Pinto, entre outros. (Estreado em 27 de Fevereiro de 1987).

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**NÓ CEGO**«, pelo **Grupo Teatro Espaço**.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00

«**MÁRIO GIN TÓNICO**«, sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

«**A VIDA É UM SONHO**«, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

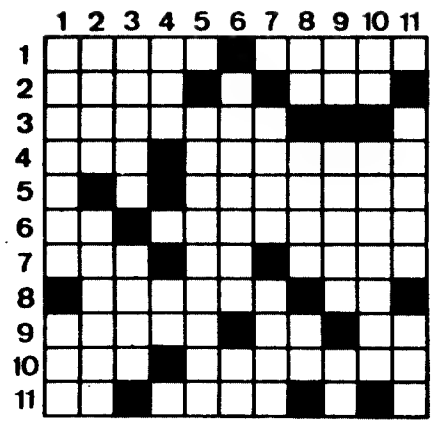
«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 974

HORIZONTAIS:

1 Primeiramente. Matraca.
2 Cidade e porto das Filipinas. Curso de água natural e abundante.
3 Ataria.
4 Entre os filipinos, a divindade. Sacudira.
5 Permeáveis.
6 Tálio (s.q). Destemida.
7 Colina na Suécia. Serviço nacional. Moeda da Grécia antiga.
8 Governar (o navio). Compaixão (inv).
9 Árvore indiana, de fibras têxteis. Brisa. Sufixo que designa estado.
10 Espécie de formiga (Bras). Glutinoso.
11 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nome de mulher.



VERTICAIS:

1 Cidade dos Estados Unidos. Pronome relativo.
2 Rio da Baviera. Espécie de rola, em Timor.
3 Tacanho. Derrota (pop).
4 Pronome pessoal. Duas consoantes desiguais.
5 Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
6 Pequeno osso do ouvido. Érbio (s.q).
7 Gemera. Fronteira.
8 Clima. Planta da família das leguminosas utilizadas nas camas do gado. Antiga unidade monetária da Alemanha.
9 Vi. Peixe do género siluro. Ósmio (s.q).
10 Hólmio (s.q). Avermelhados.
11 Ilha do mar Jónio. Lista.

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 973**

HORIZONTAIS:

1 AS. GRANDES.
2 Nama. Tordos.
3 Trunfos. Elo.
4 Aïda. Rs. Adi.
5 Ás. Mor. At.
6 Ias. Pesando.
7 AC. Min. Baús.
8 Aporta.
9 Seroai. Cãs.
1 DORES. SÃO.
11 Asa. és. Saul.

VERTICAIS:

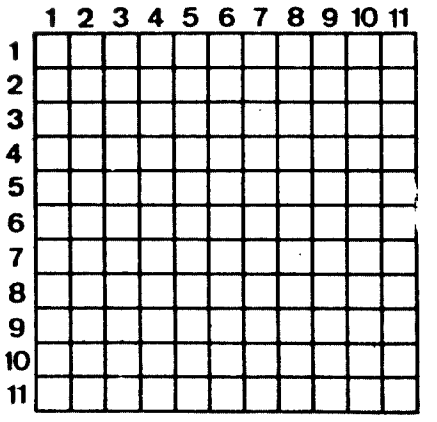
1 Antália. Dá.
2 Sari. Acasos.
3 MUDAS. Pêra.
4 Gamas. More.
5 Pirose.
6 Atormenta.
7 Nosaos. Ais.
8 Dr. Rabi. Ás.
9 Edea. Na. Coa.
10 Soldadura.
11 Sotos. Sl.

PROVÉRBIO: As grandes dores são mudas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 803

HORIZONTAIS:

1 Nome de frutos. Pôr.
2 Estimem. Chinela.
3 Coisa (ant). Romeiro de Meca. Coragem.
4 Sufixo que designa pequenez. Aguço.
5 Descerra. Estavas.
6 Nota musical. Bondosa. Caminhar.
7 Cidade da Arábia. Deus dos pastores.
8 O mais. Cimalha. Zomba.
9 Borrifar. Tostem.
10 Rádio (s.q). O lado do vento. Tragédia de Shakespeare.
11 Qualquer porção de uma curva. Desejas.



VERTICAIS:

1 Aguardente de medronho. Aparelho de ginástica.
2 Nome de letra. Boas festas. Tragédia de Shakespeare.
3 Examinar.
4 Antes do meio-dia. Pronome pessoal. Italiano.
5 Preposição e artigo. Argila.
6 Pago. Junte com o rodo.
7 Seguia. Punhado.
9 Ósmio (s.q). Nome de letra. Cargo de ministro.
9 Sensibilizaria. Preposição.
10 Assanhar. Espécie de rã que vive nas moitas.
11 Invulgares. Escarnecemos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 802**

HORIZONTAIS:

1 Amaça. Narra.
2 Marre. Aluir.
3 Acuar. Damas.
4 Dá. Votas. Si.
5 Ba. És.
6 Virar. Oca.
7 Pia. Gravat.
8 És. Ciaram.
9 Rãs. Orara.
10 Arão. Em. Dor.
11 Samo. Má. Aló.

VERTICAIS:

1 Amada. Pêras.
2 Maca. Visara.
3 Aru. Biá. Sam.
4 Cravar. Oó.
5 Aero. Agia.
6 Terra. Em.
7 Nadas. Aroma.
8 Alas. Ovar.
9 Rum. Acamada.
10 Rias. At. Rol.
11 Ársis. Ácaro.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos — Carlos Ventura; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio (informação desportiva — 2.ª edição); **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário; **23.30:** Títulos do jornal da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música orquestral — Variações op. 31, de Schoenberg. Valsa triste de Kuolema, op. 44, de Sibelius; **16.30**: Álbum musical — 12 variações sobre «Ah! Vous dirai-je mamam?», de Mozart. — Prelúdio n.º 2 op. 49, de Calace. Bachianas brasileiras n.º 6, de Heitor Villa-Lobos; **16.55:** Resumo; **17.00**: Estórias da História; **17.40:** Concerto para violoncelo e orquestra. Concerto n.º 1 op. 107, de Dmitri Shostakovich; **18.10:** Partita n.º 3 em mi maior BWV 1006, de J. S. Bach; **18.40:** Música de câmara. Concerto armónico n.º 6 em si bemol maior, de Pergolesi. Sinfonia a 3 em lá menor, de Stradella; **19.00:** Integrais — As sonatas de Scriábine, para piano. Sonata n.º 6 op. 62; **19.16:** Música de Alessandro Scarlatti; **20.18:** «Ebony» concerto, de Igor Strvinsky; **20.40:** Solos de violino. Prelúdio e fuga, de Fernando Lopes Graça; **20.50:** Histórias de música e... outras se os coretos se animassem de novo com as bandas; **21.25:** Transmissão directa do Teatro S. Luís de um concerto comemorativo do centenário do nascimento de Villa-Lobos. **Intervalo:** Canções de Fauré. **Complemento:** Prelúdio do 2.º volume, de C. Debussy; **00.00:** 2.º Acto da ópera «Boris Godunov», de Mussorgsky; **00.50:** Último andamento e resumo; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca (3.ª ed.); **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca (4.ª ed.).

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«Wummi» e «Pica Pau»

18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

39º Episódio: - Simão diz a Lurdes que nunca casou e conta-lhe pormenores da empresa onde trabalha. Por sua vez Lurdes fala-lhe da filha que reencontrou e com quem vive e que está viúva do segundo marido. Oscar e Rosa não se estão a dar muito bem e, ultimamente, só sabem implicar um com o outro. Rui diz à irmã que já está curado da sua paixão por Mina que lhe fez tanto mal e que agora tem duas namoradas. Isabel aproveita o momento para pedir a Rui que não entre em conflito com a mãe quando ela voltar, mas ele não promete nada. Margarida conta a João que arranjou um trabalho de tradução simultânea, mas o marido acha que é muito violento e ela fica preocupada pensando que ele a julga uma inválida e resolve guiar-se pela sua própria vontade.

20.45 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

2º Episódio: - Mrs. Ochmonek, a vizinha bisbilhoteira dos Tanners, fica a tomar conta de Brian, numa noite em que a família sai. Alf recebe ordens para não sair do 1º andar, mas quando ouve barulho da televisão da sala, decide ir dar uma espreitadela. E, como também está com fome, vai à procura da pizza.

Mrs. Ochmonek começa então a ouvir uns barulhos esquisitos e, assustada, vai pedir ao marido para ver se há ladrões lá em casa...

Realizadores: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.10 - Face a Face
Com Maria de Lurdes Pintasilgo

21.40 - As Blue Bell

6º Episódio: - Bluebell consegue ser libertada após ter provado a sua nacionalidade irlandesa. Volta então a Paris, onde é convidada a organizar novo corpo de baile, agora o Clube Chantilly. Contudo, Marcel, seu marido, que, entretanto, se mantivera escondido, em virtude de ser judeu, fora denunciado pelo antigo patrão, sendo preso pelos nazis e enviado para um campo de concentração.

22.40 - 24 Horas
23.10 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias

No 1º canal às 21,10, «Face a Face» com Maria de Lourdes Pintasilgo

20.05 - 5ª Dimensão

102º Episódio: - Doug e Marnie Kirk vivem com o avô de Marnie, Sam Forstmam. Sam agora está reformado, mas toda a vida trabalhara como relojoeiro, tal como, antes dele, o pai e o avô. No dia em que nascera, Sam recebera de presente do avô, um magnífico relógio que aquele por sua vez, já recebera também do seu avô. Sam tem a certeza de que morrerá no dia em que o relógio parar. Dong e Marnie mandam-no então falar com um psiquiatra.

Realizador: Roger Kay

20.30 - Uma Família às Direitas

78º Episódio: - Archie fica muito em baixo ao fazer um teste duma revista cujo resultado lhe indica que morrerá quando chegar aos 75 anos.

Realizador: H. Wesley Kenney

No 2º canal às 20,05, o 102º episódio de «5ª Dimensão»

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler

«O Conhecimento do Quotidiano» - De Michel Maffesoli

21.35 - A Quinta do Dois

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Palácio dos Sonhos
21.50 - Tudo é Espectáculo
22.50 - Hitchcock Apresenta
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2

14.17 - Novo Amor
15.00 - Atletismo
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.15 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - Contraponto
22.35 - Meu Filho, Meu Filho
23.35 - Uma Boa Ideia
23.45 - Atletismo

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — 21.15 - Face a Face

RTP 2 — 21.35 - A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 419757

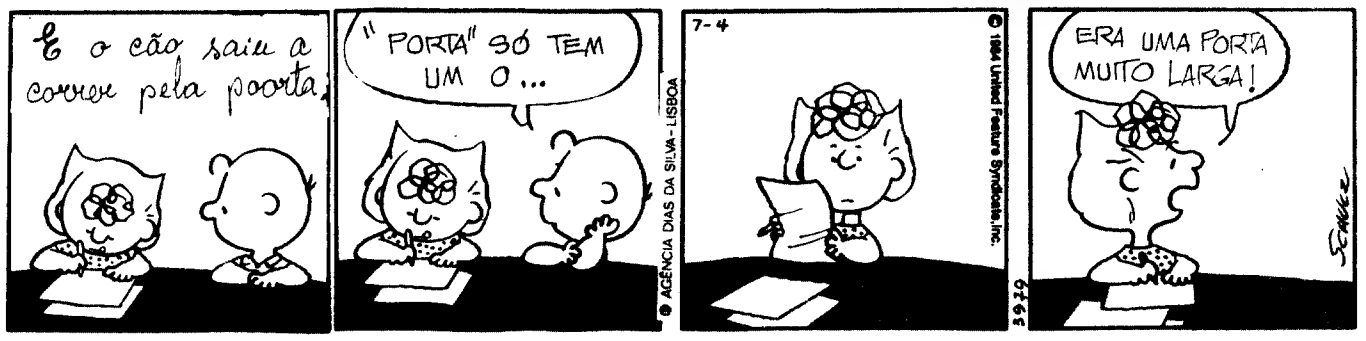
Uma Família às Direitas.

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUIZ SORIANO, 49 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71: 2, 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 569 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

O líder da maior força rebelde nicaraguense revelou registos de várias contas bancárias da sua organização a um grande juri norte-americano encarregado de investigar o escândalo «Irão-Contras».Adolfo Calero, líder da «Força Democrática Nicaraguense» (FDN), tornou acessíveis registos de seis contas bancárias do grupo no Panamá e nas ilhas Caimão. O juri foi encarregado de localizar cerca de 20 milhões de dólares desviados da venda de armas norte-americanas ao Irão. Investigadores creem que os registos bancários dos «Contras e outros na posse de pessoas envolvidas no escândalo ajudarão a esclarecer a pior crise da administração Reagan.

Espanhol planeava matar a mulher na Mealhada

Um cidadão espanhol, de 31 anos, identificado pelas iniciais S.F.F foi detido quando se preparava para entrar em Portugal com a mulher, que pretendia matar através da simulação de um acidente de viação.

Segundo o Gabinete de Imprensa da Polícia de Vigo, S.F.F pôs-se em contacto, num bairro de prostituição daquela cidade, com um cidadão português para tentar localizar um taxista, também português, a quem queria encarregar de «um assunto». De acordo com a mesma fonte, os dois homens tiveram a última reunião no dia 27 de Fevereiro e nela decidiram quando S.F.F devia passar a fronteira.

Foi nessa altura que a Polícia o deteve. Em seu poder tinha 350 mil pesetas, que a Polícia pensa seria o preço do «trabalho», e um cartão com a anotação «Porto, Coimbra, Mealhada, Motel, Gasolineira».

Bombas de Carnaval vão amanhã ao Parlamento

A proibição da venda de bombas de carnaval a quem não possuir autorização policial para a sua aquisição e emprego vai ser debatida na Assembleia da República, amanhã, por iniciativa do grupo parlamentar do PCP.

O projecto de lei apresentado pela bancada comunista «institui um novo enquadramento legal à venda das bombas de Carnaval, tendo em vista a segurança dos cidadãos e, em especial, das crianças», e a sua discussão foi agendado por consenso.

Nos termo do seu artigo 3º, «a venda de bombas de arremesso (bombas, buscapés e similares) só pode ser feita a quem possuir autorização para a sua aquisição e emprego, sendo-lhe aplicável, designadamente, o regime de autorização prévia passada pela autoridade policial competente». O número dois do mesmo artigo indica que «serão especialmente adoptadas, pelas entidades competentes, medidas tendentes à prevenção da venda ilegal de bombas de arremesso a menores».

A fiscalização caberá não apenas às forças policiais, mas também à Inspecção Geral da Actividade Económica, prevendo-se que as infrações sejam punidas com multas e mesmo com o encerramento temporário ou definitivo dos estabelecimentos.

No preâmbulo do diploma aifrma-se que «a iniciativa tem ainda a vantagem de, reforçando o controlo em relação a uma substância explosiva, impedir a sua venda indiscriminada que nos termos em que vem sendo praticada pode facultar a concentração e utilização perturbadora da tranquilidade dos cidadãos e da segurança pública.»

Este aspecto, sublinham os proponentes do projecto deve ser «encarado seriamente e de maneira frontal», acrescentando que «é absurdo reclamar legislação de excepção em nome da 'segurança interna', quando se omitem medidas elementares num domínio como o da proliferação de explosivos!»

Forum da Paz debatido na APE

Óscar Lopes, Manuel Alegre e Urbano Tavares Rodrigues falaram ontem, na Associação Portuguesa de Escritores, sobre a sua participação no Forum Internacional da Paz, que recentemente decorreu em Moscovo.

Depois de terem chamado a atenção para o conteúdo e diversidade das intervenções aí produzidas, todos se referiram à importância do discurso que o líder soviético proferiu no Forum.

Assim, enquanto Óscar Lopes o qualificava de «notável texto da maior importância doutrinária e política», Manuel Alegre dizia que tal discurso «merece ser conhecido e pensado» e Urbano Tavares Rodrigues não hesitou mesmo em atribuir-lhe méritos de «grande beleza moral e até de altíssimo nível literário».

Manuel Alegre chamou ainda a atenção para o debate «libérrimo» de ideias produzido no Forum e Tavares Rodrigues para alguns aspectos do quotidiano dos soviéticos que, em seu entender, traduzem o aprofundamento do socialismo.

DE CARAS

EDUARDO LOURENÇO foi galardoado com o prémio de ensaio Jacinto Prado Coelho pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários — anunciou a porta-voz do Centro. Cristina de Almeida Ribeiro informou que o prémio, no valor de 300 contos, distingue o conjunto da obra de Eduardo Lourenço a pretexto da publicação do ensaio «Fernando, Rei da Nossa Baviera», um trabalho sobre Pessoa publicado no príncipio de 1986. O júri que atribuiu a distinção foi constituído por João Barrento, Óscar Lopes e Yvete Centeno.

BRUCE SPRINGSTEEN vai ter mais um disco editado entre nós. Trata-se de um mini-Lp que será editado em Portugal dentro de duas semanas e que inclui um tema inédito do cantor-compositor norte-americano. O tema é «For You», gravado ao vivo em Los Angeles em Julho de 1978. Os outros quatro temas que compõem o mini-Lp são «Fire», «Born to Run», «No Surrender» e «Tenth Avenue Freeze Out», retirados da caixa de cinco álbuns.

ALMEIDA RIBEIRO, Provedor de Justiça, viu o seu mandato de relator especial sobre intolerância religiosa prorrogado por mais um ano pela Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, que aprovou a proposta por consenso. Os participantes na sessão da Comissão dos Direitos do Homem, representando 43 Estados, consideraram a decisão como «caso raro na História». A resolução acolhe Angelo Almeida Ribeiro «com satisfação» e pede aos Estados-membros que forneçam informações sobre a legislação e regulamentação em vigor nos seus países, liberdade religiosa e medidas já tomadas na luta contra a intolerância religiosa.

HARRY BELAFONTE, cantor negro norte-americano, considerado um dos criadores do calipso, foi nomeado embaixador benemérito da UNICEF, organização das Nações Unidas para a infância — foi noticiado pela DPA em Nova Iorque. Belafonte é o segundo artista dos EUA a ser nomeado para tais funções, sucedendo a Danny Kaye, falecido terça-feira em Los Angeles. O cantor anunciou que vai trabalhar sobretudo nas campanhas de imunização da UNICEF e que a sua primeira intervenção decorrerá este mês em Dakar, capital do Senegal, num simpósio de artistas e intelectuais.

COUTO DOS SANTOS, secretário de Estado da Juventude, foi reeleito presidente do Comité de Juventude do Conselho da Europa, durante a reunião que decorreu em Malta, nos primeiros dias do mês. Este encontro visou também preparar a II Conferência Europeia de Ministros da Juventude, que terá lugar na Noruega, no próximo ano.

DOMENICO MODUGNO, o autor da canção «Volare», foi eleito para a presidência do Partido Radical Italiano, cargo que partilhará com o anterior secretário-geral, Marco Pannella, e com o arquitecto Bruno Zevi. A eleição, feita em pleno período de Carnaval, ocorreu no final de um congresso do partido destinado a decidir o seu relançamento, após ter atingido o número mínimo de dez mil inscrições, montante considerado indespensável à manutenção desta pequena organização política.

Arranjo de órgãos está dependente de parecer do IPPC

Qualquer arranjo, alteração, restauro ou outra obra a efectuar em órgãos que estejam classificados ou em vias de classificação só podem ser executados, a partir de agora, após prévio parecer do Instituto Português do Património Cultural, nos termos de uma Portaria hoje publicada no «Diário da República».

De acordo com o diploma assinado pela secretária de Estado da Cultura em substituição do ministro da Educação e Cultura, o IPPC deverá proceder ao acompanhamento técnico das obras a realizar e que previamente tiver sancionado, nos termos da Portaria 155/87, de 5 de Março, hoje publicada.

As justificações desta medida são várias, entre as quais o facto de a legislação existente estipular como competência do Departamento de Musicologia do IPPC «fomentar a valorização do tesouro instrumental, designadamente o efectivo organístico nacional».

De acordo com essas competências legais, é o aquele departamento do IPPC que deverá estabelecer os meios operacionais e técnicos correlativos, «de modo a obstar a depredações e alterações, podendo para tanto fazer suspender quaisquer trabalhos não autorizados que estejam a ser efectuados incorrecta ou deficientemente».

Por outro lado, a presente Portaria reflecte as preocupações do Governo no que se refere à «valorização do património Cultural Português, de que os órgãos constituem uma parcela importante, quer pelo seu valor histórico quer pelas suas potencialidades de divulgação da literatura nacional da especialidade».

Por outro lado, segundo explica a Portaria, grande parte do efectivo organístico nacional encontra-se em condições degradadas e o seu restauro deve obedecer aos melhores critérios de reconstituição das características originais, que importa respeitar, e às melhores condições de funcionamento.

Até agora, segundo a mesma fonte, várias têm sido as entidades que têm interferido, por sua própria iniciativa, na recuperação de alguns desses órgãos, com resultados

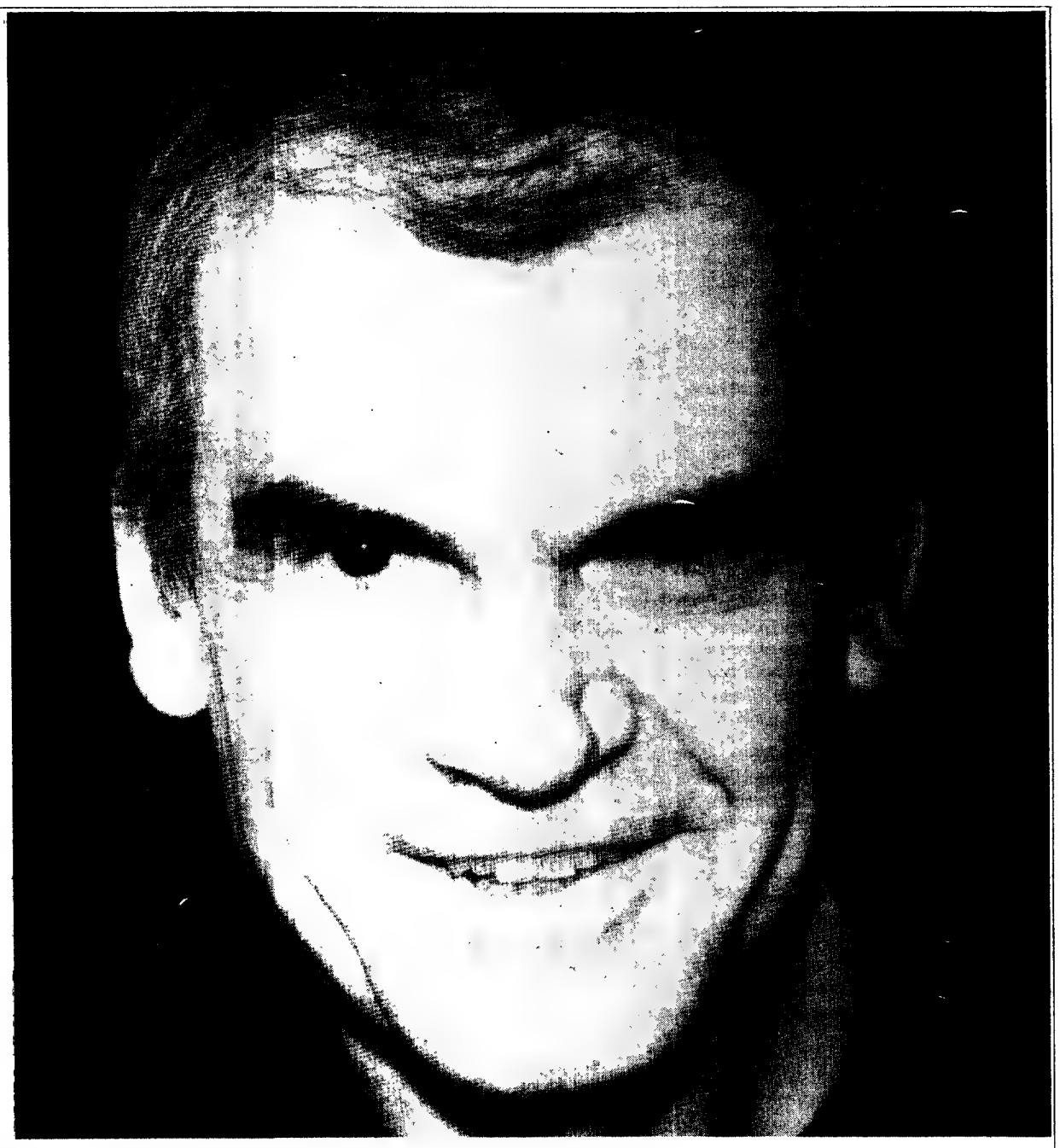
LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 293

A viagem de Fernando Namora à União Soviética vista por uma leitora brasileira

págs. 4 e 5



Agora, «A Brincadeira»

Pág. 3

Clip

■ Na Bourgeois, Pessoa Completo

A **Correspondência** de Fernando Pessoa acaba de ser editada em França por **La Différence.** Trata-se de uma colecção de cartas e documentos organizada por José Blanco e traduzidas do português por Simone Biberfeld. Neste princípio de Março, a **Gallimard** publica, na sua colecção **Poésie, Les Poésies d'Alvaro de Campos et le Gardeur de Troupeaux et les autres poèmes d'Alberto Caeiro,** traduzidos e apresentados por Armand Guibert, misturando assim, num só volume, criações de diferentes heterónimos, o que não deixará de desagradar a iniciados e amadores.

«Pessoa» de João Abel Manta no «Le Monde des Livres»

Também as **Éditions Unies** publicam o **Opium,** de Álvaro de Campos, traduzido pelo mesmo Armand Guibert.

Por outro lado, a revista **Nota Bene** publicou, no seu número de Outono de 1986, traduções do **Cancioneiro** e do **Livro do Desassossego** (excertos).

Mas a grande iniciativa «pessoana» em França é, para o próximo Outono, a edição, na **Bourgeois,** das **Oeuvres Complètes.** Da recepção de Fernando Pessoa em França vai dando conta o suplemento literário do «Le Monde», que no seu último número (27 de Fevereiro) publica um estudo de André Velter intitulado «Être ou ne pas être Fernando Pessoa», ilustrado por uma gravura de João Abel Manta, excertos de uma conferência proferida por Eugénio de Andrade em 1985, no Porto, sob o título «La peur de notre propre corps» e noticiário sobre as traduções francesas do poeta.

A voga pessoana em França confirma o que Eduardo Lourenço, diz em **Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera** (Imp. Nac., 1986): que o poeta se está a transformar, de mito português, em mito europeu.

■ Saramago na Albin Michel e na Du Seuil

Igualmente no «Le Monde des Livres» de 27 de Fevereiro, a crónica de Nicole Zand é dedicada a **Le Dieu Manchot,** de José Saramago, que acaba de sair na Albin Michel, traduzido para francês por Geneviève Leibrich. **Le Dieu Manchot** é o título escolhido para **Memorial do Convento.** Entretanto, as edições **Du Seuil** já anunciaram para breve a publicação de **L'Année de La Mort de Ricardo Reis.**

■ Paz e Filosofia

A Sociedade Portuguesa de Filosofia, com sede na Av. da República, 37, 4.º, está a organizar, neste primeiro semestre de 1987, um conjunto de sessões subordinadas ao tema genérico **Decisão Racional e Paz,** no âmbito do seu **Seminário Permanente de Filosofia e Direito,** coordenado por João Lopes Alves e José de Sousa Brito. A primeira destas sessões realizou-se no passado dia 23, sendo conferencista Augusto Silva Dias, que falou sobre «Objecção de Consciência e o Problema da Paz». Foi comentador José Lamego. As próximas sessões, ao ritmo de uma por mês, são as seguintes: 23 de Março, às 18 horas. «A Filosofia da Autoconservação e a Problemática da Paz», por Maria Fernanda Palma; comentário de Paulo Sousa Mendes. 27 de Abril às 18 horas, «A Lógica da Dissuasão», por Rui Pereira; comentário de André Banleira, 25 de Maio, às 18 horas, «A Crítica da Racionalidade Ética em Parfit», por António Franco Alexandre; comentário de José de Sousa e Brito. 29 de Junho, às 18 horas, «A Questão da Paz e da Guerra em Kant e Hegel», por João Lopes Alves; comentário por João Esteves da Silva.

Todas as sessões se realizam na sede da Sociedade.

«Um Amor Feliz», David Mourão Ferreira, ed. Presença

O livro mais triste e belo que nos últimos meses li é este «Um Amor Feliz», de David Mourão Ferreira, cogito incapaz de especificar a serena e penetrante prosa nele vertida. Tão penetrante que mansamente dói como um odor a envolver-nos. Lento. De uma imperceptível leveza que nos percorre até a percebermos *respirar*. O nosso no quotidiano sem exaltações.

Emerge a trsteza destas páginas impregnadas de absoluto amoroso. De muita solidão nele contida. E eu fico estática perante frases como: «Ó minha bela Câncer, com ascendente em Escorpião, que figura contraditória faço eu ao pé de ti, sempre a oscilar entre ímpetos de Touro e indecisões de Peixes! Tu, Água e Água:-que fluida! Eu Terra e Água: quantas vezes lama a espreitar-me.» Ou: «Mas só a Beleza e o amor da Beleza, por mais psicóticos que sejam ou mais fora da moda que pareçam, conseguem afinal empolgar-me e fazer-me pairar acima do mundo.»

Fico-me estática e muda porque comentar o pleno retratar da *beleza* e da *tristeza* é algo de caricato. Mais: uma profanação do sagrado. Esse edificar de um amor onde o desencanto do circundante se desfaz, embora não seja diluído. A prová-lo está a vivência do narrador e da sua amada, seres perdidos no marasmo que é a eficiência ds respectivos cônjuges. O seu sólido deambular por entre discurso onde a ciência é soberana.

Amam-se na luminosa obscuridade de um «atelier» um homem e uma mulher sob a ameaça de sociais compromissos. Cedem à tentação da luz extrior.

David Mourão-Ferreira

E não a conseguem porque a vida tem as suas impreteríveis leis. Contudo, essa certeza não lhes altera o sentir. A perenidade amorosa.

Uma história de amor é basicamente este «Um Amor Feliz». Contudo, nele se desvendam outros mundos. Esses emque a poesia é esmagada. Em que o vulgar se exprime cruamente. Passo a citar: «Nunca tiveste inveja dos meus ínfimos ou assinaláveis êxitos. Nunca esfregaste as mãos de contente co os meus grandes ou pequenos fracassos. Nunca me fizeste a menor safadice. Nunca me encaraste como um concorrente, como um rival, muito menos como um adversário. Até nisto soubeste ser único: tão Português que tu eras, tão Lisboeta que sempre foste, e nesses aspectos felizmente tão pouco.»

Cruamente se exprime o vulgar neste romance de *amor*. De *amizade*. De compreensão terna ou mordaz do *outro*. De grande tristeza. Líquida, sublinho, quando leio: «Aguenta-te, resiste, agarra-te à vida, mostra que és a grande mulher que sempre tens sido. Não te vás abaixo, lembra-te de mim.» Ou: «Então, porque não desataa eu a falar da Y? Só com receio de a magoar? Só com medo de que sentimentalmente ainda estivesse um pouco ligada a mim não obstante o cómodo regime de completa separação de corpos e que há tanto tempo vivíamos? Ou seria, pelo contráio, o pânico mais profundo de chegar à irremediável conclusão de que nem sentimentalmente já para ela contava?» A tristeza *do* amor e *no* amor. A solidão do amor e no amor. A mansa e penetrante dor é este «Um Amor Feliz» em que a escrita surge como o imortal acto. O desafio da corruptibilidade. Cito: «Mas, para mim, escrever é primeiramente fazer amor com as palavras, e depois..» Ou: «É de toda a maneira um daqueles livros que mais me fazem sonhar sobre a maravilha que deve ser escrever um livro: a invenção dentro da memória, a memória dentro da invenção, e toda essa cavalgada de uma grande fuga, todo esse prodíio de umas poligâmicas núpcias, secretas e arrebatadas, com a feminina multidão das palavras: (...), as que por fim se deixam capturar, palpar, despir, penetrar e sorver, assim proporcionando, antes de se evaporarem, as horas supremas de um amor feliz. Não há matéria maiscarnalmente incorpórea, nem outra mais disposta a por amor ser ecundada.»

Um livro inesquecível é este «Um Amor Feliz» que elejo como aquele a reler enquanto a vida em mim for.

Ana Paula Portugal

Um Amor Feliz

Na Edição de «Ler/Escrever» de quinta-feira passada, uma «gralha» (mal incurável de toda a Imprensa escrita...), alterou o sentido do título do artigo de Urbano Tavares Rodrigues sobre o romance «Um Amor Feliz», de David Mourão-Ferreira. De forma correcta, o título é o seguinte: «'Um Amor Feliz'»:a dificuldade inaparente ou o virtuosismo de David Mourão-Ferreira». Ora aconteceu que, em vez de «inaparente», saiu impresso «inoperante». A UTR e a Mourão-Ferreira, bem como aos nossos leitores, apresentamos as nossas desculpas.

António Ramos Rosa, *Volante Verde*, Moraes Editores, 1986

SILENCIADO pelo trajecto do poeta, o leitor retém a totalidade cósmica, a dinâmica da palavra.

Como se a polifonia do espelho deixasse entrever tonalidades difusas de sombras, linhas corporais. Vibração.

A voz inaugural, de uma luz lenta se trata, reverte-nos para a migração de corpo além das memórias (aves) reflectidas.

Ramos Rosa — *verde* ancestral de imagens distintas do tempo, na impossibilidade do redondo se revelar.

«Em círculos a nudez demora-se em desejos onde tudo é abolido e tudo principia.»

Em *Volante Verde* assiste-se ao desdobramento do corpo, do feminino, do país da palavra original.

A diluição (ouro de lei?) no decantamento de desfocagens: figuras brancas.

O poeta da transparência seduzida, da palavra ausente. A palavra de quem *não pode adiar o coação*.

«Nenhuma palavra diz a alegria do vento.

Esta é a terra nua da nossa identidade.»

Esta poesia — *um hálito solar* — é a nudez da arquitectura do rosto interno do poeta. Do corpo de dentro. Contrário. Quietude no consenso do contrário.

O espelho. Novamente a luz, a geração.

A voz-outra do leitor imprimirá aos cem poemas deste inquietante livro a paixão, essa música que, creio, mesmo as gerações posteriores à do poeta conseguirão fazer emergir.

«Aqui o verde incendeia-se, os muros tornam-se aéreos.»

Isabel Rodrigues

EROTOMANIA

A Mão de Cristal

ESPERAVA Nardo.

No Museu, desde as quatro horas da tarde, interrogava-me: iria partilhar com ele a emoção estética a partir de um objecto exterior a ambos? Sempre nos perdíamos na admiração mútua, quase nos convencíamos de que seríamos seres perfeitos, na verdade somos muito belos, Nardo mais que eu, assim o determinei há muito.

Teria sido para contrariar um posicionamento egoísta em relação à criatividade e para levá-lo a sair de si mesmo — Nardo é narcisista — que o convencera a encontrar-se comigo naquele dia. Não demonstrara grande entusiasmo nem inventara pretexos para adiar o meu propósito.

Tinha percorrido salas, admirava uma vez mais as esculturas alabastrinas de Teixeira Lopes, o misticismo e a dor emanente de rostos pétreos, embriagada pela pureza da forma, condicionada perante o belo que, ao obrigar-me a motricidade interior intensa, do vaivém do olhar, incessante e esfomeado, se recolherá o único sinal de vida. E desagarro-me do objecto de ansiedade para o colocar noutro poiso, e quantas vezes volto atrás? Com um suspiro, girei, por fim, sobre os calcanhares num movimento rotativo quase perfeito, e, antes de fechar o círculo, vi-a. Estava sentada na base da escultura monumental, o anjo exibia as asas tão alvas como todo ele. A mulher olhava-o fascinada. Fiquei presa aos dois rostos, um vivo o outro de marmóreo; acabava de instalar-me na emoção, experimentei o sobressalto e soltei breve som gutural que a mim própria surpreendeu.

Projectei o corpo para a frente, muito devagar, na realidade não queria perturbá-la nem assustar-me demasiado: no braço direito da mulher pousado molemente no regaço, a mão cintilava, era de cristal! Perplexa, tentei justificar o fenómeno sem explicação possível; com a mão esquerda, em concha, ocultei os lábios quase colados, como habitualmente fazemos no auge da preocupação e executei pequena pirueta em desequilíbrio, ao escutar a voz grave: «Assustei-a?» Detive-me nos lábios dela e notei que se moviam de novo. «Verifico que sim — concluia — e ocultarei o motivo imediatamente». A luva denunciava a intenção óbvia de subtrair à minha contemplação, ainda que exagerada, a forma cristalina, belíssima, de longos dedos esguios e pulso delicado. Pedi-lhe, com ímpeto, que o não fizesse. Deteve-se e perguntou irónica: «Move-a a curiosidade?» Respondi apressadamente que não. «Não — repeti — estranheza talvez, e uma certa forma de dor, porventura motivada pela expressão do seu rosto, há minutos. Devo parecer-lhe indiscreta... Estive a contemplar-vos, quero dizer a analisá-la...» Interrompi-me indecisa, sem conseguir desviar o olhar da mão aparentemente detida num gesto? De novo a voz grave: «Você deve ser uma mulher extremanente sensível, emotiva; com a ousadia que experimentamos diante dos que consideramos nossos iguais dirijo-lhe a provocação: encontre um motivo para a minha mão petrificada, cristalínea embora, imóvel». Engoli em seco e, logo a seguir, como sou, realmente, imaginosa e tudo aquilo que ela tinha referido, comecei hesitante: «Talvez... talvez tenha estado demasiado próxima da beleza, a tenha tocado ávida, demasiado voraz, o que não terá agradado à própria beleza, determinado está, desde sempre, será captada em seus múltiplos e facetados espelhos e nunca na totalidade. Talvez você tenha sido demasiado sôfrega, ousada, obcecada pela forma, pelo relevo de um rosto, suas linhas inapeláveis e seus abismos. Ainda há momentos tive a impressão de que os seus olhos pousavam onde a mão exigiria impotente; no entanto, não seria o ser marmóreo que transfigurando-a, lhe conferia o esgar de dôr, sim a evocação de alguém, **dele?** ... E atrevo-me a perguntar: «Morreu?» Tinha falado sem desfitar a mão de cristal onde a luz incidia, fugazmente.

A resposta caiu entre ambas: «Não!» «Não!», repeti, em eco. «Ausentou-se!» E verificamos que ambas tínhamos falado em sincronia perfeita. «Adivinhou — concluia. Imagino-a tão esfomeada de beleza como eu e deverei aconselhar-lhe o máximo comedimento, seja prudente...» A voz baixara de tom, intrigada reparei que olhava para trás de mim. Nardo! «Pensei que já não viria, o Museu está quase a fechar...» A voz de que tanto gosto acariciou-me: «Imagina-me a faltar a um encontro com a beleza?» E olhava em volta.

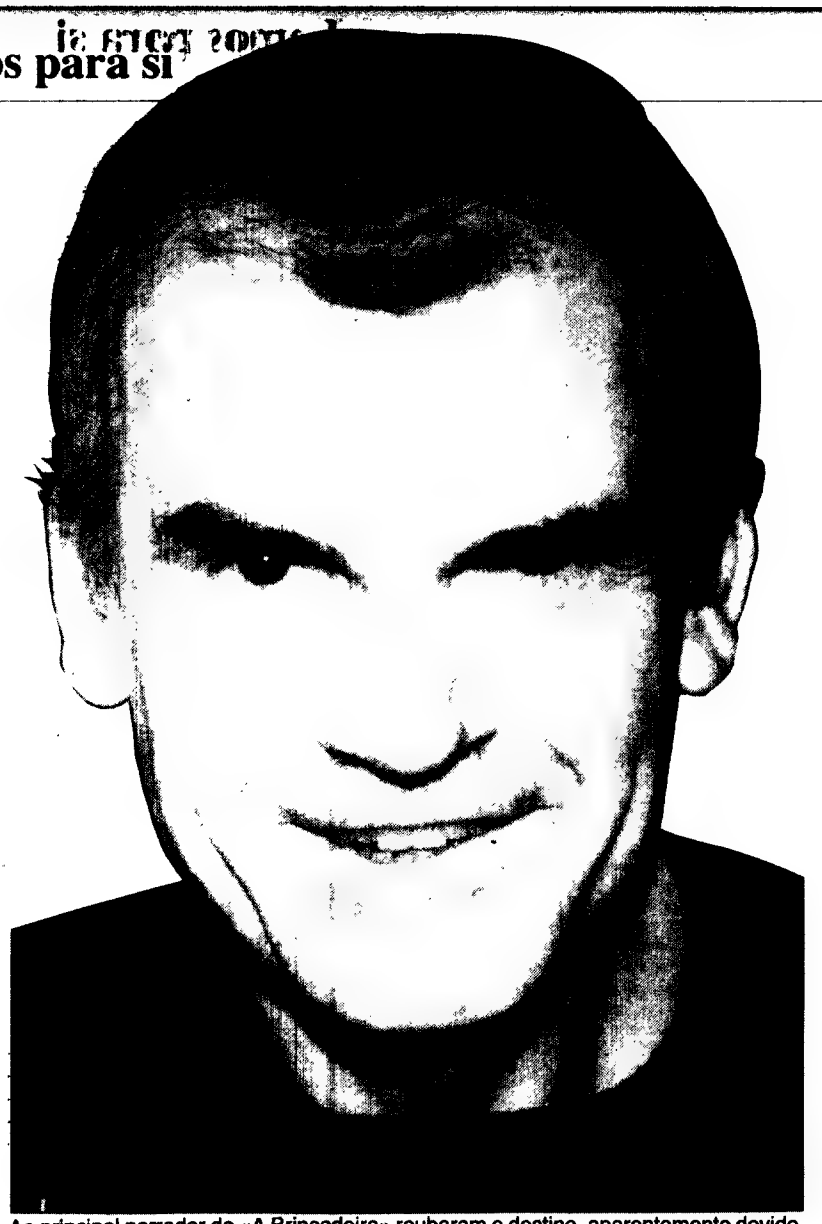
Não gostei muito da frase, entristeci só um pouquinho, a alegria de vê-lo anulava todo o sofrimento e, atropeladamente, proferi: «Queria...» e procurei com o olhar a mulher e seu estranho e belo distintivo. «Sim?» murmurava Nardo enquanto me abraçava. Um vulto desaparecia na sala seguinte. Ainda pensei contar-lhe a estranha ocorrência.

Leitor, teria Nardo acreditado?

Filomena Cabral

Milan Kundera antiquíssimo e idêntico

Uma metafísica sem Deus, uma rebelião contra o Estado que transforma todas as pulsões em logística de defesa e de propaganda, um engodo fatal pelo sexo e pela sua lógica binária dos espelhos e da diferença, uma capacidade quase única para debater questões filosóficas em gestos do quotidiano banal, um ritmo narrativo deliberadamente quebrado e que obriga o leitor a uma posição reflexiva... Tudo isto é o Kundera de «A insustentável leveza do ser» e de «O livro do riso e do esquecimento». Era difícil que «A Brincadeira», o seu primeiro romance, não se movesse na mesma água. Como o próximo, que começou há pouco tempo a escrever.



Ao principal narrador de «A Brincadeira» roubaram o destino, aparentemente devido a um quase mal-entendido, mas, de facto, em obediência à mais pura lógica de Estado

Milan Kundera e sua mulher, Vera: «Mais entrevistas não, nos anos mais próximos»

PARA quem leu «O livro do riso e do esquecimento» e sobretudo «A insustentável leveza do ser», «A Brincadeira» é um regresso ao mesmo *corpus*, aos mesmos personagens, aos mesmos ritos do relacionamento humano e às mesmas obsessões.

Respondendo a perguntas sobre o êxito brasileiro de Milan Kundera, João Cabral de Melo Neto disse, no ano passado, que nunca poderia ser um bom editor, porque as razões do gosto do público permaneciam, para ele, misteriosas. «A Brincadeira» saía no Brasil com 160 000 exemplares antecipadamente vendidos às livrarias, ultrapassando de longe o sucesso editorial de Umberto Eco e de Marguerite Yourcenar — e era exactamente a razão dessa «ultrapassagem» que Melo Neto não compreendia.

Milan Kundera trabalha permanentemente a mesma equação: o amor e suas denegações, a fidelidade e a traição na amizade, a supressão do indivíduo pelo socialismo autoritário, a violência despótica traduzida em obrigações tão despersonalizantes como a do optimisto colectivo. Por vezes faz uma incursão no domínio da motivação da música ou, como em «A insustentável leveza do ser», usa magistralmente uma situação extraída do dia-a-dia ou das preocupações banais de um ou outro personagem para ilustrar, ou actualizar, um velho problema filosófico originalmente posto por um pré-socrático. E fá-lo, não através daquilo a que Eco chama «salgarismos» (um personagem de Salgari tropeça num embondeiro: logo se seguem dez páginas de lição de botânica), mas como se, precisamente, o mais simples dos gestos pudesse ressuscitar a questão pré-socrática, que nos é, assim, recolocada.

Também a própria estrutura das narrativas de Kundera é consideravelmente repetitiva: os seus romances traduzidos em Portugal, e apologeticamente descritos como «polifonias», resultam do entrançamento de diversas histórias, cada uma das quais tem ou pode ter, em relação às outras, uma relativa autonomia.

No caso de «A Brincadeira», essa articulação envolve o registo dos sujeitos da enunciação: o narrador principal é o personagem Ludvik, mas o romance também é feito do que narram Helena, Kostka e Jaroslav, que propõem enfoques diversos, ou mesmo conflituais, do que está em causa.

Não se trata da lenta translação em torno dos mesmos personagens operada na vasta tetralogia alexandrina de Durrell, nem de histórias-dentro-de-histórias como no «Manuscrito encontrado em Saragoça» de Potoki ou, em parte, no «Nome da Rosa» de Eco: trata-se, antes, de rápidos *face-a-face* que confrontam um personagem narrador com outro ou outros, criando um ritmo quebrado também dominante em «A insustentável leveza do ser».

Nestas características está, segundo cremos, a razão de boa parte do fenómeno de *grande comunicação* que Kundera consegue obter: os conflitos narrados raramente se resolvem de acordo com a lógica da narrativa — eles resolvem-se preferencialmente de acordo com uma lógica imposta «pela própria vida». Ou um dos personagens morreu, ou determinada situação se alterou completamente com o tempo, ou outro personagem descobre que a motivação do seu comportamento tem origem em qualquer trauma equivalente, do ponto de vista funcional, à *cena primitiva*.

Mas esse ritmo quebrado da *acção* — que provoca no leitor um inevitável distanciamento em relação à suspeita centralidade desta — expande-se, por analogia, para o tratamento dos registos temáticos do texto: depressa habituado aos rápidos *face-a-face* de Kundera, o leitor tanto espera dele que, nas próximas páginas, comente uma ideia de Nietzsche, como que conte a experiência de humilhação de um personagem pelo Partido, ou que evoque o modo como um outro, reencontrando uma amante, a mandou despir-se de tal modo que o erotismo entre ambos é comandado por vozes, ou, se quisermos, pelo discurso (alguma afinidade com o Marquês de Sade valeria a pena ser, neste particular, mais esmiuçada, mas não o faremos aqui).

Os personagens masculinos que Kundera prefere têm com as mulheres uma relação terna e infiel, sem que se possa falar de donjuanismo, porque sempre uma delas ocupa, neles, um lugar dilecto. São igualmente personagens que preferem assumir a desqualificação social em vez de pactuarem com o poder político que lhes exige o entendimento, o compromisso. Espartilhados entre o uno e o múltiplo amoroso (na eterna tensão entre *eros* e *agapê*), movidos, em termos políticos, por um imperativo categórico que os torna *malditos* aos olhos do poder (o jogo em torno do «Tem de ser? Tem de ser!» na «Insustentável leveza...»), eles não perderam a capacidade de ficarem perplexos com o que lhes acontece e com o que acontece em seu redor — e essa, a «inquietante estranheza» do Camus do «Estrangeiro», é porventura outra das grandes forças do Kundera narrador: não se resiste ao fascínio daquele que não está senão mais ou menos em todas as coisas, embora o seu comportamento — o contrato social que mantém com outrem — não o dê forçosamente a entender.

Kundera trouxe consigo, para Paris, a aura do intelectual perseguido na sequência da invasão soviética da Checoslováquia, em 68 (ele que também viveu 48 em Praga). Mas não quis ser considerado «mais um dissidente», não quis que a sua literatura fosse instrumentalizada na luta anti-soviética nem sequer que fosse considerada *engagée;* criticou acidamente o «kitsch» político ocidental como criticara o «kitsch» político de Leste e não deixou de ser um «poeta metafísico», embora se considere um mau leitor de poesia.

Por outro lado, trouxe para o Ocidente a afirmação de que a sua Boémia fica no centro da Europa, ou melhor, de que Praga é tão genuinamente europeia como Roma e Genebra. E esta ideia, que tão grande futuro político começa hoje a ter, ele defende-a como intelectual e artista e não como político - o que, no Ocidente, seja ele francês, americano ou brasileiro, equivale a subir a parada até um nível que esse mesmo Ocidente, preguiçosamente, se tem sempre recusado a considerar.

É conhecida a história editorial de «A Brincadeira»: concluído em 1965, só foi publicado em 1967, integralmente, na Checoslováquia, depois de longas negociações entre o autor e os censores, que pretendiam amputar-lhe largas passagens. No ano seguinte, com 120.000 exemplares vendidos, livro e autor vieram a ser premiados pela União dos Escritores, em Praga, mas pouco depois os tanques soviéticos tomavam conta da cidade, Dubcek voltava, gaguejante, de Moscovo (leia-se «A Insustentável leveza...») e o livro era proibido, bem como todas as restantes obras do escritor, que acabaria por sair do país.

No Ocidente, porém, «A Brincadeira» tardou geralmente a ser traduzida (particularmente mal, como conta Kundera num anexo ao texto), e foi-o sempre quando outros romances, sobretudo «A Insustentável leveza...», já tinham conquistado um vasto público.

Kundera insurgiu-se especialmente contra a crítica americana, que apresentou o texto como escrito «sob a bota do estalinismo», quando, para ele, se trata de um romance sobre o amor. E partiu igualmente em guerra contra os tradutores que lhe transformavam a sua prosa sóbria e directa em exercícios barrocos, aparentemente para a tornarem mais popular.

Se é verdade que, juntamente com «O livro do riso e do esquecimento» e com «A Insustentável leveza do ser», «A Brincadeira» forma, para os leitores portugueses, um tríptico coerente funcionando de modo circular, é porque a ideia do **políptico** e da circularidade está, de facto, fortemente em acção em todo o Kundera — apesar de ele gostar de falar de cada um dos seus romances como entidades independentes.

Recentemente, publicou em França «A Arte do Romance». Pedimos-lhe uma entrevista. Respondeu-nos sua mulher Vera, desculpando-se: seu marido iniciara um novo romance e não contava conceder mais entrevistas «nos próximos quatro ou cinco anos».

Ficará para depois, assim, a entrevista, para quando tiver terminado as suas novas histórias vindas de uma metafísica sem Deus, da sua perplexidade perante a capacidade de esquecer e perante a extravagante novidade do amor. Ou alguém duvida de que é sobre estas coisas que ele continua a escrever?

João Mendes

«A Insustentável leveza do ser», «O livro do Riso e do Esquecimento» e «A Brincadeira» estão publicados, em Portugal, pela editora Dom Quixote

URSS mal amada bem amada — *uma crónica soviética*

■ Indício da recepção de Fernando Namora no Brasil, este artigo de Nelly Novaes Coelho, professora de Literatura na Universidade de São Paulo.

«A Rússia. Os países, como as pessoas, **são os olhos** que temos para os ver. Por isso, a mítica Rússia, que só agora começa a desprender-se da fábula para se confiar ao convívio de quem a estima ou detesta, mesmo sem a conhecer, pode ser muita e contraditória coisa. Depende de quem lhe passa a desconfiada porta.»

(in **Os Adoradores do Sol**.

TAL como em 71, em **Os Adoradores do Sol**, Fernando Namora nos entreabria essa «desconfiada porta», agora neste recente **URSS Mal Amada Bem Amada** retorna ao mundo soviético e nos convida a acompanhá-lo em seu jornadear indagador e atento pela Rússia de hoje. E já então, muito mais do que o registo objectivo dos factos ou de pecularidades pitorescas (como é normal em livros de viagem), Namora procurava expressar pelo lado «de dentro» as realidades observadas. Isto é, em lugar de descrevê-las «por fora» ou sobre elas tecer juízos de valor, tenta compreendê-las em sua possível «verdade», para transformá-las em vivência própria.

Ficcionista, poeta e memorialista, Fernando Namora é, em essência, um espeleólogo do nosso espaço/tempo em mudança; um fascinado pela vida autenticamente vivida por cada homem, em cada recanto do mundo. Conforme a lúcida observação de Eduardo Lourenço, o mundo, para Namora, «é uma realidade imprevista, fascinante, um perpétuo desafio, uma contínua aventura, cujo destino lhe escapa, mas cujo segredo desejaria decifrar para se decifrar nele.» (in «Fernando Namora no Espelho Americano»)

Nessa frase, o crítico revela a essência da arte de viajar e de testemunhar aquilo que descobre, patente nos livros de viagem de Namora. Viajante a contragosto (como ele sempre se identifica), Namora é, entretanto, um dos grandes «viajantes» do nosso tempo literário. Longe de buscar, nas andanças, possíveis encontros com seus próprios problemas íntimos, busca o «outro» para, através dele, viver diferentes experiências vitais. Daí o ter dito em **Cavalgada Cinzenta**: «Eu **prefiro ver um país a viver** do que **visitá-lo**.»

Visitar vivendo

Daí, também o fascínio crescente dos «livros de viagem» desse grande escritor português, — bem amado de todos quantos entram no universo de sua palavra transfiguradora. Fascínio que se apura de livro para livro, resultando evidentemente do aprofundar cada vez mais denso do olhar/espírito do escritor, perscrutando as realidades aparentes e procurando obsessivamente o que está para além do que se vê.

Neste **URSS Mal Amada Bem Amada**, tal aprofundamente já se evidencia na classificação de sua escritura, como «crónica», enquanto a de **Os Adoradores do Sol** foi incluída na série de «Cadernos de um escritor». Essa mudança de classificação é bastante sintomática. Se observada dentro do universo construído por Namora nestes quase cinquenta anos de labor ininterrupto (sua estreia deu-se em 37, com os contos de **Cabeças de Barro**, em colaboração com Carlos de Oliveira e Artur Varela), confirma o aprofundamento de algo peculiar à sua natureza de escritor: a necessidade de ultrapassar os limites puramente individuais (de suas personagens ou de si próprio) para detectar na matéria histórico-social, a origem das forças responsáveis por aquele «individual». Ou,em outras palavras, radicalizando esse impulso para a superação do puramente pessoal, namora assume-se agora como «cronista», — aquele que testemunha o seu momento histórico/existencial, ultrapassando a sua própria individualidade.

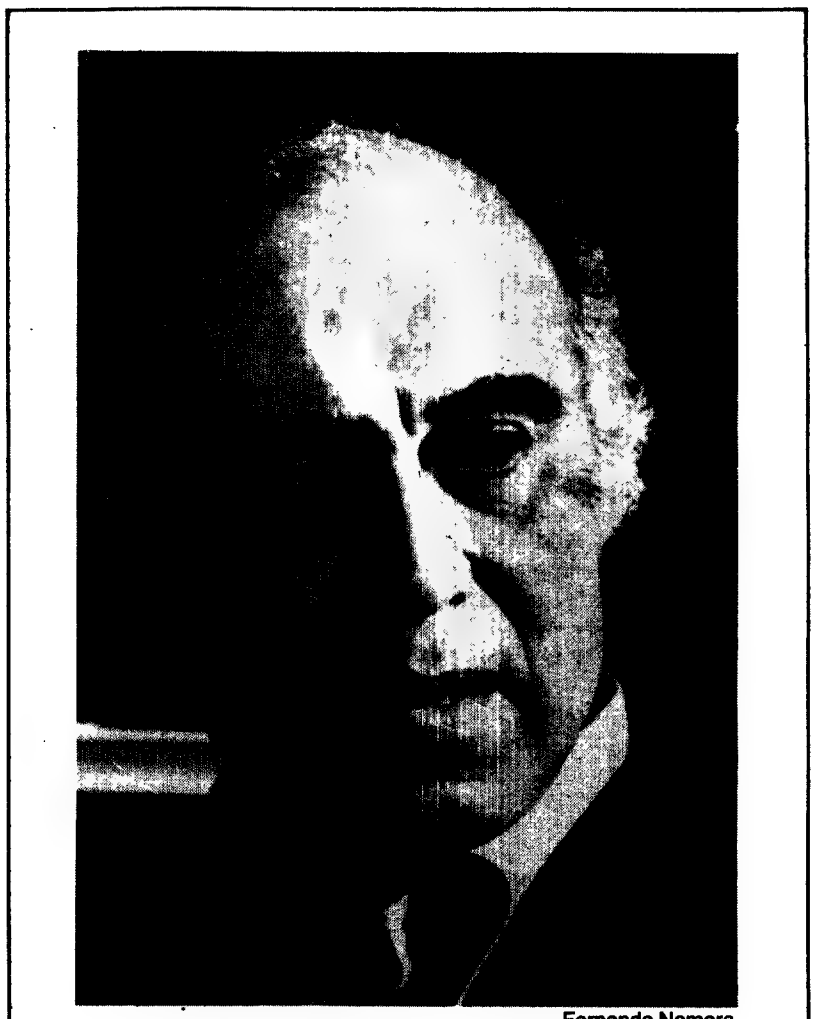
Caos e crónica

Quebrando a linearidade temporal, fundindo tempos e espaços distintos e desrespeitando a ordem natural dos acontecimentos, namora aparentemente contraria a natureza da «crónica» que se dispõe a escrever. Evidentemente, este é um género essencialmente «histórico»; isto é, sua matéria existe no tempo sucessivo e linear dos calendários e dos relógios, — exactamente o tempo escamoteado neste livro. Entretanto, com essa opção estilística, de registo fragmentado (no qual espaços e tempos se misturam sem obediência e sequência natural em que teriam existido) o escritor expressou, mais uma vez, a organicidade de raiz que tem presidido à estruturação de seus escritos, nos quais problemática e soluções formais se amalgamam em um todo orgânico e coerente. Note-se, pois, que vivendo um **tempo** em acelerada metamorfose como o nosso, e percorrendo um **espaço**, como o da URSS, altamente defêndido de um conhecimento livre, por parte dos estrangeiros que chegam, o «cronista» não poderia jamais ordenar, de maneira racional, os dados que foram colhidos muito mais com a intuição do que com a razão objectiva.

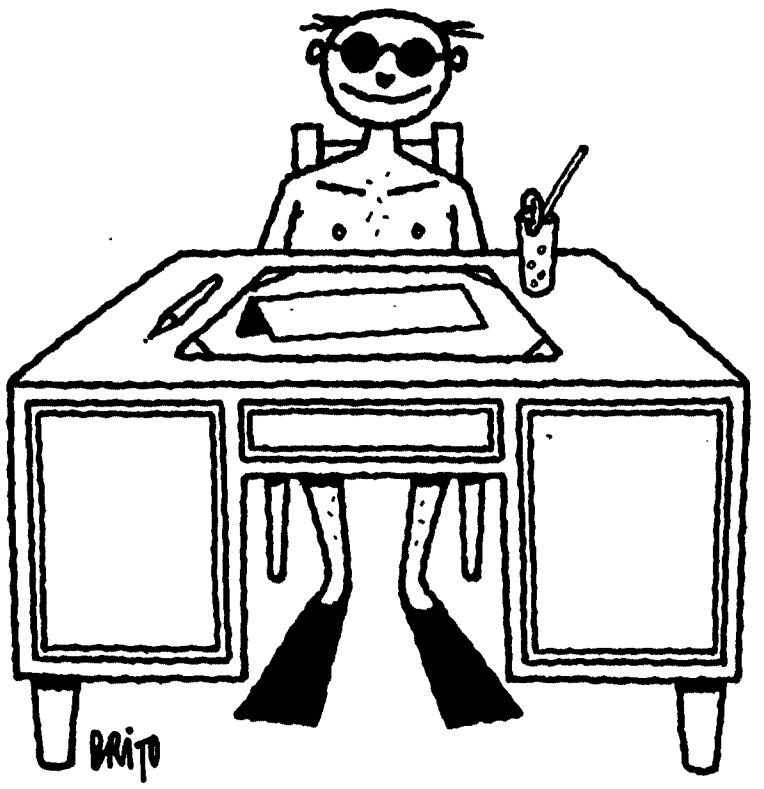
Nesse sentido, compreende-se que a expressão de seu testemunho só poderia ser fragmentada e organizar-se em uma estrutura formal caótica. Entretanto, essa aparente desorganização em absoluto não se identifica com impossibilidade de conhecer. Pelo contrário. A sensação que nos dá a leitura e a impressão que nos fica depois de fechado o livro, é de que Namora chegou muito perto da possível **verdade**, latente nas formas contraditórias que se defrontam hoje ns diversos níveis ou estratos da realidade russa.

Neste momento, em que se agudiza, no mundo todo, a consciência de que urge encontrar a fórmula conciliadora que ponha fim à ininterrupta oscilação do Poder, entre totalitarismos e democracias, esta «crónica» soviética oferece-se como fecundo espaço de reflexão, não só sobre a Rússia, mas também sobre o mundo e os homens em geral.

Com o humanismo e a lucidez crítica inerentes ao seu modo-de-ser-e-escrever, Fernando Namora vai detectando as contradições internas que fermentam na Rússia contemporânea. E também vai tornando claro que tais contradições têm, nas raízes, as mesmas carências e necessidades que corroem os sistemas do mundo ocidental. Isto é, ambas resultam dos esforços vãos que vêm sendo feitos por liberais e por socialistas, para solucionarem de vez a difícil (ou impossível?) conjugação: **liberdade individual** e **justiça social**.



Fernando Namora



Versos e reversos

Com a serenidade emocionada de quem se sente visceralmente participante do outro, por já ter vencido duras batalhas para decifrar o seu Eu e intuir seu próprio lugar na engrenagem do momento que lhe coube viver, Namora vai adentrando devagar e amorosamente pelos meandros do fenómeno soviético; e tocando, com intuição certeira, nos pontos mais sensíveis de suas ambiguidades latentes ou patentes.

«Há coisas, muitas coisas, na União Soviética, que são um soco no estômago para quem chega desprevenido, ainda que o cegue o fervor da apologia. Coisas, todavia, que logo mudam de feição se houver o ensejo de lhes descobrir a ponta da meada.»

Nessa frase, temos a síntese do espírito com que, neste recente *«URSS Mal Amada Bem Amada»*, Namora vai-nos revelando, fragmentariamente, as grandezas e contradições do gigantesco mundo soviético. Procurando, em cada «moeda», o seu *verso* e *reverso*, e sem nunca tomar partido (a não ser o da humanidade ou do calor humano de que seu espírito está empapado), o escritor vai colhendo, na rede das palavras, a essencialidade oculta sob as exterioridades dessa Rússia desafiante: nação de conquistadores e de místicos —, enigma que o Ocidente dificilmente poderá decifrar a fundo, como já Dostoievski o previra em seu *«Diário de um Escritor»* (do qual Namora transcreve fragmentos).

Nesse jornadear indagador / amoroso, vamos sendo levados através de estranhas e extensas paisagens, cuja beleza por vezes se funde com o terrível; e cuja significação essencial, em última análise, só se revela através da «paisagem humana» que lhe transmite magia, força ou fraqueza, mistério, melancolia, agressividade, apatia ou vibração apaixonada, serenidade ou agitação; espiritualidade ou materialismo grosseiro...

Como sempre, fascinado pela busca do «humano essencial», é através do homem, de seus gestos, falas, acções, reacções, olhares, posturas... que Namora vai «filtrando» as realidades observadas. No fervilhar de aeroportos ou metros; na solidão terrível de certas regiões ou em meio à agitação das multidões nas ruas; na incrível Bratsk (cidade industrial, na Sibéria, com a sua gigantesca central hidroeléctrica plantada em plena floresta, em espaço roubado aos gelos e aos ursos, bem próxima ao mágico lago Baical...); ou na islâmica Samarcanda das mesquitas, caravanas, lendas e hotéis modernissimos; na Moscovo dos muitos contrastes, com seu gigantismo e pequenezas, com sua Praça Vermelha, o Kremlin (e os «aplausos monocórdicos» que ali respondem aos discursos oficiais), a impressionante catedral de S. Basílio, a casa de madeira onde viveu Tolstoi (hoje transformada em museu) — a Moscovo sedutora com seus «azuis, ocres, rosas», mas «fechada» aos de fora; ou nos meandros burocráticos do sistema soviético ou ainda nos teatros onde a Arte é sempre um espectáculo de primeira grandeza, a que o povo se entrega, seduzido... a *dimensão humana* é sempre a «chave» que o escritor utiliza para *ver* melhor e tentar *compreender*, sem distorções.

O mar desarmado?

Um dos valores maiores deste *URSS Mal Amada Bem Amada* está, sem dúvida, nesse aspecto. Trata-se do testemunho «desarmado» de um *ocidental*

que procura compreender o «outro lado» do complexo de forças que manipulam o Poder, no mundo contemporâneo; e o faz a partir, não da análise directa das super-estruturas político-económicas, mas através da descoberta/compreensão do homem comum que, ao fim e ao cabo, é o sustentáculo básico daquelas forças e quem lhes sofre, directamente, as consequências positivas ou negativas.

Mas não só o *homem comum*. Também a *literatura* dos grandes génios russos (Dostoievski, Tolstoi, Gorki, Lenine, Evtuchenko...) serviu ao cronista para ver além do visível. Para quem vê a literatura como um mero entretenimento ameno e ilusório, será uma grande lição o adentrar pelas páginas deste *URSS Mal Amada Bem Amada;* pois acabará por descobrir que o escritor tem razão quando diz:

«Temos sempre que nos referenciar pela literatua. Mesmo que se não queira. Está lá tudo, nessa amarga penumbra que se ilumina por dentro: o mistério e a decifração.»

É, pois, no encalço da «decifração» que Namora perscruta o «mistério» da URSS, e vai tecendo a teia narrativa que, apesar de fragmentada, acaba por compor um expressivo painel das realidades e problemas mais significativos que hoje ali se defrontam. Entre tantos fenómenos dignos de registo e reflexão, destacamos: *-o ardor do trabalho* que faz da União Soviética, em vários domínios, «um febril estaleiro de desbravadores», a contrastar com *o fantasma do desemprego* que os ameaça cada vez mais; *-a discordância* crescente entre as «condições científicas do processo» que move o mundo actual e o «jugo das fórmulas» a que é preciso obedecer rigorosamente; *-a rigidez* do sistema e a *indisciplina ou incredulidade* que caracteriza a nova juventude soviética e a leva a exigir um «socialismo real»; -as *mudanças programadas* por Gorbatchev, o actual homem forte da União Soviética, a partir da constatação de que «a URSS se deixou adormentar pelo longo reinado de uma geração sugando o Poder até o exaurir, enquanto ela própria se esgotava biologicamente» e que, em consequência, é urgente que seja dado «o *salto qualitativo* na economia, no sistema das relações sociopolíticas, na totalidade das condições de vida e de trabalho de milhões de cidadãos»; -os meandros da corrupção, da «batota com a lei», estimulada pelas próprias «falhas do sistema» e generalizada entre os privilegiados, próximos ao Poder; -o significativo *espaço conquistado pela mulher* soviética em todos os sectores da sociedade; -a «narcótica teia de aranha /.../ que tem feito da URSS um imenso *corpo burocratizado,* por onde estalam energias insubmissas que não aceitam o letargo»; -a *sacralização da morte,* através do culto apaixonado da «memória das agressões e sujeições» e do «avivar obcecante dos lances históricos em que avulta a imagem do «inimigo»; — o surdo fermentar dos *espíritos dissidentes;* — *a atracção* quase infantil do povo pela parafernália electrónica ocidental que, com muita dificuldade, mas grande força, está entrando na austeridade do seu dia-a-dia; a *corrosão existencial* que mina os ex-combatentes do Afganistão, tal como nos EUA destruiu (ou destrói) os regressados do Vietname; *-o alcoolismo* que, ao lado da «penúria prolongada» e do «lento progresso do nível de vida», é uma das mais sérias «mazelas nacionais»...Etc., etc;. etc.

Por essa breve relação, já se pode avaliar o teor do testemunho dado por este URSS *Mal Amada Bem Amada,* e que confirma algo já afirmado por Namora em seu depoimento anterior, em *Os Adoradores do Sol:* »...toda coisa estabelecida se torna conservadora e são precisas arritmias. /.../ o *imobilismo,* em política, como em tudo, é decrepitude, ser-se *sectário* é uma das formas de se ser *imóvel.*»

Peso do humano

Pode-se dizer que aí está o cerne problemático da crise-em-processo entre os soviéticos. Crise (na qual) o *humano* pesa tanto ou mais do que o *político* ou o *económico;* e cujos sintomas mais graves Namora vai detectando aqui e ali, em «flashes» ou intuições iluminadoras.

Hoje, a partir da aceitação de que o ser humano é energia em contínua evolução, fácil se nos torna compreender que qualquer sistema, que pretenda «fechar» o indivíduo ou a comunidade em verdades absolutas e perenes, está fadado a se deteriorar ou a ser destruído. É nesse sentido que a leitura de URSS *Mal Amada Bem Amada* se torna «iluminadora», pois nos mostra, com a simplicidade das grandes verdades, «o refluir do que, no cerne russo, povo alegre e dramático, sofrido e explosivo, é a dialética dos contrários». Mostrando também que «nese cerne já entrou o socialismo que é hoje um *modo de ser russo»;* uma «estrutura mental que faz corpo com a estrutura social e que tem de facto a ver com a personalidade de um povo.»

São inúmeros os altos momentos em que o olhar do cronista descobre a grandeza dessa nova maneira-de-ser-e-de-agir. Grandeza que, na «dialética dos contrários», vai-se entrelaçando com as inevitáveis pequenezas, tão encontradiças no convívio humano em todas as partes do mundo. De sua leitura global resulta um expressivo painel do claro/escuro inerente aos fenómenos humanos. Assim, se por um lado o escritor revela o «escuro» com a imparcialidade de um indagador arguto, exigente mas compreensivo, por outro lado, a cada passo faz ressaltar o «claro». E este, via de regra, coincide com a referida mentalidade ou maneira-de-ser, criada pela revolução soviética, e que se expressa por um amor apaixonado a incondicional pela pátria, pela terra, pela nação construída por cada um e por todos, - verdadeira via aberta para o «amor ao mundo».

Sofreguidões

Emocionado com essa apaixonada auto-entrega dos indivíduos ao que lhes cabe fazer, Namora sintetiza-se como «um amor disponível, para se fundir em tudo o que, mesmo alheio, é entregue às coisas, às tarefas, aos homens. Uma totalidade a ser investidaem cada sonho e em cada acto.»

A aparente utopia dessa maneira-de-ser provou que pode transformar-se em realidade. Falta, porém, o «salto qualitativo» nos sistemas de Poder, em qualquer dos hemisférios...Já ninguém duvida dessa urgente necessidade. A face do mundo precisa ser transformada, e um dos mais claros sintomas dessa necessidade está no processo de «abertura» iniciado no mundo soviético e do qual este URSS *Mal Amada Bem Amada* é um significativo testemunho. Como diz Fernando Namora:

«O Russo está sófrego de conviver, de que não vejam nele um exilado ou um proscrito. Contudo, essa sofreguidão tem altas paliçadas a moderar-lhe os ímpetos. O sentir do povo, de qualquer povo, nem sempre é o sentir de quem nele manda.

De qualquer modo, o tempo (está) em alvoroço.»

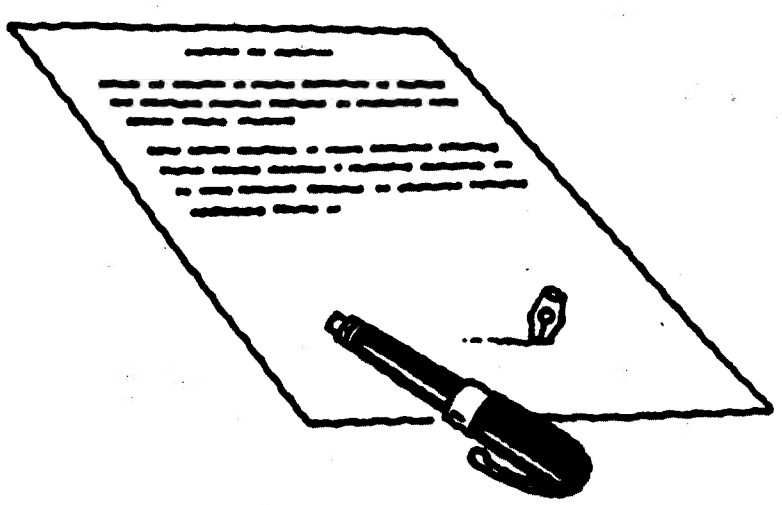
As transformações de base que o mundo espera, sem dúvida, estão muito mais próximas do que já estiveram. É essa a esperança latente neste humaníssimo URSS *Mal Amada Bem Amada...*

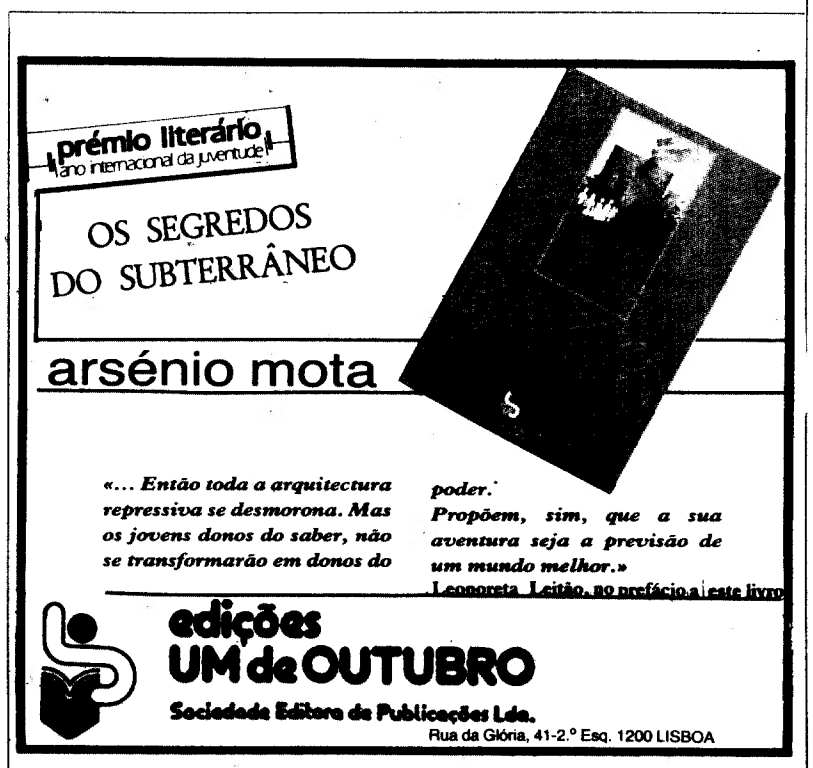
Fernando Namora, - URSS Mal Amada Bem Amada, Lisboa, Bertrand, 86.

Nelly Novaes Coelho

Professora de Literatura da Universidade de São Paulo,

■ Subtítulos «Ler/Escrever«





Ficções

A Deuses

A deuses que daqui partiram digo merda, está o tampo solto. Vou-me embora.

A luz. Sensação trémula de quase se extinguir até entrar em chamas.

Sou eu o deserto. Inacreditável poço de vastidão.

Lava a esfriar na epiderme. Cada abismo na primeira garfada.
Molho de mortos alcatifa o chão.

Navio que não me emborcou. Barriga tosca, mal parida, cheia de mel.
Do sopé das estrelas ao sexo das montanhas.

Sou finalmente ateu: inventarei deus.
Pétalas, asas, álcool.
Sossego e vómito na mesma cama, asas nas pernas, a emprenhar vertigens.

Manuel Cintra

Amo-te, Linha!

«A cidade fica longe ponto» — afirmas-me num telegrama. E eu fico-me, rosto vergado, olhos estáticos, as mãos agarradas ao telegrama.

Em voz alta, leio: «A cidade fica longe ponto». Reflito: «Este ponto por extenso não está correcto. Além disso, na tua frase permanece a negação do que me dizes. Se a cidade ficasse longe, não me atingirias aqui. Nesta vila resplandecente de branco e verde. Não me procurarias para mo comunicares tão velozmente. Pérfida!» E fico-me, rosto vergado, olhos estáticos, as mãos agarradas ao telegrama. A corrigir: «A cidade fica longe, Ponto!»

Abro a janela. Espreito a obstruída torre de onde a Salúquia se matou... Penso: «A Salúquia ignorava as cidades. Contudo, conhecia o amor. A fidelidade à pátria. Tinha em si a força necessária que a levou a preferir o suicídio à perda do território a ela confiado. E ignorava as cidades, Salúquia. Ignorava-as, mas o seu nome resistiu ao tempo. Ainda hoje brilha na vila que da raça dela recebeu o nome de MOURA. A Moura Salúquia ignorava as cidades e, contudo, ultrapassou-as...»

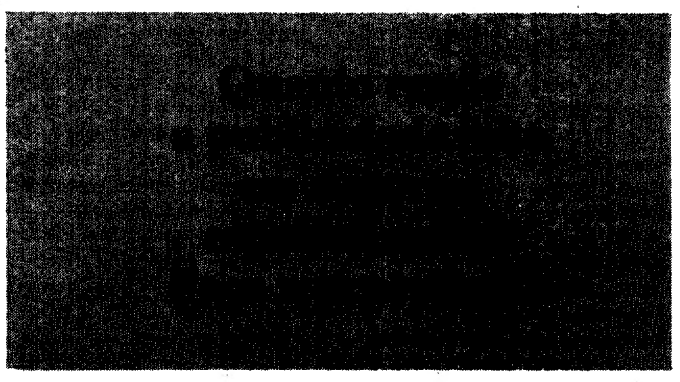
Penso isto e fixo na retina o pinheiro que ao lado da circular torre se ergue. Os cinzentos montes que, num segundo plano, se me apresentam. O tom violáceo do céu à superfície deles. A sua expansão em luminoso azul.

Volto as costas à janela. Dirijo-me à secretária. Escrevo: «A cidade fica longe só nos experimentadores do finito. Eu sou um ponto que, incomensuravelmente, se divide pelo Universo. Vou à rua apanhar um malmequer que tem a minha frescura, embora o vás receber inerte. Amo-te, Linha!»

Ana Paula Portugal

Na terça-feira

Sete Ponto Sete



Mortes Célebres

Andy Warhol

TEMPOS houve em que a morte foi uma coisa Pop.

Voltemos então um pouco atrás, a essa época em que a morte ainda andava pela rua (e dela era um concentrado: um signo). Aos tempos da **morte Pop** (e do seu colorido).

Apressemos razões. Fixemo-nos num dos exemplos da **morte** na arte Pop. No modo como este motivo, insistente, desde início marca a obra de Andy Warhol. Primeiras provas manifestas da insistência deste íntimo motivo: as «mortes célebres» (máscaras da morte) e as cenas de desastres (não já só o signo único-perecível — mas a solidão do signo — por assim dizer omisso, esquecido — quando deflagra o múltiplo).

Deste primeiro grupo de exemplos podemos extrair um dado de conjuntos: a encenação da morte (a sua fixação como aura: «ícone») faz-se (processa-se) através do **colorido** (não só os Elvis e Marilyn mas também o Joseph Beuys, polvilhado com «diamond dust», de 1980).

O colorido, aliás, é esse «surplus» em que como **ficção** (brilho: artifício) a morte se constitui. «Um infinito no finito»: esse momento em que ainda vibra (irradia) o signo, o máximo que nele pode ser contido antes ainda que exploda o Signo. Efeito de **néon** (em que tudo se satura, é dado prestes a rebentar, a explodir — vejam-se as cores — no signo) antes ainda que se (auto)curtocircuite (funda) o fio (o signo). A morte seria esse momento (esse retorno a um **contínuo**) em que se fundem os sentidos. O colorido (a vida) o exceder dos possíveis: o **ultra** do próprio «realismo» (do figurativo) que **transcende** a figura. Quero eu dizer, com isto, que o colorido está lá a referir que só a ficção (o suporte) de uma **funcionalidade** (ou «necessidade» faz da morte uma dicotomia a preto-e-branco, pelo contrário, o que A. Warhol nos diz é que o negativo do negativo (ou seja, a recusa dessa ideologia funcionalista) não é a sombra mas o **colorido** (e por isso mesmo ele é a **aura** do ícone: o que constitui, suporta, uma relação particular de significação — de **epifânia** — e de sentido).

Houve um momento, contudo, em que para Warhol a «morte» deixou de ser um **motivo pop** da sua pintura.

A partir de 3 de Junho de 1968: data do atentado perpetrado por Valeria Solanas de que ele, nas instalações da Factory, foi vítima.

A partir de então, a **espectacularidade** da encenação da morte dá lugar a uma cada vez maior **especularidade** (que se reverte e regressa a si, em torno da sua própria imagem e figura), de tal modo que o que antes fora sobretudo um exterior, agora, **se interioriza** (a cor dá lugar ao **duplo** e à **sombra:** cf. «The Shadow», na série dos **Mitos** de 1981 e toda a série **Shadows,** de 1979). Dizer isto, contudo, é talvez ainda não ter detectado a re-versão do processo no que ele tem de mais íntimo: com efeito, não há tanto uma «interiorização» como seria preferível escrever que é o próprio interior que a partir de si mesmo, por uma espécie de **autoindiciação** — do qual ficam visíveis à superfície os índices **expressivos** — se exterioriza: isto é, a partir de si mesmo, num processo que é quase o de um **volvo,** se constitui um exterior que não é tanto o de um «fora» como a sua própria face interna (o reverso?), **contida.** A melhor radiografia de todo este processo (que é **clínico:** já que se trata de uma ferida que **se cicatriza** — de uma ferida que a partir do seu próprio processo orgânico se auto-regenera / delega / substitui numa série de marcas, cicatrizes) foi a que Richard Avedon tirou de Warhol na altura **(Foto 1).**

Compreendemos também o sentido (obitual) desta mutação ao vermos as séries (sobretudo de serigrafias) que continuam a trabalhar com a policromia e o colorido: em particular as **Espécies em perigo,** de 1983 (uma casa omissa nesta série — ao contrário do que sucedia, já o vimos, com os **Mitos** — é precisamente a sua). Nestes «ícones», já não temos a **aura** (a irradiação-dada, por exemplo, pela saturação da cor) mas, um pouco como sucede com o gótico medieval tardio, o seu sentido (póstumo) perdido. Não propriamente «ícones» mas **ex-votos,** seres empalhados, fósseis (A arqueologia, bem podemos dizê-lo, tende aqui a substituir o mito; veja-se, noutras sequências mais recentes, os **Dez retratos de Judeus do Séc. XX,** de 1980, ou as **Rainhas Reinantes,** de 1985).

Mais interessantes, deste ponto de vista, são as alterações que na representação do seu próprio corpo (nome, figura: já vimos, **mito**) então podemos dar conta.

Por um lado, o que não deixa de ser curioso, a tendência (gritante: ainda que se trate de um grito seco, contido) para um certo **abstraccionismo expressionista** (em que o uso da cor tanto pode funcionar por **defeito** — «**Shadows**» e a sua própria interferência, como a **Sombra,** na série dos **Mitos** — como por **excesso,** associando-se então frequentemente à irrupção do traço ou da caligrafia — toda a sequência **Skulls,** de 1976, ou muitos dos retratos dos anos 70), por outro, a insistência — do ponto de vista da fixação das formas e dos motivos — de um expressionismo **(gótico)** arcaizante que se toma a si mesmo como forma (de dramatização) e de sentido.

É aquilo que designamos como a passagem, na obra de A. Warhol, do **estado da encarnação** ao das figuras (tropos: ao mesmo tempo especulares e reificantes) do **jazente** (ou seja, o estado não só de coisificação / petrificação mas também de **tumulização** da sua figura). Processo cuja evolução podemos ir detectando compulsando simultaneamente algumas fotografias suas, a de Richard Avedon (Foto 1) corresponderia ainda ao **estado de encarnação,** a de Helmut Newton (Foto 2), corresponderia já ao estado da **tumulização** do seu corpo (como um seu índice mudo, fixo).

Num estado como no outro, aliás, o que temos é sempre um processo típico de **histeria.** De início, é o corpo (o corpo desfuncionalizado, ferido) que gera os seus próprios sintomas (índices: feridas), depois, uma vez testada a diferente operacionalidade das várias combinações desses índices possíveis, adaptando a figura do jazente, continua a ser através deles que o autor **ensaia** a sua própria morte, entendida esta menos como uma «descontinuidade» do que como uma prática (exercício: discurso) de **mimetismo** do signo (Uma vez **reduzido,** o problema da morte passa cada vez mais a ser o da re-integração de um sinal num **sistema** de signos. Processo de «espera» de uma «assimilação' que seria em tudo semelhante ao preconizado — para a manifestação / revelação do Ser no Sujeito — por Heidegger: cf. «Entretien. Pour suvir de commentaire à **Sérénité**», in **Questions III,** Gallimard, pp. 204-7).

Trata-se, como é evidente, de uma **ficção** — e de uma **utopia.**

Mas se tudo é uma **pose,** uma **ficção** (veja-se, deste ponto de vista, o filme **Mishima** de Paul Schraeder-particularmente a sua 2.ª parte, «Art»), restar-nos-á, talvez, a ilusão ou a morte) a descontinuidade se tenha apossado de nós para que um único contínuo (seja ele o pânico ou o do nulo) por fim se reconstitua. À aparente fatalidade (diga-se assim) de um destino de Sujeito opusemos (ou substituímos-lhe) a possibilidade de um estado de coisas que, por si, inutilizaria a referência a qualquer destino.

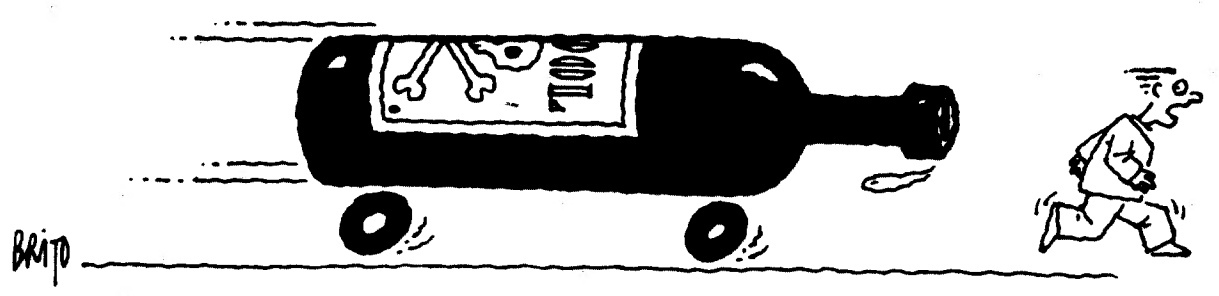
Alguns dão o nome de **serenidade** («um estado igual da alma» que corresponderia a uma **igualitarização** do Sujeito na «presença das coisas») a esta **redução** do percalço («HUMANO; demasiado humano») do que nos singulariza (Um processo de **redução de si, em que coabitariam os processos da Assimilação — próprios do Homem — e de Constituição — próprios das coisas: segundo M. Heidegger, «Sérénité», op. cit., p. 117 e p. 208). A renúncia de si, ao fim ao cabo, como um acto de Nobreza e uma Comemoração (não dita, oculta).**

Talvez seja esta, afinal, a cerimónia para que A. Warhol nos tem convocado ultimamente: enigma de que a figura do jazente na fotografia de H. Newton nos «sela» (reserva) o sentido mais oculto.

Fernando Guerreiro

O historiador face ao acontecimento

Em segunda edição, sai na Bertrand o «Fazer História 1», dirigido por Jacques Le Goff e Pierre Nora, com as preciosas colaborações de Michel de Certeau, François Furet, Paul Veyne, André Leroi-Gourhan, Henri Moniot, Nathan Wachtel, George Duby, Pierre Vilar e do próprio Pierre Nora. Do texto deste último, «O Regresso do Acontecimento», reproduzimos aqui um punhado de páginas.



A história dita «contemporânea» depende de duas imagens contraditórias: filha degenerada de uma história mais nobre — a da Antiguidade, da Idade Média e dos tempos modernos — e condenada a vegetar na sua sombra; soberana inspiradora de toda a interrogação sobre o passado, digna do interesse geral, visto que depositária dos segredos do presente. Nenhuma destas duas imagens é completamente falsa.

É verdade que, de modo algum, a história contemporânea encontrou a sua identidade e autonomia. Fruto da história puramente francesa, nasceu das reformas que Victor Duruy introduziu no ensino secundário, satisfazendo a censura imposta à história nacional pela Revolução. Estes três quartos de século eram apenas um seguimento, a duração da vida de um homem, em que os métodos científicos em vias de elaboração pouco podiam actuar.

Pouco a pouco, novas circulares, também legitimamente, podiam fazê-la partir dos inícios da III República, dos dias a seguir à Primeira Guerra Mundial ou à segunda: em caso algum seria atingido o princípio de continuidade.

No entanto, nenhuma época viu, como a nossa, o seu presente ser vivido de um modo já tão carregado de sentido «histórico». E só isto bastaria para a dotar de uma identidade, para libertar a história contemporânea da sua enfermidade. As guerras totais e as transformações revolucionárias, a rapidez das comunicações e a penetração das economias modernas nas sociedades tradicionais, em resumo tudo o que se costuma entender por «mundialização» assegurou uma mobilização geral das massas que, na retaguarda dos acontecimentos, representavam outrora os civis da história; entretanto, os movimentos de colonização e pós-descolonização integravam na historicidade de tipo ocidental sociedades inteiras, que, ontem ainda, dormiam o sono dos povos «sem história» ou o silêncio da opressão colonial. Esta vasta democratização da história, que confere ao presente a sua especificidade, possui a sua lógica e as suas leis: uma delas — a única que gostaria de isolar aqui — é que a actualidade, essa circulação generalizada da percepção histórica, culmina num fenómeno novo: o acontecimento. A sua aparição parece datar do último terço do século XIX, ou seja, entre a guerra de 1870 e o incidente de Fachoda; em França, entre a Comuna e o Caso Dreyfus.

É impossível não relacionar a aparição rápida desse presente histórico, feito do sentimento de participação das massas no destino nacional, com o esforço de uma geração de historiadores positivistas para criar, na mesma altura, uma escola histórica propriamente científica. Ora, todo o trabalho dos positivistas consistiu precisamente, por um lado, em fundamentarem a história no estudo do passado, cuidadosamente separado do presente; por outro lado, em rechearem esse passado por um encadeamento contínuo de «acontecimentos». «A história só nasce para uma época quando esta estiver inteiramente morta; o domínio da história é o passado.» Animada pela ambição de transportar para o domínio das ciências sociais os métodos das ciências experimentais, esta equipa de historiadores apenas procurou comprovar cientificamente um facto, reconstruí-lo pacientemente, a fim de reapreender todo o passado através de uma série de acontecimentos, eles mesmos constituídos por uma reunião de factos, e reconduzir a descontinuidade de acontecimentos únicos à cadeia de uma causalidade contínua. Tudo se passa, assim, como se os positivistas tivessem retirado do presente o principal dos elementos que deviam modelar a sua feição, mas para lhe rejeitar a validade exclusiva no passado; como se tivessem, eles, para quem o historiador não devia pertencer a qualquer época ou país, acusado o golpe do presente, mas para lhe exorcismar inconscientemente os juízos, concedendo ao acontecimento direitos de cidadania somente num passado inofensivo. Com a condição de que o presente, dominado pela tirania do acontecimento, fosse proibido de permanecer na história, estava compreendido que a história seria construída sobre o acontecimento.

As modalidades desta distribuição, as consequências deste choque de civilização, por importantes que sejam, não nos interessam aqui. O essencial, para se definir esse estatuto de acontecimento, é sublinhar esta modificação. Os positivistas santificaram com o selo da ciência, ao mesmo tempo que inauguraram uma tradição que fazia do historiador o grande coordenador do acontecimento, o pigmaleão que lhe confere ou não o *dignus es intrare*, no momento em que...

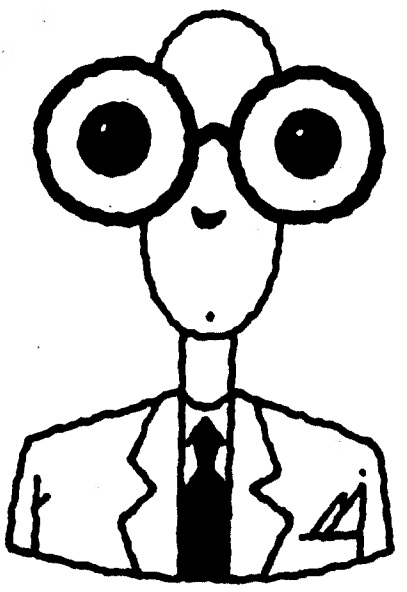
Era aos *mass media* que começava a pertencer o monopólio da história. A partir de agora, pertence-lhes. Nas nossas sociedades contemporâneas é através deles, e só através deles, que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos.

Mas não basta dizer que aderem ao real ao ponto de dele fazerem parte integrante e que nos restituem a sua presença imediata que lhe despojam os contornos e peripécias, que constituem o inseparável cortejo. Imprensa, rádio, imagens agem apenas como meios de que os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição da sua existência. A publicidade modela a sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que deles se fale. O facto de os conhecermos retrospectivamente, como a perda do poder por Mao Tsé-Tung depois do Grande Salto em Frente, é que constitui o acontecimento. O facto de que tenham tido lugar não os torna históricos. Para que haja acontecimento, é preciso que ele seja conhecido.

Eis porque as afinidades entre tal tipo de acontecimento e tal meio de comunicação são tão intensas que nos parecem inseparáveis. Como não relacionamos a difusão de uma imprensa de grande tiragem, por exemplo, a constituição de uma classe média de leitores pela instrução primária obrigatória e a urbanização dos fins do século XIX com os escândalos dos inícios da III República, o caso do Panamá, a importância concedida à vida pública e parlamentar, a querela do laicismo, a rivalidade das nações europeias, em resumo, o próprio estilo de que se revestiu a vida pública? Assim, o caso Dreyfus talvez constitua, em França, a primeira irrupção do acontecimento moderno, o protótipo dessas imagens de Épinal saídas completamente armadas do ventre das sociedades industriais e cujos exemplares a história contemporânea não cessará de reproduzir, a partir de uma matriz comparável. Rumores iniciais, exploração do silêncio por uma imprensa de oposição de direitas, paralisia insistente da informação oficial («Não há caso Dreyfus»), compromissos adivinhados nas esferas do Poder, racismo popular, implicação dos dois grandes corpos mais considerados, o Exército e a Justiça, num momento crítico para o regime republicano, grandes princípios abstractos postos em causa em torno de uma só cabeça, dicotomia do mundo em bons e maus, expectativa alimentada por falsos documentos e confidências em série, apelo à opinião por carta aberta e manifestos, aparição significativa do neologismo «intelectual» que assinala uma nova função social mediadora da opinião de massas , o caso Dreyfus tudo tirou da imprensa e tudo lhe deu . O seu papel não diminui com a concorrência. Só nele parece recair um tipo de acontecimentos: aqueles em que os factos se furtam e apelam para a crítica da informação, a confrontação das testemunhas, a dissipação do segredo mantido pelos desmentidos oficiais, o pôr em causa de princípios que fazem apelo à inteligência e à reflexão, apelo obrigado a um acontecimento prévio que só a imprensa escrita pode fornecer e recordar. Porque do jornal local ao quotidiano nacional, do órgão de grande tiragem ao semanário de opinião, só o que é impresso dispõe de uma gama de virtualidades sem rival, um leque excepcionalmente rico de manipulação da realidade. Assim, a guerra da Argélia não pertence inteiramente à imprensa, mas episódios particulares, como o problema das torturas ou narrativas das negociações continuam-lhe especialmente ligados. Qualquer Watergate, na sua fase de divulgação, depende da imprensa, antes de se pôr em movimento, na fase judicial, na televisão.

Outros fenómenos históricos, pelo contrário, surgem primeiro na rádio. Uma boa parte do período entre as duas guerras, a Segunda Guerra Mundial foram conhecidas auditivamente. Uma certa época da história contemporânea começa com as conversas democráticas, que Roosevelt inaugurou, com os discursos coléricos de Nuremberga, que o próprio *écran*, no estrangeiro, talvez tivesse morto pelo ridículo ou pela certeza das suas consequências. Uma outra começa para os Árabes com os discursos de Nasser; ainda outra, para o Congo dos anos 60, em que bastava a um estadista negro poder afirmar através das ondas que havia tomado o Poder para que o Poder lhe pertencesse efectivamente. Palavra radiofónica, que joga ela mesma em vários níveis. É ela que primeiro assegura a importância do acontecimento, caracterizada pela quantidade de palavras que desencadeia: voz que informa, explica, comenta, critica, parafraseia, extrapola, conjectura, eco público de conversações privadas e, por vezes, veículo único da modernidade. Frantz Fanon demonstrou o papel revolucionário desempenhado pela voz dos Árabes na Argélia em guerra , e sabe-se que função de instrumento de penetração da história o transístor continua a desempenhar no continente africano. Mas é a própria história, pela voz dos actores, a quem a rádio permite falar, reactivando assim, em grande escala, o mais potente motor da história desde os profetas e oradores gregos. Os *mass media* transformam em actos aquilo que poderia ser apenas palavra no rar, dão ao discurso, à declaração, à conferência de imprensa a solene eficácia do gesto irreversível. Maio de 1968 foi, sabe-se, o festival da palavra actuante; todas as formas coabitaram, a fim de constituírem o acontecimento em si : palavra dos *leaders* e palavra anónima, palavra mural e palavra verbalizada, palavra estudante e palavra operária, palavra inventiva ou citativa, palavra política, poética, pedagógica ou messiânica, palavra sem palavras e palavra-ruído, na noite das barricadas do bairro estudantil, onde os transístores repercutiram instantaneamente nos quatro cantos da província nocturna os incidentes que se tornavam acontecimento, até ao discurso de 30 de Maio do general De Gaulle, que não surgiu no pequeno *écran* mas cuja voz olímpica encerrou precisamente o acontecimento.

Pierre Nora



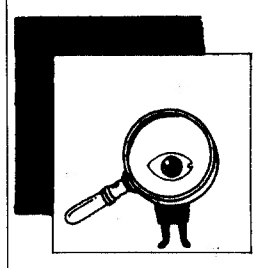
Acabados de Chegar

■ **Foto/Maton, Vasco, Ed. Moraes**

Uma colectânea de conversas com 36 pessoas de relevo da literatura, da política, do teatro, do jornalismo, do desporto, da pintura, do cinema..., todas elas acompanhadas da respectiva caricatura. Diz o autor que «as conversas recolhidas neste livro tiveram lugar entre 82 e 83 para acrescentar: «numa releitura de agora não senti mudanças tão fortes que envelhecessem decisivamente os meus esboçados retratos...a obrigassem a novos textos». No entanto, Vasco confessa que «uma ligeira frustração ficou...são 36 os «foto/maton, quando poderiam deveriam...ser 360». Eis alguns dos nomes retratados: Vergílio Ferreira, Maria Belo, Júlio Pomar, Graça Lobo, Palma Inácio, João Botelho.

■ **O Jardim de Cimento, Ian McEwan, Gradiva**

São quatro irmãos, mas três deles formam um mundo onde todos os outros, inclusive os pais, surgem como intrusos...um livro onde o terror e o erotismo se misturam. McEwan nasceu em Inglaterra, tem 19 anos, e em 1976 foi-lhe atribuído o Prémio Somerset Maugham.

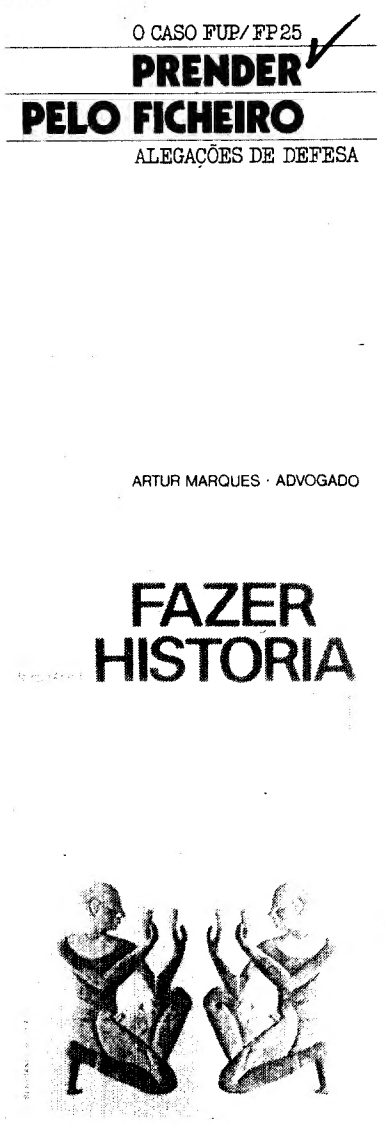


■ **Horizonte Perdido, James Hilton, Publicações Europa América, Col. Livros de Bolso**

Um acto de pirataria aérea, praticado nos anos 30, leva três ingleses e um americano ao encontro de um mundo ignorado: o vale da Lua Azul, onde se situava a lamasaria de Xangri-La, cujos elementos tinham na moderação um postulado, mas cuja vocação ultrapassava os limites de uma qualquer religião...

■ **Cartas Sem Moral Nenhuma, M. Teixeira-Gomes, Bertrand, Editora, Col. Obras Completas de M. Teixeira-Gomes**

No prefácio a esta edição, Urbano Tavares Rodrigues, afirma: «Cartas Sem Moral nenhuma é, na obra de M. Teixeira-Gomes, um dos livros mais aliciantes pela constante aliança das estesias e da ironia sarcástica, pela frescura de certas emoções e fantasias». São cartas de viagens, que foram publicadas pela primeira vez em 1903 e cujo título valeu ao autor várias ofensas e calúnias.

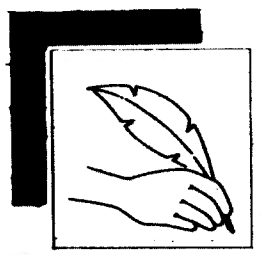


■ **História Mundial da Arte — 1 e 2.°s, Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e jane Gaston Mahler, Bertrand Editora, Enciclopédia de Bolso**

Os três autores desta obra, que tem seis volumes, são professores da Universidade de Columbia. No primeiro volume, que abrange a Pré-História e a Grécia Antiga, os analistas dividem a análise e interpretação por sete capítulos, entre os quais a Pré-História, o Egitpo e a Grécia. O segundo volume, vai dos Etruscos ao fim da Idade Média e nele encontram-se tópicos como o Mediterrâneo Ocidental, Roma, Inícios da Arte Cristã, entre outros. Os livros agora publicados são, respectivamente, a 9.ª e 8.ª edições.

■ **Fazer História — 1 e 3 sob a direcção de Jacques la Goff e Pierre Nora, Bertrand Editora, Col. Tempo Aberto.**

Esta obra está dividida em três volumes: o primeiro que se refere a «Novos Problemas», o segundo a «Novas Contribuições» e o terceiro a «Novos Objectos». Segundo os responsáveis da obra, a sua novidade parece residir nesses três processos: «novos problemas põem em causa a própria história; novas contribuições modificam, enriquecem, transformam os sectores tradicionais da história; novos objectos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história». É uma obra colectiva que no seu 1.° Volume, agora reeditado entre nós, conta com a participação de Michael de Corteau, André Leroi-Gourhan, Pierre Nora, entre outros. Quanto ao 3.° volume, em 1.ª edição, o destaque para os artigos de Emmanuel le Roi Ladurie, Jean-Pierre Peter e Jacques Revel, e Marc Ferro.



■ **Arquivos do Centro Cultural Português de Paris, Fundação Gulbenkian, vol. XXII.**

Saiu o volume XXII dos «Arquivos do Centro Cultural Português de Paris» da Fundação Gulbenkian. Prefaciado pelo director do Centro, José-Augusto França, este volume, de 634 páginas, divulga as palestras proferidas por Joel Serrão e Hélder Macedo numa sessão comemorativa do centenário de Cesário Verde, e diversos estudos e ensaios cobrindo diversos períodos da História e da Literatura portuguesas. Gérald Duverdier, Alain Déculières e Jean-Luc Camilleri são autores de textos dedicados à Índia. Outros autores franceses e portugueses tratam temas relativos à literatura portuguesa dos séculos XIX e XX. Destaque para um trabalho de História de Arte sobre o «Torreão do Paço da Ribeira nos séculos XVI e XVII», da autoria de Barbara von Barghahn e Annemarie Jordan.

Este XXII volume inclui ainda uma zona de notas e documentos, onde assume realce o trabalho de Marie Helène Piwnik, que recolheu e comenta a valiosa correspondência entre Gregório Mayáns e Frei Manuel do Cenáculo.

■ **O caso FUP/FP-25: Prender pelo Ficheiro, edição do autor, advogado Artur Marques.**

Com uma tiragem de 2500 exemplares e distribuição a cargo da Livraria Nova Cultura, de Braga, o advogado Artur Marques acaba de editar um livro de 203 páginas com as alegações orais que proferiu no julgamento do chamado caso FUP/FP-25, acrescidas de algumas notas «destinadas a facilitar a compreensão de algumas matérias talvez menos conhecidas do público».

Como o próprio título dá a entender — «Prender pelo Ficheiro» — Artur Marques põe em causa, neste seu livro, muito do que se passou na instrução do processo das FP-25, e que classifica como «actos graves que se cometeram sem qualquer oposição dos legítimos representantes do Estado».

Independentemente do posicionamento de cada um face ao caso FUP/FP-25 — cujo julgamento está próximo do fim com a leitura da sentença prevista para Abril — este «Prender pelo Ficheiro» é obra a ler com atenção por todos os que queiram estar bem informados sobre tal questão.

■ **Amor Maltês, Fernando Fitas, ed. Caso.**

Capa de Gama Kira, gravuras de António Jeromito, introdução de Eduardo Olímpio: estes poemas de Fernando Fitas seguen-se a **Canto Amargo,** de 1978. O autor tem para publicação uma novela, **Terra deserta.**

■ **Levantamento de Rancho, H. G. Ferreira e M. W. Marshall, ed. dos autores.**

Versão portuguesa da peça em três actos «Law and Disorder», inspirada na revolução portuguesa de 1974/75. Os autores escreveram também «Portugal's Revolution, ten years on», publicado pelas edições da Universidade de Cambridge e centrado em entrevistas com oficiais do MFA.

■ **Os passos encobertos, Rocha de Sousa, ed. Figueirinhas**

Conhecemo-lo como pintor desde 1964, a este Rocha de Sousa, professor agregado na ESBAL e membro da secção portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte. E também como crítico de arte no antigo *Suplemento Literário* do «DL» e nas revistas *& Etc., Opção, Sema, Artes Plásticas* e *Colóquio-Artes*.

Contos e uma peça de teatro davam, dispersos em periódicos, conta de uma vocação suplementar de ficcionista, que agora *Os Passos Encobertos* vem confirmar.

O texto, escrito na primeira pessoa, é um conjunto de memórias íntimas dirigidas a vários «tu» femininos, que têm por cenário — e por vezes por tema — o Portugal pós 25 de Abril. O pintor, que concebeu a capa do livro e o ilutra, sentiu necessidade de mudar de registo, de abranger um universo ficcional de que a pintura não pode dar conta.

O eu nos outros

Impressões digitais

«*A*inda muito tempo há-de correr até que a minha imagem desapareça para sempre dos teus olhos...» Eurico suspendeu a leitura da carta, cerrou os olhos, chamou a si a imagem de Zulmira. Viu-a como ela o tinha sempre sensibilizado ao longo de um Verão para outro Verão, de um Inverno para outro Inverno, de um dia de sol para um dia de chuva: enrodilhada de frio, «jeans», camisolas de lã, sentada à pequena mesa em que estudava, os livros necessários à disposição, a máquina de escrever obliquamente à direita, o branco do papel à esquerda, uma jarra com flores afastada lá para o fim, quase a quebrar-se na alcatifa acastanhada... De todos os quadros que de Zulmira tinha na memória (e tantos eram, tantos!) esse era o que mais o preenchia, a um tempo lhe ofertando calor e ternura. Acendeu um cigarro, voltou ao passo da carta que, por lembranças, tinha interrompido: «Ainda muito tempo há-de correr até que a minha imagem desapareça para sempre dos teus olhos. E sabes tu porquê, meu eterno distraído, ó tu com o pensamento atirado ninguém sabe para onde, se para as profundas da terra, se para os altos dos planetas, se submerso no interior de ti mesmo...? É que as minhas impressões digitais encontram-se ainda nas lentes dos teus óculos. Lembras-te como foi, não te lembras...?» Eurico sorriu-se, pôs-se a contemplar as lentes, os óculos nas mãos. Lembrava-se, sim. Eufóricos, um dia, tomados por um raio de sol, a caminho das Azenhas o Mar, ele dissera que não via quase nada, tão intenso era o brilho do mar. Zulmira arrancou-lhe os óculos, correu para longe, gritou-lhe: «É dos teus óculos. Não tos vou limpar... Vou pôr nas lentes as minhas impressões digitais! Assim, meu parvo, sempre me verás...» E rindo, dançando, fugindo, foi afaganndo as lentes, ora com um, ora com dois, ora com todos os dedos. Quando lhe entregou os óculos, num abraço, Eurico contemplou à luz finíssimos traços, subtilíssimas espirais, pontilhados diluidíssimos... Eram, sim, as impressões digitais de Zulmira nas lentes dos óculos. À noite, quando nos lençóis, ele escreveu um poema. Mas agora, que o tempo passara, ele tinha os óculos limpos (mesmo quando embaciados), e as impressões digitais de Zulmira tinham-se sumido para sempre. Oh, sim, tinham-se sumido para sepre... Leu o resto da carta num relance, a letra miudinha em compactas filas, suspirou: «Tocassem os teus dedos as minhas pupilas!».

Pedro Alvim